

P. Operária

E. P. 109
P. 0109



DESMENTIDO À CATEGORIA

Companheiros(as) Condutores de Veículos
Rodoviários e Anexos de São Paulo, Itapecceria e
Osasco

Rua Wenceslau Bras, 78 - sa'la 115 - Tel. 36-5531
C.E.P. - 01016 - São Paulo

A Chapa 2 publicou no seu Boletim nº 3 matéria envolvendo a Pastoral Operária. Neste Boletim eles afirmam que a P.O. tem a posse de uma suposta gravação comprometendo membros da Chapa 3 (oposição). Nós da Pastoral Operária desmentimos categoricamente a posse de tal fita e jamais ouvimos gravação com tal conteúdo.

Denunciamos o uso indevido e sem escrúpulos do nome da PASTORAL OPERÁRIA pela Chapa 2 e repudiamos qualquer grupo que usa de certos expedientes, tentando com isso enganar esta CATEGORIA.

É princípio da PASTORAL OPERÁRIA apoiar a autêntica organização dos trabalhadores na construção de um sindicato livre e comprometido com os reais interesses da classe operária.

A posição da PASTORAL OPERÁRIA é apoiar, entre os CONDUTORES, todos os que desejam a construção deste sindicato COMBATIVO.

COMISSÃO EXECUTIVA DA PASTORAL
OPERÁRIA DA ARQUIDIOCESE DE S. PAULO

A causa principal dessa situação era a enorme concentração de terra (em especial através de Herodes) nas mãos de poucas famílias, e cuja produção destinava-se à exportação pelo porto de Cesaréia. Nesta cidade ficavam as tropas romanas. Os romanos e as elites da terra brigavam entre si pelas maiores fatias na exploração. Havia um imposto romano e um imposto sacerdotal. Isto forçava muitos agricultores à pobreza e à aliança com os zelotes que negavam o pagamento de imposto aos romanos. Alguns poucos (herodianos e saduceus) subiam na vida às custas do empobrecimento das maiorias. Esta situação era sustentada por forte repressão (Herodes elimina sua própria esposa) contra qualquer movimento que pudesse vir a ser um foco de poder alternativo.

Os fardos pesados colocados nos ombros dos homens, como nos fala o trecho de nossa reflexão, referem-se a esta dolorosa situação. O fardo mais pesado era a política econômica. Hoje não só a política econômica como também as leis que querem justificar essa política recaem sobre os ombros dos trabalhadores.

REFLITA

1. Como o povo estava acostumado a interpretar os "fardos pesados?" Como você a complementar?
2. Qual é a semelhança entre os tempos de Jesus e os de hoje? Como a fé deve responder aos tempos de hoje?



O MUNDO DO TRABALHO

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO - MAIO.89

O PORQUE DAS GREVES

A classe operária levou um tapa na cara do governo Sarney com a medida provisória nº 50 que regulamenta o direito de greve. O governo disse: vai trabalhar, vagabundo! Resta saber se o pamonha desse Congresso aprova a medida como está escrita para que os trabalhadores façam o que o governo anti-operário quer: que os trabalhadores enfiem o rabo pelas pernas e produzam riquezas para os donos do poder. Privilégios são mantidos assim: autoritariamente e fim de papo. Quem pode mais, chora menos, infelizmente.

O governo anti-operário definiu o que são as "áreas essenciais" da economia, aquelas onde greve nunca vale. Para ele, as áreas essenciais são quase todas porque nelas se alicerça o poder econômico das classes dominantes. É ali que a fraqueza do capital e a importância do trabalho se mostram; é ali que se dá a maior taxa de exploração da força de trabalho. Os donos do poder não podem abrir mão dessas áreas essênci

ais; seria repartir o poder econômico de maneira justa, e isso, nem pensar. Para a burguesia e seu governo a "área essencial" é manter a economia sob a força do capital.

Quais são as "áreas essenciais" para a classe trabalhadora? A primeira e principal é a sua própria força de trabalho da qual a burguesia se julga dona e trata como mercadoria. Por sua própria força o trabalhador produz sua sobrevivência, e reproduz também as condições para avançar sua vida. Esta reprodução se traduz em saúde, educação, lazer, cultura. Essas são as "áreas essenciais" para a classe operária. Essas áreas não interessam aos capitalistas; para eles interessa manter sua os "meios de produção" (inclusive a força de trabalho) e os frutos que daí advém. O que o trabalhador tem é sua força de trabalho; para defendê-la ele cruza os braços. É a greve. A força da greve é o que mais assusta o capitalista. Ela desfaz a ideologia de que o capital é fundamental para a economia. Contra a greve ele usa de qualquer força, e não se envergonha disso. O trabalhador que vá para o inferno, mesmo que é dele que mais precise.

PARA REFLETIR

1. O governo disse: vai trabalhar vagabundo! Você aguenta isso? Como reagir?
2. O que são áreas essenciais para os trabalhadores? Por quê?
3. Nos ônibus e trens lotados é comum se ouvir dizer que greve não leva a nada, que só atrapalha e ainda por cima acaba em prejuízo; por isso é melhor trabalhar, é tocar o barco. Como você responde a isso?

REFLEXÃO BÍBLICA

Mt 23, 1-4

A situação social em que se encontrava a Palestina nos tempos de Jesus era desoladora. O desenraizamento econômico e social era um processo desumano: "nós tudo deixamos e te seguimos" (Mt 10,28). Na realidade nem tinham muito a abandonar: eram "cansados" e "sobrecarregados" (Mt 11,28), um "cego mendigo" (Mc 10, 46-52), um "endemoninhado" (Mc 5, 14-20). Esta situação de desenraizamento era grande na Palestina da primeira metade do primeiro século. Havia muita gente em busca de novas bases para sua vida. A emigração, principalmente para o Egito era maciça; muitos buscavam refúgio em comunidades como a de Qumrã. Muitos colonos endividados se tornavam salteadores (Lc 10,30); outros tantos simplesmente se tornavam esmoleiros e mendigos. Também não faltavam profetas que levavam esses enraizados ao deserto, em busca de novas propostas para a sociedade ou à espera de grandes milagres. João Batista é um exemplo disso.

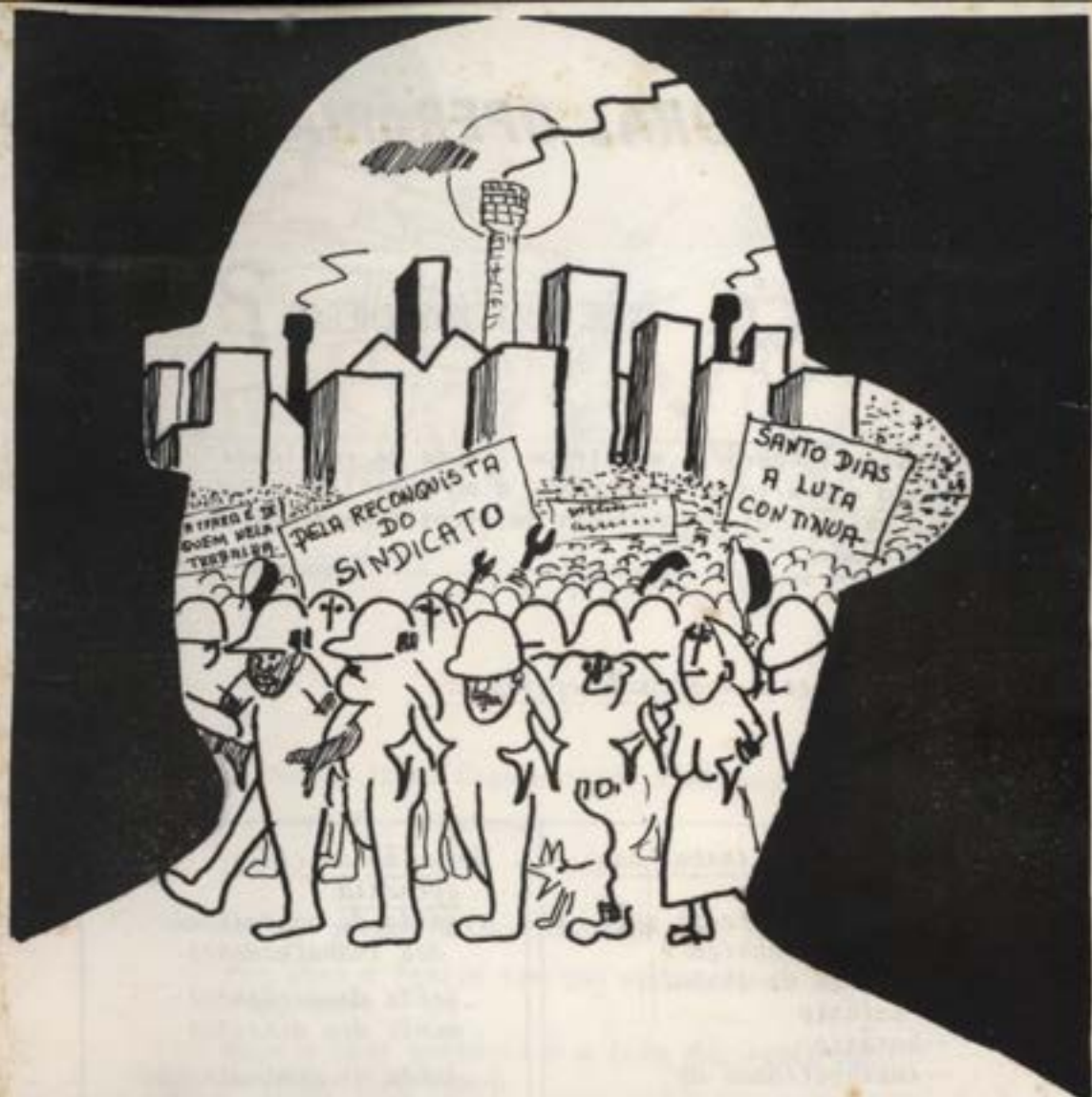


SINDICATO

Faint, illegible text from the reverse side of the page, appearing as bleed-through.



PASTORAL NO MUNDO DO TRABALHO
Arquidiocese de São Paulo



PASTORAL OPERÁRIA

O QUE É ?

Caras Opc
P. 0304

PASTORAL OPERÁRIA

POR QUE ? ONDE QUEREMOS CHEGAR ?

A Pastoral Operária existe por causa da realidade do mundo operário em São Paulo e no Brasil inteiro e das exigências evangélicas de transformação da sociedade.

A. Como é esta realidade operária?

A Exploração do trabalhador

- .. injustiças causadas pelo regime de fábrica e condições de trabalho:
 - salário
 - horário
 - instabilidade no emprego
 - insalubridade, etc.
- .. falta de liberdade sindical
- .. opressão e dificuldades causadas pelas estruturas do regime atual

Desunião da classe operária

- .. falta de organização dos trabalhadores
- .. falta de esclarecimento dos direitos
- .. falta de consideração da importância do trabalho para a vida do trabalhador e sua realização como pessoa.



B. O Evangelho de Jesus Cristo exige a mudança desta situação injusta. Por que?

- Cristo pregou a dignidade de todo homem
- Por isso a Igreja tem que estar a serviço dos explorados
- Hoje a luta operária é a luta dos explorados para sua libertação
- O Evangelho exige participação
- O Evangelho dá força na luta da classe operária
- A Igreja descobriu que se afastou da classe operária
- A Pastoral Operária dá vez e voz aos operários
- A Pastoral Operária é um meio pelo qual os operários cristãos podem assumir seu compromisso com a luta operária

II O que a Pastoral Operária pretende?

A Pastoral Operária pretende animar as pessoas a se engajarem na transformação da sociedade à luz do Evangelho.

A Pastoral Operária usa os seguintes MEIOS:

A. A Pastoral Operária procura CONSCIENTIZAR:

enxergar a realidade, despertar para um compromisso, alertar, libertar, ver sua realidade à luz do Evangelho, consciência de classe. Conscientizar os padres e as freiras para darem mais apoio.



B. A Pastoral Operária pretende dar uma FORMAÇÃO:

evangélica e política, encarnar o Evangelho na vida do povo, formação de militantes para a luta operária. Quem tem a fé como arma na luta supera as dificuldades.

C. A Pastoral Operária leva a um CONHECIMENTO:

dos direitos do trabalhador, das causas de sua situação.



D. A Pastoral Operária DENUNCIA:

as injustiças, a exploração dos patrões, a concentração de renda.

E. A Pastoral Operária quer a UNIÃO:

de todos os trabalhadores, solidariedade, grupos nas paróquias, união da classe operária a partir dos problemas comuns. União do operário dividido pelo sistema capitalista. União do operário urbano e do campo.



F. A Pastoral Operária pretende ORGANIZAR:

- formar grupos de operários nos bairros
- despertar operários para uma participação consciente e crítica nas comissões de fábrica, no movimento sindical, e nas reivindicações de bairro
- ela não é um órgão representativo de classe mas um meio de tomada de consciência, de valorização de si e da classe alicerçado na palavra de Deus
- a partir das organizações existentes, não fazer grupos paralelos e não dominar a organização e a luta, mas incentivar a mudança de uma mentalidade individualista para uma mentalidade de classe
- agir sem "queimar" etapas
- buscar soluções juntos (isso tira o medo)



HISTORIA do Povo de Deus

A Pastoral Operária se baseia, por um lado, na realidade do mundo operário, onde há falta de liberdade, injustiça, sindicatos atrelados ao governo, desunião entre os operários...mas onde se manifesta e se fortalece o desejo de quebrar o sistema capitalista. Por outro lado, a Pastoral Operária vem da realidade da Igreja que incentiva os cristãos a assumir um compromisso mais firme com as lutas operárias. A Pastoral Operária parte de uma Igreja renovada, embora muitos cristãos tenham dificuldade de aceitar uma luta operária.

Isto porque na história da Igreja há duas correntes: a corrente evangélica do povo oprimido e a corrente espiritualizante da classe dominante que divide a vida da fé. Por isso há "duas igrejas", a igreja dos patrões que se chamam cristãos, mas exploram seus empregados, e a igreja dos oprimidos. A atitude do Cristão depende da ótica pela qual ele lê o Evangelho -- a ótica do opressor ou a ótica do oprimido.



Até o Vaticano II a Igreja perdeu a classe por não ter se comprometido de maneira clara com as suas lutas. A fé é uma maneira de amar e lutar. A Igreja não tem um projeto social mas leva os cristãos a assumirem a luta seguindo os princípios do Evangelho. Os Documentos sociais da Igreja tornam explícito estes critérios, como, por exemplo:

- o bem comum
- a marginalização como negação do bem comum
- a liberdade e segurança
- o desenvolvimento integral do homem e de todos os homens.

(Ver "Exigências Cristãs de Uma Ordem Política")

Hoje no Brasil a Igreja procura assumir um compromisso com os pobres e oprimidos. Mesmo assim as "duas igrejas" deixaram sua marca na classe operária.



Parece que essas duas realidades, Igreja e mundo do trabalho, constituem dois setores bem separados. A classe operária, quase por instinto, desconfia da igreja, mesmo quando ela procura se renovar. Muitos são os operários que vivem uma religiosidade popular que lhes vem das suas origens rurais. Esta fé se apresenta como assunto particular, individual, que não toca

profundamente a sua vida de trabalho. Esta fé também não se relaciona com a exploração do operário nem com suas lutas.

Quando o cristão percebe que a luta operária é uma exigência do Evangelho, ele pode sentir, num certo momento da sua vida, que não precisa mais do Evangelho nem da Igreja. Esta o ajudou a despertar para participar do movimento operário, mas agora é adulto e não precisa mais da Igreja para saber como agir.

LIBERTAÇÃO HUMANA LIBERTAÇÃO EM JESUS CRISTO

Em tudo isso, onde está a FÉ?

Não pode haver fé desligada da luta operária e política. Não se pode separar a fé da realidade operária.

Na Bíblia se descobre que a história da salvação está intimamente ligada à história do povo que luta para se libertar social e politicamente. Começou com a libertação do povo escravizado pelos Egípcios. Moisés foi o líder com que o povo se identificou para iniciar esse movimento.

Já na Terra Prometida, o povo que era um agrupamento de doze tribos que quis chegar ao nível de nação livre, autônoma, no estilo das outras nações vizinhas. A monarquia passou a ser o modelo da organização política que o povo queria. Conseguiu. Até chegou a idealizar o seu Rei, Davi.

Em Israel, no reinado de Salomão aparece a sociedade dividida em classes. Devido às obras gigantes de construção do Templo, do Palácio, das Fortificações de Jerusalem e de outras cidades militares, o povo foi obrigado a trabalhar forçado.

Essa exploração dos mais fracos foi crescendo no decorrer dos tempos e foi denunciada quase que permanentemente pelos profetas.

Na época em que o povo foi deportado na Babilônia, houve um esforço para restaurar a nação na sua pureza primitiva: acabar com a corrupção dos ricos e dar um novo impulso à prática da Lei religiosa que também servia como lei política. Com as infiltrações de culturas estrangeiras (grega, etc.) e com a dominação Romana, nasceram partidos religioso-políticos com projeto de Libertação Nacional. Alguns deles com luta armada: os Macabeus, os Zelotes.

Através dessa caminhada, o povo vai tomando consciência de sua força como POVO: libertou-se da escravidão no Egito mas percebeu, com a ajuda de Moisés, que a libertação não era apenas econômica ou política. O povo fez a experiência do deserto, a libertação atinge toda a pessoa. A gente deve também se libertar da mentalidade individualista, dos interesses particulares, da visão estreita.

Na medida em que o povo vai se organizando ele vai se unindo. Criando as leis que normalizam o relacionamento entre as pessoas e os grupos, o povo vai se definindo ideologicamente. Por exemplo: em Israel, as terras eram de todos. Deus era considerado o único dono. Quem tinha adquirido direito de posse devia se comportar apenas como o gerente dos seus bens. Na prática esse programa nunca foi aplicado mas ficava como um ideal.

Também através dessa caminhada o povo tomou consciência da Presença ativa de Deus, um Deus que faz Aliança com seu Povo, um Deus comprometido com a sua História, um Deus que luta ao lado do oprimido. As vitórias do povo eram as vitórias de Deus: "Deus nos libertou das mãos dos nossos opressores." O povo tinha fé que Deus só podia estar ao lado dos pequenos, dos justos, dos oprimidos.

Deus, porém, não aceitava tudo o que o povo fazia ou pensava: "Eu vi que vocês se fazem de valentes, de orgulhosos". "Vocês se desviaram do caminho que preparei para vocês."

A Fé ajudava o povo a se questionar sempre.

Assim o povo, ao longo da sua história, sonhou com um Messias, um homem mandado por Deus que viria libertar definitivamente o país, da opressão e restaurar a lei religiosa. Enquanto uma minoria esperava um chefe religioso, espiritual, a maioria sonhava com um rei que também seria chefe militar. Nisso se enganavam.

ACHEI O MEU
PROJETO DE
LIBERTAÇÃO



JESUS se baseia no profeta Isaías para mostrar ao povo que tipo de libertador era de se esperar:

"O Espírito do Senhor está sobre mim.

Ele me escolheu para anunciar a Boa Nova aos pobres.

E me mandou anunciar a liberdade aos presos,

dar vista aos cegos, por em liberdade os que são maltratados.

E anunciar o Ano em que o Senhor vai LIBERTAR seu povo."

(Lucas 4, Isaías 61)



Para entender melhor a missão de Jesus é bom saber que o "ano de graça", o ano em que o Senhor vai libertar o seu povo significa na Bíblia um ano em que se perdoa as dívidas, em que se acaba com a escravidão, em que se liberta os presos (anistia geral), e se reparte as terras.

Cristo não quis fugir dessa programação anunciada por Isaías. Ele se colocou claramente a serviço dos oprimidos, entrando na história do povo. Jesus trouxe a esperança de um mundo novo, através das lutas de libertação dos homens. Ele até chamou para dentro do grupo dos doze apóstolos homens que tinham ligação política com o partido de libertação nacional: Simão, o Zelote, e provavelmente Judas, o Sicário (iscariote = sicário armado).

A Igreja, à exemplo de Cristo, tem a mesma História que o povo, e as mesmas lutas, acompanhando os seus passos para a sua libertação, questionando os que tem o poder na mão para que não caiam na tentação de dominar. O PODER É DO POVO, E A SERVIÇO DO POVO.

A Pastoral Operária liga o Evangelho e a vida operária. É preciso descobrir a fé dentro da nossa luta. Isso não significa "colar" trechos da Bíblia no finzinho de toda reunião. Significa que precisamos refletir a nossa fé em determinados momentos, assim como refletimos sobre o movimento operário, a política, etc. Esta fé nos faz voltar sempre para o povo; não permite que fiquemos longes das bases. Precisamos refletir a nossa fé junto com outros militantes cristãos, comprometidos na luta operária. Ora, se a Igreja não pretende dirigir o movimento operário, pois isso pertence às organizações operárias, ela traz uma qualidade na luta que lhe vem de Cristo: a maneira de Deus lutar, a maneira de Deus fazer o homem novo e livre, a maneira de Deus quebrar o esquema de opressores/oprimidos ... enfim, a maneira de Deus AMAR.

~ X ~ X ~

CAMPOS DE ATUAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA

BAIRRO

POR QUE?

- é onde o operário vive e sofre as consequências do mundo do trabalho
- é o lugar onde a família vive
- onde há a possibilidade de viver em comunidade de moradia e de Igreja
- a pastoral atual da Igreja favorece o trabalho da Pastoral Operária
- há maior contato com todas as categorias
- é onde congrega pessoas de diversas experiências
- há facilidade de se encontrar
- há mais liberdade



SUGESTÕES PARA AÇÃO:

- congregar os operários para refletir a vida e a fé
- incentivar o trabalho de fábrica e a participação no sindicato
- incentivar a formação de grupos e comissões de fábrica
- conseguir novos militantes para o movimento operário
- esclarecimento sobre as Leis Trabalhistas, política salarial, história da classe operária, etc.
- formar militantes da comunidade para fermentar as fábricas e os sindicatos
- encontros de formação e capacitação para militantes atuarem na organização da classe
- formar grupos de apoio ao movimento operário
- participar das lutas de bairro que atingem as condições de vida do trabalhador

* * * * *

FÁBRICA

POR QUE?

- é onde o operário passa a maior parte de sua vida
- é onde ele é explorado, sofre os problemas econômicos
- é onde o militante vive junto com os companheiros os problemas comuns

-- é o lugar de decisões (greve)

-- é o centro de produção

-- é onde se concentra a classe trabalhadora que se relaciona diretamente com: condução, oposição sindical, trabalho de mulher, comissão de empresa, greve, profissionalização.



SUGESTÕES PARA AÇÃO:

-- buscar maior união entre os operários

-- formar grupos de fábrica, comissões de fábrica

-- conscientizar para participação no sindicato

-- organizar para conquistar participação nos frutos da produção (greve)

-- trabalho com operários jovens

-- promover troca de experiências (inter-fábrica, inter-categoria)

SINDICATO

POR QUE?

-- é o órgão representativo da classe onde se pode discutir as formas de organização

-- é uma entidade legal onde podemos reivindicar as nossas lutas

-- é o órgão de defesa dos operários

SUGESTÕES PARA AÇÃO:

-- incentivar e apoiar a organização das várias categorias

-- participar para que o sindicato se torne um órgão representativa da classe (o sindicato não está nas mãos dela mas precisa ser conquistada)

-- participar e fortalecer as oposições sindicais



Conclusão: Este trabalho é o resumo do encontro arqui-diocesano da Pastoral Operária realizada em 1978, cujas linhas gerais nos orientam até hoje. A Pastoral Operária acompanha os desdobramentos do movimento operário e da conjuntura política, e procura se posicionar diante das situações concretas. No geral, a nossa posição é a defesa dos interesses da classe operária e pela participação cada vez mais ampla da massa trabalhadora na criação dos seus instrumentos de luta:

VAMOS FAZER ALGUMA COISA ?

Já vimos que é um direito do operário criar sindicatos livres. Como podemos, então, pôr isso em prática ?

- conversando com outros companheiros e procurando esclarecê-los também.
- buscando juntos as formas para lutar coletivamente por nossos direitos.
- Essas lutas podem ser o começo das comissões das empresas.
- A participação consciente nas reuniões sindicais é também uma forma de lutarmos para transformar o sindicato num órgão representativo da classe operária.
- Nos bairros, também é possível treinar a união dos trabalhadores.

REFLETIR JUNTOS

O que você acha da história da classe operária ?

Que ensinamentos lhe traz ?

Nossos companheiros de trabalho conhecem essas experiências da classe operária ?

REVENDO A ÚLTIMA REUNIÃO

-O que nós descobrimos com a pesquisa junto aos nossos companheiros ?

-Como fazer para que esses companheiros descubram as experiências da classe operária ?

Igreja no Mundo do Trabalho - Pastoral Operária.
Arquidiocese de São Paulo - Av. Higienópolis, 890.

- SÃO PAULO -

IGREJA

no

MUNDO DO TRABALHO

30 NOV 1987

5

SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

SINDICATO:

UM POUCO DA HISTÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA



A força dos sindicatos

* No Brasil, eles são assim...

* Sindicatos e Direitos Humanos

UM POUCO DA HISTÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA

A classe operária, como existe hoje, começou a se formar com o nascimento da indústria há 200 anos aproximadamente. As condições de trabalho eram precárias. Trabalhava-se até 17 horas por dia, - inclusive mulheres e crianças.

Aos poucos, os trabalhadores foram se organizando nas empresas e começaram a reivindicar melhores condições de trabalho e a diminuir a jornada de trabalho. Das fábricas, passaram a se unir em organizações por ofício, por categoria profissional, etc.

Muitas foram as experiências da classe operária, até chegar à formação dos Sindicatos.

A grande força dos Sindicatos sempre esteve na organização dos operários nas empresas. Daí vem a organização em grandes centrais sindicais, a exemplo dos Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália e outros países.

No Brasil, o Sindicato surgiu também, com muita luta dos operários, no fim do século passado.

Até 1930, os Sindicatos no Brasil, eram livres organizações dos operários e sua força estava na organização nas empresas.

= 2 =



No Governo de Getúlio Vargas, os trabalhadores conseguiram o reconhecimento da jornada de 8 horas

por dia. Mais tarde, porém, o mesmo Getúlio liquidou com o Sindicato livre e criou uma nova organização sindical, baseada no modelo fascista de Mussolini.

O novo sindicalismo ficou então assim estruturado:



I - Não tem organização nas empresas. O delegado sindical e as comissões sindicais de empresa não são reconhecidas por lei. Assim os patrões podem dispensar qualquer operário, a qualquer momento, sem motivo algum, - mesmo que este operário seja um delegado sindical ou membro da CIPA.

II - Os Sindicatos estão divididos entre si. É proibido a organização

das Centrais Sindicais, como existem em outros países. Exemplo: o sindicato dos químicos de São Paulo não pode estar unido ao sindicato dos químicos de São Bernardo, Santo André ou Osasco ou outra cidade qualquer. Os sindicatos dos - Têxteis, Metalúrgicos, Gráficos, Bancários de São Paulo não podem se unir entre si. A legislação sindical de Getúlio dividiu a classe operária.

= 3 =

III - É dependente do Ministério do Trabalho. Seus diretores precisam da aprovação do Ministério do Trabalho e podem ser cassados a qualquer momento sob vários pretextos.



As finanças, embora com recentes modificações da lei, ainda são controladas pelo Ministério do Trabalho.

O imposto sindical é cobrado mesmo para os que não são associados. Com isto, os Sindicatos não precisam dos sócios para existir.

É considerado órgão de colaboração do Governo e não como órgão de defesa dos trabalhadores. É considerado como uma organização que representa o Governo. Em outras palavras, poderíamos dizer que os sindicatos fazem o que o Governo determina.

Os patrões também têm seus sindicatos, porém não

se sabe de intervenção do Ministério do Trabalho nesses sindicatos. Os patrões podem ainda formar associações, como por exemplo: Associação Comercial e Industrial de São Paulo; Federação das Indústrias e outras associações. Essas organizações fazem pressão sobre o Governo para conseguir o que querem. Mas, aos operários é proibido criar outra associação.

IV - A Assistência Social é obrigatória. Por isso, nossos Sindicatos se tornaram simples postos do INPS.

Depois de 1964, foram impostas novas restrições aos trabalhadores: A Lei que regulamenta o DIREITO DE GREVE coloca tanta dificuldade que, de fato, acaba impossibilitando a realização de greves. Esse direito de greve é reconhecido pela ONU - Organização das Nações Unidas. As leis do ARROCHO SALARIAL impedem a livre negociação de salário entre os Sindicatos dos Operários e dos patrões. Hoje é o Governo quem decreta o reajuste salarial. O FUNDO DE GARANTIA por Tempo de Serviço acabou com a garantia do emprego. Ninguém está seguro no seu trabalho. Agora é mais fácil à empresa dispensar um operário ou mesmo 500 de uma só vez.



Enfim, desde que foram legalizados, os sindicatos brasileiros defendem e aplicam a política do Governo que tem representado os interesses do poder econômico e não se ocupam da organização e defesa dos operários. Isto não significa que todos os Dirigentes Sindicais estejam de acordo com esta situação. Há gente muito boa entre eles. O problema maior não são os dirigentes sindicais e sim a estrutura sindical que está errada.

TRABALHADORES CONSTRUINDO VERDADEIROS SINDICATOS

Compete aos trabalhadores assumir a responsabilidade de transformar os sindicatos em órgãos verdadeiramente positivos dos trabalhadores. Para isto é preciso que os sindicatos sejam:

- 1 - Formados a partir da organização dos trabalhadores no local do trabalho, através das comissões de empresa, escolhidas pelos trabalhadores em todas as seções.



- 2 - Sindicato unificado. Se a organização sindical deve ser livre, não se entende porque os trabalhadores de uma mesma categoria não podem se unir, para defender coletivamente os seus interesses. Num sindicato livre e democrático se entende o direito de união de todos os trabalhadores.
- 3 - Os sindicatos devem ser livres e independentes do Ministério do Trabalho. Os trabalhadores são capazes de dirigir seus destinos.
- 4 - Que sejam organizações que cumpram a missão de organizar a defesa coletiva dos trabalhadores e lutem para que a assistência social seja assumida, de fato, pelo INPS, uma vez que os trabalhadores pagam cato para isso.

O SINDICATO E OS DIREITOS HUMANOS

A Declaração Universal dos Direitos Humanos - documento assinado pelo Brasil - diz que "todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão".

(Artigo 19)

" Todo homem tem direito à liberdade de reunião e organização".

(Artigo 20)

" Todo homem tem direito à liberdade de organizar sindicatos e neles ingressar livremente".

(Artigo 23).

O QUE DIZ A CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA

" É livre a associação profissional ou sindical, a sua constituição..."

(Artigo 166).

A VOZ DA IGREJA

" Da sociabilidade natural da pessoa humana, provém o direito de reunião e de associações, bem como o de conferir às associações a forma que aos seus membros, parecer mais idônea ao fim que se propõem e de agir dentro delas por conta própria e riscos, conduzindo-os aos almejos fins"

(Carta encíclica PAZ NA TERRA, escrita por João XXIII).



Centro de Pastoral Operária
N.º _____
BIBLIOTECA

C. Past. Op.
P. D. 100

IGREJA no

MUNDO DO TRABALHO

o que a pastoral operária quer

- De saída, tem gente que acha que a Igreja não tem nada que ver com a situação dos operários, dentro ou fora da fábrica. Dizem até: "Igreja é só para rezar".
 - Quem pensa assim:
 - ou é interessado que o Trabalhador continue sendo explorado, não querendo que a Igreja seja uma força a mais na sua libertação,
 - ou ignora o trabalho que a Igreja deve fazer.
- Jesus Cristo, operário, carpinteiro de profissão, veio libertar o **HOMEM INTEIRO E TODOS OS HOMENS.**

A IGREJA DEVE CONTINUAR SUA MISSÃO LIBERTADORA.

A SITUAÇÃO

VEJAM ESTE FATO que é o retrato da situação do operário. Aconteceu neste ano e foi noticiado em jornais "CONSTRUTORA MANTINHA CELAS P/ OPERÁRIOS"



A construtora Alfredo Matias foi indiciada em inquérito por manter nas obras do centro empresarial de São Paulo, no Jardim São Luiz, em Santo Amaro, três celas de concreto, medindo nove metros quadrados e com barras de ferro de uma pégada. Nesses cubículos, eram mantidos e agredidos os funcionários faltosos. As celas foram descobertas pelo delegado titular do 11º Distrito Policial, Milton Pereira dos Santos que precisou do auxílio de policiais militares para entrar na obra. Os policiais ouviram, inicialmente, no canteiro de obras, e depois no 11º Distrito Policial, onde foi instaurado inquérito, vários funcionários que confirmaram as prisões ilegais e as torturas. Washington, um dos trabalhadores, disse que foi detido na prisão da construtora, por três vezes. Outros trabalhadores afirmaram que já estiveram trancados nas celas mas não denunciaram antes à polícia, por temerem

perder o emprego. A Construtora Alfredo Matias está indiciada em outro inquérito, no 11º Distrito Policial, porque, no ano passado, ocorreu intoxicação alimentar em seus funcionários, da obra no Cen

... MAS HÁ OUTRAS PRISÕES



tro empresarial de S. Paulo
(O Estado de S. Paulo 14/1/75)

MAS HÁ OUTRAS PRISÕES!...

A vida do operário é de morte! Vive esmagado. A luta de classes esta violenta: - os poderosos, sustentados pelo SISTEMA EGOISTA, explorando os trabalhadores:

- o salário: para a imensa maioria dos trabalhadores, não dá para sustentar a família com dignidade e segurança.
- as condições de trabalho doenças, acidentes no trabalho, horas extras, dois empregos, etc.
- a estabilidade no emprego: desemprego, mandam embora, não se sabe bem



vamos olhar a vida

o que será o dia de amanhã...

- A participação: na fábrica, o marginalizado, sua voz não é ouvida; não tem conhecimento do verdadeiro estado da empresa; não participa, não dá opinião sobre as decisões que se toma.

Na verdade, no dia a dia o operário e preso em muitas outras celas: condução salários de miséria, perda de emprego, desrespeito à sua dignidade de pessoa humana, Fundo de Garantia....

O operário muitas vezes e egoista, pensando somente em si, não se preocupando com o seu companheiro.

VAMOS OLHAR A VIDA, PARA DESCOBRIRMOS OUTRAS MUITAS SITUAÇÕES DE OPRESSÃO:

- POIS É ISTO QUE A PASTORAL OPERÁRIA QUER:

(em primeiro lugar): que o trabalhador VEJA, a vida que o novo vive,

AO MESMO TEMPO , que o
que o trabalhador se
pergunte , JULGANDO A
SITUAÇÃO EM QUE VIVE :

- isto esta certo?
- por que , na fábrica
não tenho VEZ nem VO-
TO eu que , com meu
trabalho , sou tão
importante na vida
da fábrica ?
- por que ,na hora de
REMUNERAR meu traba-
lho , recebo uma mise-
ria ,em comparação com
o lucro da empresa ?
- por que ? por que?

A PASTORAL OPERÁRIA DIZ
ao trabalhador :PRECISA-
MOS VER A REALIDADE , PEN-
SAR NELA , JULGAR ESTA RE-
LIDADE , SENDO ILUMINADOS
PELO EVANGELHO DE CRISTO
QUE É A BOA-NOVA DA PRA-
TERNIDADE ENTRE OS HOMENS.

PRECISAMOS TOMAR CONSCIEN-
CIA DA VIDA QUE VIVEMOS E
PROCURAR JUNTOS, UMA
SAIDA.

SERÁ QUE TEM SAÍDA PARA ESTA SITUAÇÃO?

Procurar , juntos, uma saída.

MAS SBRÁ QUE TEM SAIDA PARA
ESTA SITUAÇÃO DE VIOLENTA
INJUSTIÇA?

-A Pastoral acredita que sim.
Os trabalhadores UNIDOS, en-
contrarão as portas de sai-
da .Antes de tudo ,é PRECI-
SO QUE O OPERÁRIO , A OPERÁ-
RIA , SE UNAM EM GRUPOS , pa-
ra estudo da situação , para
julgar os acontecimentos ,com
binando ,entre si , alguma pe-
quena AÇÃO, para a saída da
situação de opressão . (AÇÃO!
Porque ,sem ação ,a gente fica

sé no palavrório e de-
sanima.A situação, en-
tão piora ainda mais!)

É preciso que estes
GRUPOS , aos poucos ,
vão se encontrando ,
VÃO SE LIGANDO , ENTRE
SI ,para uma AÇÃO CON-
JUNTA MAIOR , na FABRI-
CA e no BAIRRO .

A Pastoral fica sempre
lembrando ao operário
que ele se TORNA OPERÁ-
RIO NA EMPRESA, NA FÁ-
BRICA . A grande luta
de transformação deve
ser na empresa, cuja
estrutura é baseada no
EGOISMO e não no ESPÍ-
RITO COMUNITÁRIO.

OS GRUPOS DE FÀBRICA
SAO MUITO IMPORTANTES!
OS GRUPOS DE BAIRRO ,
tambem, ajudam muito!

PROCURAR JUNTOS UMA SAIDA



Agora vamos responder em grupos:

1. Deu para entender o que a Pastoral Operária quer ?
2. Procure dizer quais os pontos que você acha mais importante no trabalho da Pastoral Operária ?
3. Como levar adiante esta Pastoral Operária ?
 - Na Fábrica ?
 - No Bairro ?
4. Como fazer para que a Igreja TODA se preocupe com os problemas dos operários ?

JESUS CRISTO FOI TRABALHADOR ,
ELE CONTA COM VOCE,
COM SEUS COMPANHEIROS TRABALHADORES
PARA MELHORAR O MUNDO.

"É direito dos operários criar livremente organizações para defender, promover seus interesses, para contribuir responsávelmente para o bem comum"

Puebla § 1005

I. I - PO

IGREJA

NO

MUNDO DO TRABALHO

O QUE

A PASTORAL OPERÁRIA

QUER



Centro de Pastoral Operária
N.º
BIBLIOTECA

c. Past
3130

"Igreja é só para rezar" - Você deve ter ouvido alguém falar desse jeito, pensando: "A Igreja não tem nada que ver com a vida dos operários, que não se meta".

Está certo?

Quem pensa e fale assim:

- OU não entendeu ainda nada da Igreja de Cristo,
- OU tem outros interesses: que o trabalhador continue sendo explorado, isolado; não quer que a Igreja seja mais uma força na sua liberação.

JESUS CRISTO, operário, carpinteiro de profissão veio libertar O HOMEM INTEIRO E TODOS OS HOMENS.

A Igreja deve continuar sua missão de liberação

O QUE PENSAR?

Mas não basta conhecer fatos, situações.

É preciso ver o que está certo ou errado.

É preciso ver porque está certo ou errado.

*Enfim é preciso **JULGAR**.*

Reflitamos juntos:

- Por que, na fábrica não tenho voz nem voto, eu que, com meu trabalho sou tão importante na vida da fábrica?
- Por que, na hora de remunerar meu trabalho recebo uma miséria, em comparação com o LUCRO da empresa?

A Declaração dos Direitos Humanos e o Evangelho me dizem algo a respeito:

"Todo homem tem direito ao trabalho... a condições justas e favoráveis de trabalho e proteção contra o desemprego.

Todo homem, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.

Todo homem que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana". Art. 23

"Porque digno é o trabalhador do seu trabalho"
Lucas 10,7

- Operário não é gente? Gente não tem direito?

"Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direito". Art. 1

"Homens, vós sois irmãos: por que vos ofendeis uns aos outros?" Atos 7,26

A PASTORAL OPERÁRIA diz ao trabalhador:
precisamos **VER** a realidade, conhecê-la...

precisamos **JULGAR** a realidade iluminados pelo Evangelho de Cristo que é

BOA NOVA i.é. BOA NOTÍCIA, LIBERTAÇÃO, FRATERNIDADE

precisamos tomar consciência da vida que vivemos e procurar juntos uma saída.

O QUE FAZER?

Será que tem saída para esta situação? Como?

A Pastoral operária acredita que sim.

Mas com certas condições:

- É preciso que os trabalhadores não aceitem no coração essas injustiças:

FELIZES OS QUE TEM SEDE E FOME DE JUSTIÇA"
Mateus 5,6

- É preciso que o operário, a operária, se unam para estudar a situação, para julgar os acontecimentos e para combinar entre si, alguma pequena **AÇÃO** para a saída da situação de opressão.

(ação porque, sem ação, a gente fica só no palavriado e desanima. A situação então piora ainda mais)

- É preciso então grupos de operários, que lutem para que na fábrica, a situação mude, que haja mais direitos, mais respeito, menos injustiça... **GRUPOS DE FABRICA, DE BAIRRO**

- É preciso que os grupos se liguem entre si para se unir numa ação de conjunto na fábrica, no bairro, no sindicato...

- É preciso que haja trabalhadores cristãos conscientes, atuando com clareza...

- É preciso que se valorize as associações da classe, especialmente o **SINDICATO**.

A PASTORAL OPERÁRIA:

- QUER COLABORAR FORMANDO GRUPOS ...
- QUER AJUDAR A UNIR ESSES GRUPOS ...
- VAI FORMANDO LIDERES, MILITANTES...
- VAI FORMANDO CRISTÃOS CONSCIENTES ...
- VAI INCENTIVANDO A PARTICIPAÇÃO NOS SINDICATOS ...

É isto mesmo: A PASTORAL OPERÁRIA acredita que a união é um valor cristão e que na união está a grande força do trabalhador.

*Ninguém liberta ninguém,
Ninguém se liberta sozinho,
Nós nos libertamos em COMUNIDADE,
tendo o Evangelho de Cristo como Luz.*

Os trabalhadores e todos os HOMENS DE BOA VONTADE, com sede e fome de justiça, que desejarem se unir para uma mudança do

*SISTEMA EGOÍSTA DA EMPRESA,
são acolhidos pela Pastoral Operária.*

Afinal de contas esta Pastoral é feita de operários, trabalhadores, padres e gente de muitas categorias profissionais com firme propósito de

MUDANCA DE VIDA DO POVO

TRANSFORMAÇÃO PROFUNDA

*de uma sociedade com alicerces no EGOÍSMO,
para uma sociedade baseada na JUSTIÇA e
no AMOR,
onde a exemplo dos primeiros cristãos,*

*" Os homens possam ter tudo em comum...
recebendo cada qual segundo suas necessidades".*



"Queremos vida na terra
já temos vida nos céus"

PASTORA
OPERARIA
-SAO PAULO-

N.º _____
TOMBO _____

AQUISIÃO _____

RE CEDIC-N.º _____

CEDEC _____

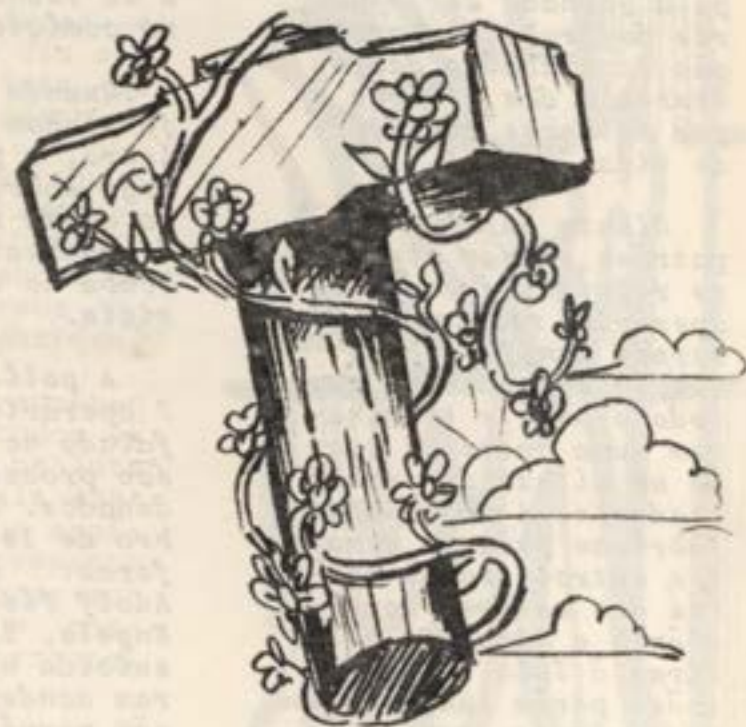
"O companheiro"

1º DE MAIO

UMA LUTA QUE
CONTINUA.....



1886: NASCE UMA LUTA



1º DE MAIO,
COMO SURTIU E
QUAL SEU SIGNIFICADO

No dia 1º de maio comemora-se, em todo o mundo, o Dia Internacional dos Trabalhadores. Esta data foi es-

colhida para lembrar o massacre de trabalhadores ocorrido em Chicago, nos Estados Unidos em 1886. Portanto, há 90

SUMARIO:

- 1886: NASCE UMA LUTA
1º de maio, como surgiu e qual seu significado P.3
- A LUTA TAMBÉM É NOSSA
lutas operárias no Brasil P.6
- 1º DE MAIO, UMA LUTA QUE CONTINUA
despertar da classe trabalhadora em
nosso ambiente P.9

anos.

Nesse ano, os operários iniciaram a luta pela jornada de 8 horas de trabalho, proteção ao trabalho das mulheres e dos menores e por melhores condições de vida.

Diante da recusa dos patrões em não atender as reivindicações, os operários realizaram diversas manifestações que se estenderam por todo o país e terminaram numa greve de quase um milhão de trabalhadores. A maioria das fábricas pararam e muitos outros trabalhadores dos setores comercial e bancário aderiram à luta. Os patrões porém lançaram uma violenta repressão contra os trabalhadores, muitos foram mortos e milhares foram presos.

Em Chicago aconteceu assim: Quando estourou a greve geral, 110.000 operários pararam o trabalho. Para fazer os trabalhadores mudarem de idéia os patrões mandam reprimir

o comício. Muitos operários são espancados, mas os trabalhadores se organizam novamente e se reúnem para um novo comício.

Quando 7 operários já tinham tomado a palavra, a polícia abre fogo sobre o povo. Isso causa revolta. Um desconhecido atira uma bomba no meio dos policiais.

A polícia prende os 7 operários que haviam falado no comício, que são processados e condenados. a 11 de novembro de 1887, morrem na forca: Albert Spies, Adolf Fischer e George Engels. Louis Lingg se suicida na prisão. Foram condenados à prisão perpétua: Samuel Fielden, Michael Schamb e Oscar Neeb. Depois de 7 anos de prisão, foi feita uma revisão do processo e eles foram inocentados e postos em liberdade.

3 anos depois, os operários de vários países reunidos em Paris dedicam a data do 1º de maio, à lembrança dos

mártires operários e consagram esse dia como um dia de luta da classe trabalhadora.

Porisso, esse dia é para os trabalhadores, muito mais que um dia de festa com bandas de música, discursos do governo e dos patrões.

1º de maio representa a união de todos os trabalhadores, na luta por uma vida mais digna, representa o espírito de luta presente em todo lugar onde somos explorados e nossos direitos desrespeitados.

Se algumas leis existem para nos proteger, é porque nossos companheiros lutaram e morreram por essas leis que não foram dadas por governo ou pelos patrões, mas foram conquistadas com o suor e o sangue dos próprios trabalhadores.



A LUTA TAMBÉM É NOSSA

HISTORICO DO 1º DE MAIO NO BRASIL

Também no Brasil, nossos direitos foram conquistados de muitas lutas e sacrifícios. Alguns exemplos de lutas.

1890 - Os gráficos param os trabalhos, por causa da diminuição dos seus salários.

1907 - Estoura uma greve geral que reivindica: jornada de trabalho de 8 horas, proteção ao trabalho de menores.

1912 - Estoura uma outra greve porque os patrões não estavam cumprindo com o acordo da jornada de 8 horas de trabalho.

1917 - Estoura uma greve geral onde os operários exigem aumento de salários e melhores condições de vida.

1931 - Os trabalhadores têxteis entram em greve e exigem melhores condições de trabalho, proteção ao trabalho das mulheres e aumento de salário.

Com a pressão dos operários começa a funcionar no Brasil, o Tribunal da Justiça do Trabalho, uma comissão fica encarregada de fazer leis que protegem os trabalhadores.

1943 - Durante a ditadura, Getúlio Vargas vai instituir a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), que vigora até hoje. A CLT vai amarrar os sindicatos ao Ministério do Trabalho.

1952 - Recomeçam a surgir movimentos de operários em várias partes do país.

1962 - A greve geral que reivindica o 13º salário. A lei que instituiu o 13º salário só vai aparecer depois de muitas lutas nas principais cidades do país.

1963 - Estoura uma greve geral onde os trabalhadores reivindicam o salário-família, depois de muitas lutas em várias cidades do país.

- segue -



Os patrões e o governo cedem e os operários conseguem mais esse benefício.

1964 - É proibido o direito de greve, os sindicatos sofrem intervenção por parte dos patrões. Foram presos centenas de operários e começa o arrocho salarial. Começa um dos períodos mais duros para a classe trabalhadora.

1968 - Greve em Osasco e Contagem. 19 de maio comemorado na praça da Sé, os trabalhadores protestam contra o arrocho salarial e lutam por aumento de salários.

1973 - Paralisação na Villares. Os operários lutam por um aumento de 10% sem compensação nos futuros reajustes, revisão das faixas salariais, extinção da taxa de condução fornecida pela empresa, não elevação dos preços da alimentação servida nos refeitórios.

12 de maio:

UMA LUTA QUE CONTINUA

O DESPERTAR DA CLASSE TRABALHADORA EM NOSSO AMBIENTE

Hoje, o que se nota nas conversas entre os companheiros, é a necessidade de união, para poder enfrentar a situação de vida em que vivemos.

De fato, desde algum tempo, com o cu

to de vida sem parar, com o salário que não atende nem às necessidades básicas de sobrevivência e a falta de direitos cada vez maior, a nossa situação já está passando dos limites.

Nossos companhei-

**AUMENTO
DE 20%**

ros vão descobrindo que, sozinhos, não conseguirão melhorar alguma. Então, em muitas fábricas, aqui e ali, estão aparecendo movimentos e ações, realizadas com esforço e dedicação.

Um exemplo: combinam de segurar, disfarçadamente, a produção. Quando a firma mais precisa, combinam de não fazer horas-extras; são programadas pequenas paradas no serviço, para encaminhar reclamações coletivas; alguns abrem mão de abaixo-assinados ou fazem re- viver até mesmo a greve, reconquistando, na prática, esse direito de se defender contra as injustiças: greve na SAAD do Brasil, na CETENCO, na ARCO-FLEX (no Joranl da Tarde e em O Estado de São Paulo, dos dias 25/12/75 e 11/03/76...).

Desse jeito é que vai crescendo a nossa união e, em consequência, nossa força. Apesar disso, falta algo muito importante, que é uma organização do

conjunto das forças, para conseguirmos uma maior comunicação das experiências entre os companheiros e ficar sabendo como se luta em outras fábricas. Nem sempre, os movimentos que estão acontecendo, chegam ao conhecimento de todos. Em parte, isso se deve ao fato de o Sindicato não estar cumprindo seu verdadeiro papel. Este é, na verdade, o grande desafio a ser enfrentado.

Há necessidade da gente começar a lutar de uma maneira mais organizada. Todas as lutas são importantes. Mesmo as pequenas. Por exemplo: quando 2 companheiros começam a discutir sobre os problemas da fábrica, como: situação do banheiro, o cafezinho, o refeitório, as perseguições dos chefes, a ameaça de ser despedido sem direitos, etc., são ocasiões e fatos que devem ser discutidos com todos os companheiros, para buscar uma solução que beneficie a todos.

Esta luta visa objetivos concretos como aumento de 20% (por causa do aumento do custo de vida), melhorias das refeições e diminuição do preço das mesmas, redução do ritmo forçado de produção, e outros como convênio, etc...

É importante começar por coisas mais simples, um abaixo-assinado, operações-tartaruga; comissões por seção e, se houver condições, pela descoberta de novas formas de reivindicação.

É a partir daí, que nascem as comissões da empresa, como um meio de proteção contra as injustiças e começamos a transformar o sindicato.

Este ano, no 1º de maio, a PASTORAL OPERÁRIA apoia todas as iniciativas existentes de lutas sindicais e operárias de grupos da empresa.

**COMISSÕES
DE EMPRESA**



Pastoral do Mundo do Trabalho
Arquidiocese de São Paulo
Sede: Rua Wenceslau Brás, 78
1.º andar - sala 115 - Tel: 36-5531

Stamp area with a grid and some illegible text.



RE CEDIC-N.º

Boletim da pastoral operária

s.paulo 83



INTRODUÇÃO

— A fundação da Central Única dos Trabalhadores, CUT, nos dias 26, 27 e 28 de agosto foi um acontecimento histórico de muita importância para a classe trabalhadora de nosso país.

— Causa em nós uma imensa alegria pensar que o trabalho conjunto de trabalhadores do campo e da cidade, Cristãos, não-cristãos, ateus... tenha conseguido um resultado tão importante como este.

— Podemos dizer que, apesar das tentativas de divisão, a classe trabalhadora sai mais unida deste CONCLAT em condições de lutar com mais garra para conseguir a libertação do jugo opressor.

— Este episódio histórico nos lembra o dia de Pentecostes (Atos 2,1-36) onde os seguidores de Jesus Cristo, depois de um tempo de medo e insegurança, emergem com o Espírito Santo, para a construção da vida nova do Carpinteiro Ressuscitado.

Coord. Arq. da Pastoral do
Mundo do Trabalho

Fruto de uma longa e consciente caminhada

WALDEMAR ROSSI

Os trabalhadores brasileiros, principalmente os sindicalistas mais conscientes, há muito perceberam que um dos mais graves problemas que afetam nossa vida é a divisão da classe trabalhadora em milhares de entidades sindicais isoladas uma das outras. Essa divisão vai mais profundo quando impede, na prática, a organização dos trabalhadores a nível da empresa. Nossa consciência tem avançado quando sentimos a presença de um fabuloso plano de propaganda do sistema capitalista, condicionando-nos ao consumismo, à ganância, ao individualismo, e implantando em nosso meio um clima de medo e insegurança, seja pela repressão policial, seja pela repressão patronal. Através de mecanismos como o controle policial, legalismo e a dominação ideológicos, governo e patrões — farinha do mesmo saco



— têm conseguido impor e manter a divisão entre os trabalhadores e com isso aumentar violentamente a exploração que nos conduz à miséria progressiva.

Tal realidade de violência tem provocado reações entre os trabalhadores que buscam, constantemente, formas de luta para superar essa situação desesperadora. A organização de grupos nos locais de trabalho, de comissões de fábricas e de lutas intersindicais têm permitido ampliar o leque das nossas experiências. Conhecendo vitórias e derrotas, fomos percebendo a importância dessas formas locais de organização da Classe, mas também suas limitações. A organização de base é vital, mas não é tudo. Sem uma organização mais ampla dos trabalhadores, somos ineficazes nas lutas contra as medidas da política econômica do governo, principalmente o arrocho salarial. Percebemos também que, separados organicamente, os patrões nos impõem medidas de desemprego e achatamento salarial, sustentados que estão pelas leis que nos impuseram e pela repressão governamental.

É neste quadro de dura realidade que vem se desenvolvendo a proposta da criação de uma Central Única de Trabalhadores, como instrumento indispensável ao avanço de nossa organização e de um plano de lutas capaz de resistir à crescente exploração capitalista. Essa proposta vem sendo amadurecida através das milhares de reuniões, grandes e pequenas, locais, inter-regionais e nacionais. Germinou durante muitos anos sob forte repressão governamental, patronal e pelego-sindical. Nasceu e cresceu até chegar à maturidade. Demos o passo decisivo neste CONCLAT: 5.059 delegados de 912 entidades sindicais (rurais e urbanas) e Associações de funcionários públicos, decidiram pela criação de nossa Central de Trabalhadores. Ela se dá em momento de extrema gravidade para a Classe trabalhadora, quando o índice de desemprego no Brasil ultrapassa os 20% e o subemprego é impossível de ser quantificado; ela se dá às vésperas da votação do decreto 2.045 — que rouba 30% dos nossos reajustes salariais — enquanto o custo de vida chega perto dos 150% ao ano.

O CONCLAT, realizado neste fim de agosto, superou todas as expectativas. Esperávamos uma presença aproximada de 4.000 delegados e superamos os 5.000 (muito pelego falou que seria um "picnic" inexpressivo). Havia o temor de um clima de sectarismo e tivemos um ambiente de seriedade e companheirismo que impressionou até os mais pessimistas. Tínhamos receio de vacilações e encontramos determinação. Foi impressionante a rapidez com que se discutiu e se decidiu sobre as propostas apresentadas, já que os encontros esta-

duais realizados em 82 e 83 fizeram amadurecer os pontos de vista diferentes. Os delegados presentes percebiam claramente o rumo do consenso ou da opinião da maioria. E a vontade da maioria jamais foi contestada. Pode-se dizer que as decisões foram praticamente consensuais, apesar das propostas divergentes e do calor dos debates. Ninguém abdicou de suas propostas. Submeteu-se à maioria.

Mas não foi fácil chegar onde chegamos. Houve e há muita divisão interna ao movimento sindical brasileiro. A imprensa foi o porta-voz das manobras divisionistas que se desenvolveram às vésperas do CONCLAT, pelas forças mancomunadas com o Governo e com a burguesia nacional e internacional. Os editoriais de certos jornais jogaram tudo na "pixação" desse encontro, tentando esvaziá-lo. Alguns tradicionais Partidos, autodenominados de esquerda, que se dizem porta-vozes da Classe Operária, jogaram tudo a fim de inviabilizar, outra vez, a realização do Congresso. Isso, depois que a realização do Congresso foi decidida pela Pró-CUT Nacional, onde esses pretensos representantes dos operários e os pelegos eram maioria. Passaram por cima das decisões de todos os Encontros Estaduais e Regionais. Chegaram ao cúmulo de se sentirem autorizados a destituir a Comissão Nacional, escolhida através dos Congressos estaduais, e marcar outra reunião nacional para o início de novembro. É curioso notar que essa reunião acontecerá (?) depois da votação do Decreto 2.045.

O presidente da CONTAG (Confederação dos Trabalhadores na Agricultura), José Francisco da Silva, intimou suas federações a exigir que os sindicatos rurais boicotassem o Congresso. A resposta foi a presença de 1.658 delegados representando 310 sindicatos rurais.

O CONCLAT, realizado em S. Bernardo, foi altamente positivo e se deu contra a vontade dos patrões, do governo, dos pelegos e da maioria dos reformistas. É importante observar que, o tempo todo, a linguagem usada por esses que foram contra o CONCLAT é semelhante à linguagem usada pelos órgãos repressivos do governo. Será mera coincidência?

O CONCLAT se deu, a CUT foi criada. Aumenta nossa responsabilidade em concretizar sua organização em nossas cidades, Estados, regiões e a nível nacional. É uma tarefa difícil a convocação dos outros setores do sindicalismo para que somem com o movimento sindical, tornando-o ainda mais unitário, fortalecendo-o. Mais que tudo é importante pôr em prática o plano de luta definido nesse Congresso.

AGORA TEMOS A CUT

O Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras — CONCLAT —, encerrado ontem, depois de aprovar um plano de lutas que inclui a realização de uma *greve geral* numa data a ser definida entre 14 e 25 de outubro, criou oficialmente a CUT — Central Única dos Trabalhadores.

O CONCLAT começou na sexta-feira de manhã, em São Bernardo, e terminou ontem de manhã, com participação de mais de 5 mil delegados, ou seja, trabalhadores representando todas as profissões do Brasil inteiro.

O QUE É A CUT

A CUT, a partir de agora, é a entidade nacional encarregada de coordenar e unir a luta de todos os trabalhadores da cidade e do campo. A CUT deverá ser representativa, democrática e independente do governo, dos patrões e dos partidos políticos.

Sua primeira diretoria foi eleita ontem mesmo com a finalidade de encaminhar o plano de lutas aprovado e estruturar a CUT em todos os seus níveis, para que no próximo ano seja eleita a diretoria definitiva.

A direção da CUT é composta de 83 trabalhadores sendo que 15 formam a comissão executiva. O coordenador da CUT, eleito ontem, é Jair Meneguelli, presidente cassado dos metalúrgicos de São Bernardo e o secretário geral é Paulo Renato Paim, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, no Rio Grande do Sul. Os demais integrantes da Coordenação são: Jacó Bittar (petroleiros de Paulínia), Abdias do Nascimento (metalúrgicos de Niterói), João Paulo Pires de Vasconcelos (metalúrgicos de João Monlevade, em Minas Gerais), José Novais (trabalhador rural de Vitória da Conquista, na Bahia) e Ave-lino Ganzer (trabalhador rural de Santarém, no Pará).



ESSE É O NOSSO PLANO DE LUTAS

Eis o "Plano de Lutas" a ser levado pela Classe Trabalhadora. Foi aprovado no plenário do CONCLAT no dia 28/08. Os principais pontos são:

CONTRA O DESEMPREGO

Pagamento de um salário mensal aos desempregados do campo e da cidade no valor de 70% do último salário recebido pelo trabalhador demitido.

PELA ESTABILIDADE

Todo trabalhador tem estabilidade no emprego desde o primeiro dia, só podendo ser demitido por justa causa, ou seja, problemas ocorridos nos locais de trabalho e que se constituem em delito penal. Deve também ser reconhecido o direito de organização nos locais de trabalho e de recorrer à greve para impedir demissões.

REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO SEM REDUÇÃO DE SALÁRIO

Jornada de trabalho de no máximo 40 horas semanais, sem redução de salário.

FIM DA HORA EXTRA

Que seja eliminada a hora extra. Nos casos de extrema necessidade que cada hora seja compensada por 3 horas de descanso retirada da jornada normal, ou que sejam pagas em 100%.

GREVE GERAL CONTRA O DECRETO LEI 2.045 (ou qualquer outro que venha reduzir os salários)

O governo tem prazo até 14 de outubro para retirar o decreto 2.045, a intervenção nos sindicatos, romper os acordos com o FMI, dar reformas agrárias.

Se estas reivindicações não forem atendidas até esta data a direção eleita para a CUT durante o CONCLAT marcará o dia da GREVE GERAL antes do dia 25 de outubro, que é o prazo final para que o decreto seja rejeitado. Caso isto não aconteça, automaticamente este estará aprovado. Não podemos deixar que isto aconteça!!!

Tem ainda mais estas lutas que a CUT se propõe a organizar:

- CONTRA O ARROCHO SALARIAL
- LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA
- DEFESA DOS EMPREGADOS DAS EMPRESAS ESTATAIS
- EM DEFESA DOS SERVIDORES PÚBLICOS
- FIM DA INTERVENÇÃO NOS SINDICATOS.

**TUDO APOIO A
NOSSA CUT!!!**

PARA PENSAR E ENCAMINHAR NO SEU GRUPO E COMUNIDADE:

A luta para conquistar as reivindicações propostas pelos delegados do CONCLAT/83 é de todo trabalhador. E esta luta começa a partir do local de trabalho de cada um:

- Fábrica
- Banco
- Transporte
- Escritório
- Comércio
- Construção civil etc.

Não podemos esperar que a CUT lute por nós. A CUT, é bom lembrar, são todos os trabalhadores juntos na luta. Ela é um instrumento de coordenação destas lutas. Serve para organizar os trabalhadores a nível Nacional.

Converse com o seu grupo e defina uma ação concreta:

- 1) Agora temos a nossa CUT; como podemos divulgá-la e assumi-la concretamente?
- 2) O que podemos fazer de concreto para preparar nossos companheiros de trabalho, nossos familiares e comunidade para a próxima greve geral?
- 3) Que tipo de apoio podemos mobilizar?

N.º Class. _____

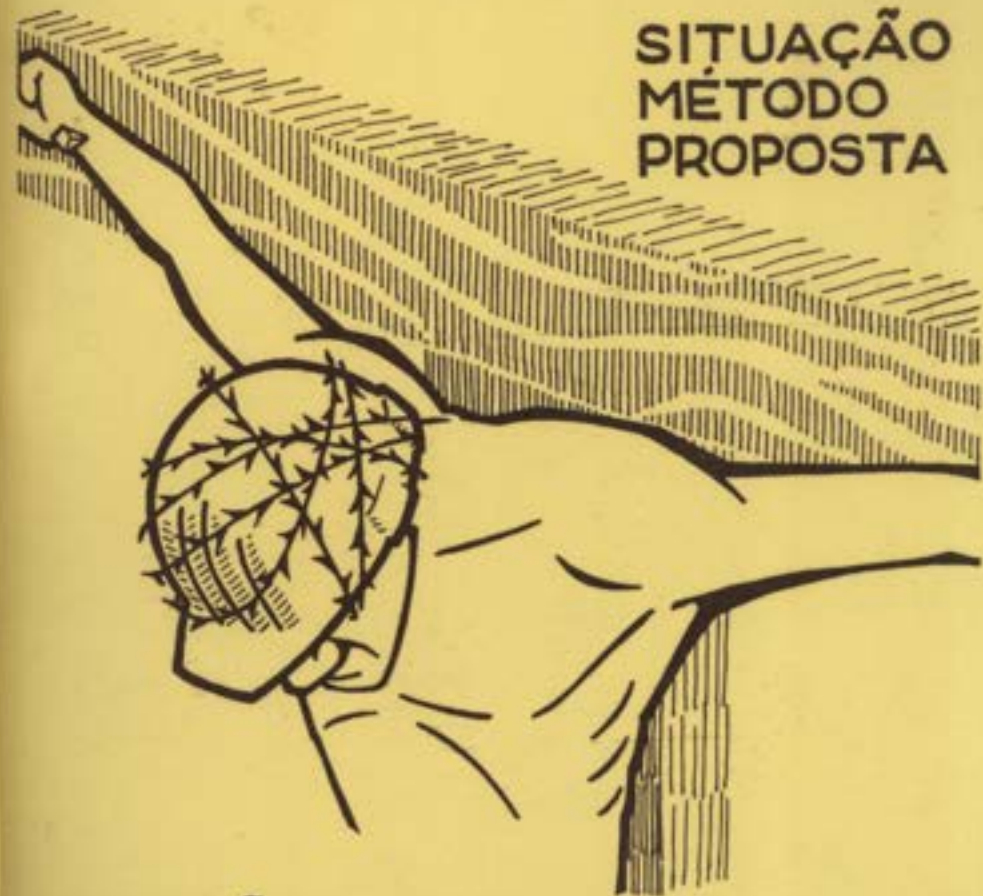
TOMBO _____
AQUIISIÃO EXCELO

CEDIC - sala 51 - C



PASTORAL OPERÁRIA

SITUAÇÃO
MÉTODO
PROPOSTA



COMISSÃO ARQUIDIOCESANA
DE PASTORAL OPERÁRIA

SÃO PAULO - 1984



composição e impressão
tel. 297-6388

10,00
B. Pac. Op.
B-026

Apresentação

Índice

Apresentação	01
Introdução	04
Como usar esta cartilha?	07
Capítulo 1 : Pastoral Operária, por que?	09
Capítulo 2 : O processo de planejamento e a caminhada da Pastoral Operária	31
Capítulo 3 : Como planejar nossa ação?	45
Capítulo 4 : Dinâmica de grupo aplicada à P. Operária ...	55
Capítulo 5 : Um método para refletir a Palavra de Deus..	78

Apresentação

Apresento-lhes, com alegria, esta preciosa "Cartilha da Pastoral Operária". O nome é modesto. A pretensão, grandiosa. Modesto porque não quer ser um tratado sobre Pastoral Operária, elaborado por peritos de gabinete. Há muitos escritores dentro e fora da Igreja. Trata-se de cartilha; quase diria, de carta amiga de operário para operário. De trabalhador, para Bispos, Padres, Religiosos e homens de boa vontade que acreditam no Carpinteiro Jesus de Nazaré que hoje é o Zé, o Pedro, a Carmem, o Tomé, a Lília, que trabalham em metalúrgicas, no comércio, nos transportes urbanos ou coleta de lixo. Trata-se de instrumento de trabalho, nascido do trabalho. De luta, nascida da reflexão do Evangelho. De reflexão alimentada e enriquecida pela luta. Não pretende ensinar. Não quer dar normas. Quer comunicar vida. Dizer a todos que, aqui, na cidade grande onde o massacre da pessoa humana é enorme e a esperança ainda maior, nós ESTAMOS FAZENDO ASSIM. Talvez vocês possam fazer o mesmo e, depois, nos mandem suas cartilhas para que possamos conferir experiências, melhorar nossa caminhada, animarmo-nos, ainda mais, com o pão suado da vida sofrida e partilhada na esperança dos irmãos que lutam para sairmos juntos do túnel da opressão, em busca da sociedade justa e fraterna.

A mesmo tempo, quero lhes dizer, irmãos, como bispo-aprendiz de Pastoral Operária que meus mestres têm sido os simples e valentes trabalhadores. Nós estamos habitua-

dos a nos sentarmos em cátedras. Na Pastoral Operária, precisamos nos colocar como discípulos. Antes de tudo, como discípulos atentos do Carpinteiro Filho de Deus e de José, da oficina de Nazaré. Depois, como discípulos destes operários que encarnam, na vida, a vida de Jesus e se fazem presença de Ressurreição no oceano de morte em que os Sistemas malucos de exploração afogam multidões no vasto mundo de agora. Os documentos papais, os documentos de nossas Conferências Episcopais, de pequena valia serão se não os transformarmos em vida. Operários cristãos o fazem no cotidiano de suas vidas, nas lutas árduas nos bairros, nas fábricas e sindicatos. Muitos dos que escreveram esta "Cartilha da Pastoral Operária" o fizeram com o próprio sangue, inclusive nos porões da ditadura militar. E o fizeram em nome do Senhor Jesus, por amor à classe operária a ser libertada.

Por último, sirvo-me desta oportunidade, para gritar a todos os homens de boa vontade esta verdade proclamada por João Paulo II, em sua grande carta sobre "O Trabalho Humano". Disse o Papa: "Quero colocar em relevo, possivelmente mais do que foi feito até agora, o fato de que o trabalho humano é uma chave, provavelmente a chave essencial, de toda a questão social, se nós procurarmos vê-la verdadeiramente sob o ponto de vista do bem do homem" (L.E., 3).

Diante disto, "é preciso despertarmos do sono" (Rom. 13:11). Não é possível continuarmos a dormir, de maneira particular, na Igreja, diante da classe traba-

Lhadora esmagada. Precisamos dizer, claramente, que um Sistema que fabrica milhões de desempregados, não presta. Precisa cair. É pecaminoso. Precisamos agarrar a CHAVE da questão social que é o TRABALHO e, com ela, abrir novas portas de vida. Chave que nos leva à compreensão de uma sociedade feita de classes em luta, não porque estejamos fomentando as LUTAS DE CLASSE mas porque o SISTEMA que aí está as cria e as fomenta, colocando, de um lado, os fartos e, de outro, os famintos e explorados. E, como Jesus de Nazaré o fez, precisamos nos converter a estilo de vida austero que nos possibilita sentir as dores, fome, angústias, esperanças de nosso Povo e, com ele, fazermos a caminhada pascal pelo deserto. Não é ficando de fora, por cima, ditando normas, que iremos construir, com o povo, o REINO DE DEUS e sim ENCARNANDO-NOS, fazendo-nos semelhantes aos pobres! Esta encarnação é fundamental para termos condições de evangelizar o mundo do trabalho. Na verdade, somente o Carpinteiro Jesus de Nazaré, acusado, caluniado, preso, morto pelos poderosos da época e ressuscitado pelo amor do Pai, evangeliza o mundo. Como seus discípulos, precisamos seguir-lhe o exemplo. Estes são os votos e pedidos que faço ao Pai em meu favor e em benefício de tantos quantos são discípulos, tendo esta cartilha nas mãos e no coração.

Seu irmão,

DOM ANGÉLICO

Bispo responsável pela

Pastoral Operária

Arquidiocese de São Paulo

Introdução

Ao introduzirmos esta Cartilha, queremos ressaltar, em primeiro lugar, seu objetivo de proporcionar a militantes e agentes de pastoral uma visão conjunta e orgânica da P.O. em sua história, seu processo de desenvolvimento, e uma capacitação para a formação de novos grupos.

Objetivamos também refletir em torno de um material pedagógico forjado na experiência concreta de militantes e agentes, transformado em subsídio para uma visão mais clara do que é a pastoral operária.

Objetivamos, mesmo que de forma artesanal, abordar a história da Pastoral Operária. Isto significa muito, pois queremos demonstrar que a prioridade da Arquidiocese "Pastoral do Mundo do Trabalho", tem a sua origem fundada em movimentos cristãos operários do passado recente. Por outro lado, mostrar que o seu desenvolvimento se deu na medida que a consciência de classe foi indicando a necessidade de se trazer para o seio da Igreja o elemento 'classe social', como uma das condições para a luta pela libertação integral do homem.

Falando sobre o que é Pastoral Operária, queremos em primeiro lugar mostrar o resultado de um trabalho feito como igreja nas bases; em segundo lugar, esclarecer a nossa visão sobre a importância fundamental

da presença atuante de cristãos operários no bairro (cebs), como centro de formação e desenvolvimento de uma pastoral operária específica; na fábrica, como local privilegiado de confronto entre o capital e trabalho e, conseqüentemente, como local de afloramento da consciência de classe; e no sindicato, como ferramenta de luta e órgão representativo da classe trabalhadora.

É mais que conhecida a dificuldade que se tem para criar grupos de P.O., mas não podemos deixar de reconhecer que a sua formação é de fundamental importância para o desenvolvimento da consciência do trabalhador cristão. É preciso, portanto, desenvolver ao máximo a capacitação tanto de agentes de pastoral quanto de militantes, no sentido de proporcionar a criação de novos grupos de trabalhadores.

É preciso romper a barreira da dificuldade do militante de entrar em contacto com outros companheiros e ajudá-lo a desenvolver a sua consciência cristã e de classe. E romper a barreira do agente de pastoral que, embora desligado da produção, possui o potencial de desenvolver a sua consciência a partir de uma visão cristã de libertação dos pobres de Javé.

O aprofundamento da reflexão bíblica na 'ótica do trabalhador' facilita em muito a compreensão e a opção de classe. Proporciona ainda mais, um trabalho concreto de evangelização onde o trabalhador e sua família se tornam os sujeitos privilegiados da mensa-

gem de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Não é pretensão desta cartilha resolver todos os problemas que aparecem. O que se quer é proporcionar passos alicerçados na experiência concreta. Espera-se que ela possa oferecer uma colaboração lúcida para o trabalho da pastoral operária nas comunidades de São Paulo e do país.

Esperamos que este material possa realmente servir à conscientização do trabalhador e ajudar na sua luta de libertação.

Como usar esta Cartilha

a

Em primeiro lugar, ela pode servir como meio para que o militante ou agente perceba e tenha uma síntese do que é a pastoral operária, sua organização, objetivos e dinâmica de trabalho.

b

Serve como roteiro para grupos. Os temas podem ajudar a fixar um grupo novo mas o seu uso não pode ficar somente a nível de roteiro. É preciso que o animador assimile bem o método básico existente para transformá-lo num processo contínuo de formação e engajamento para os participantes do grupo.

c

A proposta de reflexão bíblica na ótica do trabalhador pode ajudar tanto no aprofundamento da fé para o militante de P.O. quanto para um trabalho pastoral voltado especialmente para a classe oprimida.

d

A metodologia surgida: Ver, Julgar e Agir; a revisão de vida operária e o estudo da Bíblia pelos 4 lados (herança e aprofundamento da Ação Católica Operária) servem como subsídios que poderão imprimir uma dinâmica de vida para o grupo de trabalhadores, assim como à construção de sua história.

Capítulo 1

**PASTORAL OPERÁRIA
PORQUE?
Onde queremos chegar?**

Como usar esta Cartilha

I. Por que a pastoral operária existe?

A Pastoral Operária existe por causa da realidade do mundo operário em São Paulo -no Brasil todo- e das exigências evangélicas de transformação da sociedade.



a- Percebemos a existência da exploração da classe operária.

Regime de fábrica e condições de trabalho

- : salário
- : horário
- : instabilidade
- : insalubridade

Regime sindical

- : sindicato atrelado ao Ministério do Trabalho
- : liderança sindical pelega em sua maioria
- : cassações de lideranças autênticas
- : repressão às greves
- : divisão por categoria e base territorial

Regime econômico

- : concentração de renda
- : arrocho salarial (dec. 2065)
- : dependência do FMI e multinacionais
- : política de recessão e desemprego.

b- Percebemos a desunião da classe operária.

- : falta de consciência de classe
- : falta de conhecimento dos direitos e das leis trabalhistas
- : medo de participar na organização dos trabalhadores por causa da repressão patronal (comissão de fábrica, CIPA, sindicato, etc)
- : falta de condições para escolha de profissão
- : falta de consciência do valor do trabalho para a vida do trabalhador e sua realização como pessoa
- : influência dos meios de comunicação
- : influência dos meios de comunicação

B. O EVANGELHO DE JESUS CRISTO

EXIGE MUDANÇA DESTA SITUAÇÃO INJUSTA. POR QUÊ ?

- a) Cristo nasceu em família operária. Trabalhou como carpinteiro. Assumiu a condição de operário. Cristo pregou a dignidade de todo homem.
- Sua boa-nova exige amor e justiça; hoje a boa-nova se manifesta na organização e participação da classe operária, explorada pelo sistema capitalista, em busca de uma sociedade justa e fraterna.
- "Felizes são vocês os pobres, porque o Reino de Deus é de vocês. Felizes são vocês os que agora têm fome, porque vão ter fartura. Felizes os que agora choram, porque vão sorrir depois". Lc 6:20-21
- "Então vá às estradas e caminhos, e force toda essa gente a vir, para que minha casa fique cheia. Pois afirmo que nenhum dos que foram convidados primeiro vai provar o meu jantar!" Lc14:23
- "Ninguém pode ser empregado de dois patrões. Pois vai odiar um e amar o outro; será fiel a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e servir ao dinheiro". Lc 16:13
- "Nem todo o que me chama 'Senhor, Senhor', entrará no Reino do céu, mas somente aquele que faz a vontade do meu Pai que está no céu". Mt 7:21

"Derruba dos seus tronos reis poderosos, e eleva os humildes. Dá fartura aos que têm fome e manda os ricos embora de mãos vazias.

Lc 1:52-53

"O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me escolheu para anunciar as Boas-Notícias aos pobres e me mandou anunciar a liberdade aos presos, dar vista aos cegos, pôr em liberdade os que estão sendo maltratados, e anunciar o ano em que o Senhor vai salvar o seu povo".

Lc 4:18-19

- b) A Igreja descobriu que se afastou da classe operária. Por isso descobre que precisa estar à serviço dos explorados.
- "A Igreja deve prestar atenção especial às minorias ativas (líderes sindicais e cooperativistas) que estão realizando, nos ambientes rural e operário, importante trabalho de conscientização e promoção humana, apoiando e acompanhando suas preocupações com a mudança social" (Medellin)
- "A necessidade de... instauração de uma nova presença evangelizadora da Igreja no mundo operário..." (Puebla 441-442)
- "Aos operários: no mundo que se urbaniza e se industrializa, cresce o papel dos operários como principais artífices das prodigiosas transformações que o mundo hoje experimenta". (Puebla 1244)

A Igreja de São Paulo definiu o mundo do trabalho como uma de suas prioridades afirmando: "Promover à luz do Evangelho, o mundo do trabalho, dando ênfase ao operariado, pela conscientização de seus componentes como principais agentes de transformação humanizadora das estruturas da empresa e do sistema econômico, político e social". (3º Plano Bienal-p.43).

Uma das justificativas dadas pela escolha da prioridade afirma: "Violação constante dos direitos dos trabalhadores como consequência de uma estrutura injusta do mundo do trabalho baseada no lucro e na posse abusiva dos bens materiais e não nas pessoas". (p.44)

- c) Hoje a luta é a luta dos explorados para sua libertação. Por isso a Igreja está a serviço dos explorados e fez sua opção preferencial pelos pobres.
- d) A Pastoral do Mundo do Trabalho é um meio pelo qual os operários cristãos podem assumir seu compromisso com a luta operária. Ela dá voz e vêz aos operários.

II. O que a P.O. pretende

A Pastoral operária pretende animar os trabalhadores cristãos a se engajarem na transformação da sociedade à luz do Evangelho.

a

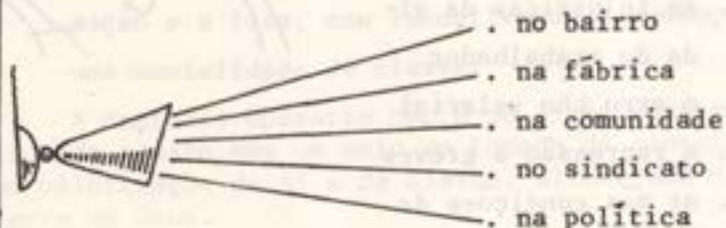
Procura CONCIENTIZAR os trabalhadores a enxergar a realidade, despertar para um compromisso, alertar, libertar, ver sua realidade à luz do Evangelho, ter consciência de classe;



a Igreja, através de seus agentes, bispos, padres e freiras, adquirirão consciência da importância da classe operária, na transformação das estruturas, despertando para a necessidade de um engajamento na pastoral operária.

b

Procura FORMAR evangélica e politicamente o trabalhador, a partir de sua vida



c

Procura DAR CONHECIMENTO:

- do direito do trabalhador, da história da classe operária, do sindicalismo e suas propostas atuais.
- da Bíblia, na ótica do trabalhador
- dos documentos da Igreja que tratam da questão do trabalhador
- da estrutura do sistema capitalista

d

A Pastoral Operária DENUNCIA

- as injustiças da vida do trabalhador
- o arrocho salarial
- a repressão a greves
- as más condições de trabalho, etc

e

A Pastoral Operária quer UNIR

- os trabalhadores no bairro e comunidade
- os trabalhadores da cidade e do campo
- na luta contra o sistema capitalista e na busca da sociedade justa e fraterna

**f**

A Pastoral Operária pretende ORGANIZAR:

- formando grupos de operários nos bairros e comunidade.
- despertando operários para uma participação consciente e crítica nas comissões de fábrica, no movimento sindical, nas reivindicações de bairro,
- buscando soluções juntos,
- agindo sem queimar etapas,
- a partir das organizações existentes, e não fazendo grupos paralelos nem dominando a organização e a luta, mas incentivando a mudança de uma mentalidade de classe.

A Pastoral Operária não é um órgão representativo de classe mas um meio de tomada de consciência de valorização de si e da classe, alicerçada na Palavra de Deus.

Visão histórica da Igreja e da Bíblia

1. A partir da Igreja.

A Pastoral Operária se baseia, por um lado, na realidade do mundo operário, onde há falta de liberdade, injustiça, sindicatos atrelados ao governo, desunião entre os operários... mas onde se manifesta e se fortalece o desejo de quebrar o sistema capitalista. Por outro lado, a Pastoral Operária vem da realidade da Igreja que incentiva os cristãos a assumirem um compromisso mais firme com as lutas operárias. A Pastoral Operária parte de uma Igreja renovada, embora muitos cristãos tenham dificuldade de aceitar uma luta operária.

a) Isto porque, na história da Igreja há duas correntes: a corrente evangélica do povo oprimido e a corrente espiritualizante da classe dominante que divide a vida da fé. Por isso há, na prática, 'duas Igrejas', a Igreja dos patrões que se chamam cristãos, mas exploram seus empregados, e a Igreja dos oprimidos. A atitude do cristão depende da ótica pela qual ele lê o Evangelho, a do oprimido ou a do opressor.



b) Até o Vaticano II a Igreja perdeu a classe operária, por não ter se comprometido de maneira clara com as suas lutas. A fé é uma maneira de amar e lutar. A Igreja não tem um projeto social mas leva os cristãos a assumirem a luta seguindo os princípios do Evangelho. Os documentos sociais da Igreja tornam explícitos estes princípios. Exemplo:

- o bem comum,
- a marginalização como negação do bem comum,
- a liberdade e segurança,
- o desenvolvimento integral do homem e de todos os homens.

(ver Documento da CNBB - "Exigências cristãs de uma ordem política")

c) Entre esses princípios, há outros, tais como a consciência comunitária e a consciência de classe.

"Por outro lado, sendo o trabalho 'a chave essencial de toda a questão social' (Laborem Exercens), é fundamental não subestimar a importância da mobilização solidária dos trabalhadores, como tais, na luta justa pelo reconhecimento de sua dignidade e da dignidade do seu trabalho, através de suas organizações próprias. O fortalecimento da consciência comunitária não deve esvaziar a consciência de classe, porque só esta tem condição de enfrentar os problemas globais e de prazo mais longo. Não condiz com as diretrizes e o espírito da "Laborem Exercens" pensar que a consciência de classe conduza inevitavelmente à luta de classes, no sentido insurrecional do termo. Com efeito, segundo a mesma Encíclica, os problemas da relação entre o trabalho e o capital não serão resolvidos pelo esvaziamento da consciência de classe, mas ao contrário, pelo seu amadurecimento, que a prepara para os confrontos inerentes a toda a democracia empenhada na realização do bem comum, isto é, do bem de todos, sem discriminação".

[Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil p. 18-19].

d) Hoje, no Brasil, a Igreja procura assumir um compromisso com os pobres e oprimidos. Mesmo assim 'as duas igrejas' deixaram sua marca na classe operária.



Parece que essas duas realidades, Igreja e mundo do trabalho, constituem dois setores bem separados. A classe operária, na cidade, sente-se distanciada da Igreja, mesmo quando ela procura se renovar. Muitos são os operários que vivem uma religiosidade popular que lhes vem das suas origens rurais. Esta fé se apresenta como assunto particular, individual, que não toca profundamente a sua vida de trabalho. Esta fé também não se relaciona com a exploração do operário nem com suas lutas.

Quando o cristão percebe que a luta operária é uma exigência do Evangelho, há engajamento na luta, e uma visão crítica mais aguda da Instituição. É necessário constante aprofundamento de fé, da história da Igreja e da Palavra de Deus. A história da Igreja revela o porquê e o significado das duas correntes que encontramos hoje (espiritualista e evangélica). Nos três primeiros séculos vemos as comunidades mais perto das origens; depois percebemos a igreja instituído

nal, a partir de Constantino, aliada aos poderosos. O Concílio Vaticano II convida a Igreja latino-americana a buscar, em suas origens, motivação e conversão.

2. A partir da Bíblia (AT)

Não pode haver fê desligada da luta operária e política. Não se pode separar a fê da realidade operária.

Na Bíblia se descobre que a história da salvação está intimamente ligada à história do povo que luta para se libertar social e politicamente. Começou com a libertação do povo escravizado pelos egípcios. Moisés foi o líder com quem o povo se identificou para iniciar esse movimento.

Já na terra prometida, o povo era um agrupamento de doze tribos que quis chegar ao nível de nação livre, autônoma, no estilo das outras nações vizinhas. A monarquia passou a ser o modelo da organização política que o povo queria. Conseguiu. Até chegou a idealizar o seu rei, Davi.

Em Israel, no reinado de Salomão aparece a sociedade dividida em classes. Devido às obras gigantes - cas de construção do Templo, do Palácio, das fortificações de Jerusalém e de outras cidades militares, o povo foi obrigado a trabalhar forçado. Essa exploração dos mais fracos foi crescendo no decorrer dos tempos e foi denunciada quase que permanentemente pelos profetas.

Na época em que o povo foi deportado para a Babilônia houve um esforço para restaurar a nação na sua pureza primitiva: acabar com a corrupção dos ricos e dar um novo impulso à prática da Lei religiosa que também servia como lei política. Com as infiltrações de culturas estrangeiras (gregas, etc) e com a dominação romana, nasceram partidos religiosos-políticos com projeto de libertação nacional. Alguns deles com luta armada.

Através dessa caminhada, o povo vai tomando consciência de sua força como POVO: libertou-se da escravidão do Egito mas percebeu, com a ajuda de Moisés, que a libertação não era apenas econômica ou política. O povo fez a experiência do deserto, a libertação atinge a pessoa toda. A gente deve também se libertar da mentalidade individualista, dos interesses particulares, da visão estreita.

Na medida em que o povo vai se organizando, ele vai se unindo. Criando as leis que normalizam o relacionamento entre as pessoas e os grupos, o povo vai se definindo ideologicamente. Por exemplo: em Israel, as terras eram de todos. Deus era considerado o único dono. Quem tinha adquirido direito de posse, devia se comportar apenas como gerente dos seus bens. Na prática esse program nunca foi aplicado mas ficava como ideal.

Também através dessa caminhada o povo tomou consciência da presença ativa de Deus; um Deus que faz aliança com seu povo, um Deus comprometido com a sua história.

tória, um Deus que luta ao lado do oprimido. As vitórias do povo eram as vitórias de Deus. "Deus nos libertou das mãos dos nossos opressores". O povo tinha fé que Deus só podia estar ao lado dos pequenos, dos justos, dos oprimidos.

Deus, porém, não aceitava tudo o que o povo fazia ou pensava: "Eu vi que vocês se fazem de valentes, de orgulhosos". "Vocês se desviaram do caminho que preparei para vocês".

A fé ajudava o povo a se questionar sempre. Assim o povo ao longo de sua história, sonhou com um Messias, um homem mandado por Deus que viria libertar definitivamente o país da opressão e restaurar a lei religiosa. Enquanto uma minoria esperava um chefe religioso, espiritual, a maioria sonhava com um rei que seria também chefe militar. Nisso se enganavam.

OS GRANDES DESTE MUNDO TÊM PODER SOBRE O POVO. MAS ENTRE VOCÊS NÃO PODE SER ASSIM. AO CONTRÁRIO...



Jesus se baseia no profeta Isaías para mostrar ao povo que tipo de libertador era de se esperar.

"O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me escolheu para anunciar a Boa Nova aos pobres. E me mandou anunciar a liberdade aos presos, dar vista aos cegos, por em liberdade os que são maltratados. E anunciar o Ano em que o Senhor vai libertar seu povo".

(Lucas 4 - Isaías 61)



Para entender melhor a missão de Jesus é bom saber que o "ano de graça", o ano em que o Senhor vai libertar o seu povo, significa na Bíblia um ano em que se perdoa as dívidas, em que se acaba com a escravidão, em que se liberta os presos (anistia geral) e se reparte as terras.

Cristo não quis fugir dessa programação anunciada por Isaías. Ele se colocou claramente a serviço dos oprimidos, entrando na história do povo. Jesus trouxe a esperança de um mundo novo, através das lutas de libertação dos homens. Ele até chamou para dentro do grupo dos doze apóstolos, homens que tinham ligação política com o partido de libertação nacional: Simão, o Zelote, e provavelmente Judas, o Sicário (iscariote = sicário armado).

A Igreja, a exemplo de Cristo, tem a mesma história que o povo, e as mesmas lutas, acompanhando os seus passos para a sua libertação, questionando os que tem o poder na mão para que não caiam na tentação de dominar.

O PODER É DO POVO E A SERVIÇO DO POVO.

A Pastoral Operária liga o Evangelho e a vida operária. É preciso descobrir a fé dentro da nossa luta. Isso não significa 'colar' trechos da Bíblia no finzinho da reunião. Significa que precisamos refletir a nossa fé em determinados momentos, assim como refletimos sobre o movimento operário, a política, etc. Esta fé nos faz voltar sempre para o povo; não permite que fiquemos longe das bases. Precisamos refletir a nossa fé

junto com outros militantes cristãos, comprometidos na luta operária. Ora, se a Igreja não pretende dirigir o movimento operário, pois isso pertence às organizações operárias, ela traz uma qualidade na luta que lhe vem de Cristo: a maneira de Deus lutar, a maneira de Deus fazer o homem novo e livre, a maneira de Deus quebrar o esquema opressores-oprimidos... enfim, a maneira de Deus amar,

Campos de atuação da pastoral operária

A. BAIRRO E COMUNIDADE. POR QUÊ ?

- é onde se formam grupos de base da pastoral operária, aprofundando a Bíblia e a história da Igreja;
- é onde o operário vive e sofre as consequências do mundo do trabalho;
- é o lugar onde a família vive;
- onde há a possibilidade de viver em comunidade de moradia e igreja;
- a pastoral atual da Igreja favorece o trabalho da pastoral operária;
- há maior contacto com todas as categorias;
- é onde congrega pessoas de diversas experiências;
- há facilidade de se encontrar;

- há mais liberdade.



Sugestões para a ação:

- congregar os operários para refletir a vida e a fé, aprofundando a Bíblia e a história da Igreja.
- incentivar o trabalho de fábrica e a participação no sindicato, fazendo a revisão de vida operária nos grupos de pastoral operária, a partir do dia-a-dia.
- incentivar a formação de grupos e comissões de fábrica.
- conseguir novos militantes para o movimento operário.
- esclarecimento sobre as leis trabalhistas, política salarial, história da classe operária, etc.
- formar militantes da comunidade para fermentar as fábricas e os sindicatos.
- encontros de formação e capacitação para militantes atuarem na organização da classe.
- formar grupos de apoio ao movimento operário.
- participar das lutas de bairro que atingem as condições de vida do trabalhador.
- incentivar associações de trabalhadores.

B. FÁBRICA. POR QUÊ ?

- é onde o operário passa a maior parte de sua vida;
- é onde ele é explorado, sofre os problemas econômicos;
- é onde o militante vive, junto com os companheiros, os problemas comuns;
- é o lugar de decisões;
- é o centro da produção;
- é onde se concentra a classe trabalhadora que se relaciona diretamente com: condução, oposição sindical, trabalho da mulher, comissão de fábrica, greve, profissionalização.



Sugestões para a ação:

- buscar maior união entre os operários, através de pequenos gestos de amizade, solidariedade diante dos problemas comuns.
- formar grupos de fábrica, comissões de fábrica.
- conscientizar para a participação no sindicato.
- organizar para conquistar participação nos frutos da

produção (greves).

- trabalho com operários jovens.
- promover troca de experiências (inter-fábrica, inter-categoria).
- conhecer experiências existentes.

C. SINDICATO. POR QUÊ ?

- é o órgão representativo da classe onde se pode discutir as formas de organização;
- é uma entidade legal onde podemos reivindicar direitos e organizar as nossas lutas;
- é o órgão de defesa da classe trabalhadora.



Sugestões para a ação:

- incentivar e apoiar a organização das várias categorias.
- participar para que o sindicato se torne órgão representativo da classe (o sindicato não está nas mãos da classe, mas precisa ser conquistado).
- participar e fortalecer as oposições sindicais.
- conhecer as diversas propostas do movimento operário para um maior discernimento.

Capitulo 2

O PROCESSO DE PLANEJAMENTO E A CAMINHADA DA PASTORAL OPERÁRIA



Vamos agora analisar a caminhada da PO desde que nasceu. Vamos tentar descobrir quais eram os objetivos, as estratégias usadas, e a sua organização.

A história da PO pode ser dividida em três épocas onde podemos distinguir seus objetivos, suas estratégias básicas, e algumas atividades.

I. Antecedentes da pastoral operária: de 1.950 à 1.970

Na década de '50 a resposta da Igreja à classe operária se expressava através dos movimentos apostólicos: ACO (Ação Católica Operária), JOC (Juventude Operária Católica), Unicor, os Círculos Operários. Havia diferenças de linha entre estes movimentos com relação à opção de classe.

Com a crise sofrida pela Ação Católica, alguns militantes começaram a fazer experiências 'independentes' ligadas a comunidades ou paróquias onde o padre apoiava. Isto porque estes militantes antigos da Ação Católica,

juntos com alguns agentes de pastoral na mesma linha, resolveram buscar formas de organização da classe operária cristã mais inseridas na igreja local.

A. Objetivos: Os objetivos a médio prazo destas experiências 'independentes' foram:

1. Fazer a Igreja de São Paulo se voltar à realidade operária.
2. Ajudar o operário cristão, a partir de sua realidade e do Evangelho, a engajar-se no movimento operário.

B. Estratégias: (ligadas aos objetivos 1 e 2)

1. Jogar as reflexões dos grupos de operários nas missas.
2. Formar grupos de trabalhadores nas comunidades, usando o método ver-julgar-agir.
3. Fortalecer as oposições sindicais -principalmente a metalúrgica, por ser a de maior peso na cidade- a partir de uma análise dos sindicatos.

C. Escolhas básicas nestas estratégias:

1. Trabalhar dentro da Igreja para mudá-la. Ser pastoral, não movimento apostólico.
2. Engajamento no movimento operário que abrange todos os trabalhadores na luta por seus interesses (não a formação de um sindicato cristão, nem de um movimento cristão paralelo).

3. Cada militante mais consciente escolhe seu engajamento na igreja, no movimento operário na política (opção pessoal).
4. Método: ver-julgar-agir, adaptado à nossa realidade, que leve ao engajamento do indivíduo e do grupo. É um método indutivo, não dedutivo; parte da realidade, não da teoria.

II. Pastoral operária linha de pastoral : 1.970-1.975

Em 1970 começou um processo de oficialização e estruturação daquilo que existia de trabalho apostólico com os trabalhadores. Todos os movimentos e experiências independentes foram convidados para se organizar dentro da diocese como Pastoral Operária.

Nestes anos se travou uma luta interna intensa em relação à orientação da PO, principalmente em torno de sua opção de classe. Em '72 venceu a proposta de uma PO classista, ou seja, reconhece-se a existência da luta de classe causada pela própria estrutura e natureza do capitalismo. Este fato exige uma opção pela classe trabalhadora e sua organização. Coincide com a opção evangélica pelos oprimidos. Esta foi uma época de fechamento e repressão. Isto pesou muito na escolha das estratégias possíveis.

A. Objetivos: Estes continuaram os mesmos.

B. Estratégias: (dos 'independentes')

1. com relação à Igreja:

- a- Participar na pastoral operária 'oficial' que estava sendo organizada na Arquidiocese, a fim de incrementar uma linha 'classista'
- b- Fortalecer as experiências de base. Partindo de sua realidade, os trabalhadores aprofundaram o seu papel como cristão no seu meio. Havia dias de formação sobre o trabalho de fábrica, sindicato, história da classe operária.
- c. Divulgar a PO na Igreja.

2. com relação ao movimento operário

- a- trabalho de base: organizar grupos nas comunidades cuja tarefa é incentivar os movimentos populares nos bairros e os grupos de fábrica.
- b- fortalecer o movimento operário . fazer o 1º de maio dentro da Igreja (manifestações não eram permitidas por causa do regime militar e atos de exceção) comemorando com missas, palestras, peças de teatro em algumas igrejas

- . acompanhar e refletir sobre as cam-
panhas salariais, principalmente a
dos metalúrgicos de São Paulo.



- . apoiar as oposições sindicais
principalmente a metalúrgica a-
través da participação ativa de
membros da PO.

Em 1974 a repressão pegou membros da PO e da o-
posição sindical metalúrgica, acusando-os de ter li-
gações com partidos clandestinos de esquerda. Esta
repressão levou a uma retomada do trabalho de base,
sem muita visibilidade e sem divulgação pública. Den-
tro desta nova realidade uma nova estratégia foi a-
crescentada às acima mencionadas: manter uma posição
classista dentro da Igreja, ou seja, a compreensão
de que no mundo capitalista a população está dividida
em duas classes básicas -explorados e exploradores-
cujos interesses são antagônicos; é uma opção clara
pela classe trabalhadora que forma a maioria da po-
pulação da Arquidiocese de São Paulo. Esta opção sig-
nificou não aceitar a proposta de harmonia entre pa-
trões e operários.



III. Pastoral operária como prioridade da Arquidiocese 1.975

Em 1975 houve o primeiro planejamento pastoral
com a participação de leigos das comunidades juntos
com os bispos. Houve um processo de consulta nas co-
munidades para levantar os problemas mais sentidos
pelo povo, e a partir disso uma votação de priorida-
des para a arquidiocese.

Foram votadas quatro prioridades: as CEBS, Direi-
tos Humanos, Periferia, e a Pastoral do Mundo do Tra-
balho. Isto criou um pouco mais de ânimo e espaço pa-
ra a PO se tornar reconhecida. Em 1976 e 77 a PO dedi-
cou-se a uma estruturação interna e um começo de di-
vulgação aberta

Em 1978, com a 'abertura política', o movimento
operário passou por uma fase de maior atividade com as
primeiras greves por fábrica e campanhas eleitorais nos
sindicatos mais fortes. A P.O. através de seus militan-
tes participa ativamente e iniciam-se os movimentos de
apoio nas comunidades. Nesta fase a maior parte do tem-
po dos militantes passa a ser dedicado ao movimento ope-
rário, esvaziando-se assim a liderança dos grupos de ba-
se da P.O., obrigando-a a criar novas lideranças.

Este processo continua em 1979 e 80 quando se consegue grande participação na Igreja em apoio às greves dos metalúrgicos e das eleições sindicais. Também começa um processo de reflexão e participação na política partidária.

Em 1981 começa o refluxo no movimento operário que continua até hoje (83-84), com repressão às greves e aumento do desemprego. Neste refluxo acontece maior investimento no trabalho de base tanto na Igreja como nas fábricas. A preocupação é menos com grandes atividades e mais com a base. É um momento de recompor forças. Mas para muitos que tinham entrado na PO, como também no MO em época de grande movimentação, este refluxo deixa um certo vazio. Falta preparo e treinamento para realizar o trabalho de base.

Neste tempo a PO começa a refletir seriamente a sua posição em relação ao movimento operário, caminhando para ter posições próprias e não 'tarefeiras'. Houve sérias reflexões em torno da Chapa 2 dos metalúrgicos em 1981, a participação da PO no ANAMPOS, na CONCLAT e na CUT. A PO se preocupou também com um processo de luta contra o desemprego à nível de comunidades e de arquidiocese. E muitos dos seus militantes se envolveram no PT, tanto como candidatos quanto como militantes do partido. Depois das eleições parlamentares sentiu-se um certo vazio na PO no momento de maior engajamento dos militantes.

Mas em 1982 e 83 continua um sério aprofundamento da PO: sua estrutura, sua metodologia, sua organização interna, seus objetivos. Torna-se mais forte a preocupação de desenvolver um processo de formação e organização de trabalhadores nas comunidades a longo prazo, que continua firme e cresce com a participação dos militantes nas lutas operárias que prometem voltar em 84.

IV. Organização atual

A. Objetivos: continuam os mesmos.

B. Estratégias:

1. com relação à Igreja

- a- criar uma estrutura arquidiocesana para
 - . fortalecer, onde existe, a PO nas Regiões
 - . incentivar sua criação nas outras Regiões
 - . desenvolver uma linha comum através de material para grupos (1º de maio, greves, campanhas salariais e eleitorais)
- b- Divulgação ampla e 'oficial' da PO no "O São Paulo" e outras publicações de Igreja
- c- Campanha da Fraternidade de 1978: "Trabalho e Justiça para todos". Preocupação em integrar o tema do trabalhador em todas as campanhas da fraternidade, e no folheto litúrgico "Povo de Deus".

2. com relação à organização dos trabalhadores

a- Organização interna: fortalecer a formação e articulação dos grupos de base

- . grupos por comunidade, área, setor
- . coordenações, equipe executiva
- . desenvolver linha comum ('A PO - O que é - 1978) através de assembleias de militantes
- . formação por nível para militantes e agentes

b- militantes assumindo liderança nas lutas

- . greves
- . campanhas eleitorais e oposições sindicais
- . campanha política, principalmente no PT
- . organizações de oposições sindicais.

c- movimentos de apoio, tentando envolver o povo nas lutas dos trabalhadores

- . buscar maior espaço junto à Instituição eclesial: uso de salas -principalmente no centro da cidade- em época de luta; denúncia à repressão e injustiça
- . nas comunidades, organizar fundos de greve e apoio às campanhas

d- posições da PO no movimento operário

- . participação no ANAMPOS
- . campanhas contra o desemprego
- . atividades de 1º de maio

- . reforçar participação nas oposições sindicais na luta contra o peleguismo e a estrutura sindical

- . comitês de base em vista da formação da



IV. Organização atual na Arquidiocese

Estas são formas que surgiram a partir das necessidades de formação, articulação, e tomada de decisões conjuntas:-

- grupos nas comunidades
- coordenações: Setor, Região, Arquidiocese
- equipe executiva: 'liberados'
- treinamento de animadores de grupo
- encontros ampliados da coordenação para decisões maiores
- assembleias amplas dos membros da PO
- material por nível
 - . pedagógico
 - . de aprofundamento
 - . para ampla distribuição em momentos-chaves
- encontros de formação para agentes de pastoral
- retiros para militantes
- encontros de formação para militantes sobre a situação atual, e aprofundamento de fé.

V. Revisão de vida operária

A revisão de vida operária é uma maneira importante para cada um do grupo melhorar seu trabalho de base com os colegas da firma

Colocamos aqui um roteiro que pode ser usado nos grupos de PO para se fazer a revisão de vida operária. É bom notar que não é preciso fazer todas as perguntas.

Levantamento da realidade (Ver)

- : quais os principais problemas que cada um enfrenta no serviço?
- : quantos enfrentam os mesmos problemas?
- : o que eles pensam?
- Depois de todos colocarem os problemas, escolher um mais comum e aprofundar. É muito importante esta escolha para que o resto do processo possa ir em frente.

Capítulo 3



DIFICULDADES
MINHAS E DOS
COLEGAS.

QUANTOS ?

PENSAM O QUE ?

Causas e consequências.

- : quais as causas do problema escolhido?
 - . causas que vêm do sistema (patrões-governo)
 - . causas que vêm do próprio trabalhador ou da sua classe; ex. falta de união, de organização, o medo.
- : VAMOS OLHAR MAIS AS CAUSAS QUE VEM DO TRABALHADOR.



- : quais as consequências deste problema para a classe trabalhadora?

COMO PLANEJAR
NOSSA AÇÃO

Reflexão (Julgar)

- : o que está acontecendo, está certo ou errado?
- : como a classe trabalhadora tem se comportado diante de problemas semelhantes? Na história da classe operária há alguma experiência de luta neste sentido?
- : qual a visão da Igreja? (Na Bíblia, nos documentos da Igreja).

. Saídas (Agir)

- : o que se pode fazer junto aos companheiros?
- : que tipo de relacionamento com os companheiros é possível? Quais as perspectivas?
- : o problema pode ser jogado à comunidade?
- : diante do problema (atraso de pagamento, por exemplo, é possível agir já, ou precisa se cumprir outras etapas? (Saber medir a percepção e estado de ânimo dos companheiros).

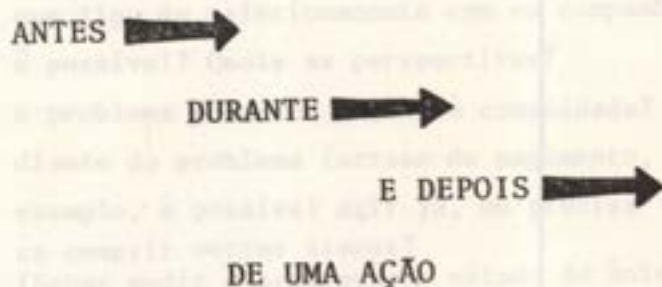
Capítulo 3

COMO PLANEJAR NOSSA AÇÃO

Todos nós usamos a palavra 'planejamento'. Nem sempre, porém, lhe damos o mesmo sentido. E daí a confusão. Para que possamos planejar bem, precisamos estar de acordo com o que é 'planejamento'.

I. Processo de planejamento

Planejamento não é uma coisa fixa. Muda conforme a situação exige. Assim entendemos que planejamento é um processo que acontece



Vejamos este esquema:-



Este esquema mostra os passos que são dados para se chegar a uma ação. O planejamento inclui todos estes passos. Pois:

PLANEJAMENTO NÃO É IMPROVISAÇÃO

POR QUE AGIR?

Para modificar a realidade

POR QUE PLANEJAR?

Para atingir o objetivo da maneira mais rápida possível. Quem não planeja se embanana. Se eu quero chegar ao meu objetivo preciso planejar.

A AÇÃO é um processo de intervenção na realidade para modificá-la.

A minha ação tem um objetivo. Mas preciso descobrir meios para chegar lá. São as estratégias.

Por exemplo: Quero sindicalizar meus companheiros. Qual o meu objetivo com esta sindicalização? Derubar os pelegos do sindicato. Qual a minha estratégia? Fazer com que muita gente se sindicalize. Mas antes da ação, preciso ver os meus recursos. Pode ser que sozinho posso sindicalizar só três companheiros. Por isso preciso rever meu objetivo e a minha estratégia.

Agora vamos chegar a um acordo sobre as palavras-chaves do planejamento:-

OBJETIVO: Onde quero chegar ?
Que resultado quero obter ?

Existem objetivos a curto, médio e longo prazo. Por exemplo, um objetivo a curto prazo seria o que o grupo vai fazer como tarefa no fim de uma reunião até a próxima. Os objetivos a médio prazo são aqueles que procuramos definir no início do ano, por exemplo, quando avaliamos nossa ação do ano passado e planejamos para o próximo ano. Também é um objetivo a médio prazo quando definimos prioridades para os próximos três anos. O nosso objetivo a longo prazo é onde queremos chegar mesmo; para nós, cristãos, à sociedade nova. Podemos esclarecer que tipo de sociedade queremos e isso nos ajuda a ver como chegar lá.

ESTRATÉGIA: Como chegar lá ?

Sempre há várias maneiras de se atingir o objetivo. Eu não planejo só para planejar, mas para chegar ao objetivo. Para chegar lá e escolher uma boa estratégia eu preciso levar em conta três elementos:

1. A história: Que podemos aprender da ação no passado?
Quais as lutas da classe operária que podem nos dar pistas para hoje? Será que a classe trabalhado-

ra já enfrentou uma situação como a de hoje dentro da Igreja ?

2. As exigências atuais, ou a conjuntura:

Qual é o problema maior da classe operária hoje? O que mais impede que ela avance? Podemos ver que alguns anos atrás a maior preocupação nas lutas era por um salário melhor. Hoje vemos que é a luta para estabilidade no emprego. Amanhã, o que será?

3. Os recursos disponíveis:

Com quem posso contar? Se nosso grupo quer atingir um objetivo grande, por exemplo, uma greve geral, será que tem gente suficientemente unida para chegar lá? Qual a posição de outros grupos, movimentos, sindicatos, etc, no movimento operário?

Quando um grupo levanta seus recursos, precisa levar em conta as pessoas organizadas com quem conta e em que pode contar. Numa greve, por exemplo, existem um certo número de trabalhadores que topam fazer tudo: distribuir material em porta de fábrica, fazer piquete, ir nas reuniões para decidir os próximos passos, etc. Estas pessoas chamamos de organizadas, quer dizer,

pessoas que têm condições de levar uma ação planejada para frente.

Mas existem muitas outras pessoas que seguem a liderança dos outros. Se uma greve for do interesse deles, por exemplo, eles param quando são chamados. E alguns passam a se juntar com os que estão organizando a ação.

Além das pessoas e dos grupos que estão conosco, preciso saber os recursos materiais que tenho, como por exemplo, salas para reuniões, máquinas para rodar material, dinheiro, papel, tinta, condução, etc. O que é possível conseguir?

E, finalmente, preciso avaliar os recursos de quem está do outro lado. Os que estão contra os interesses do trabalhador são poucos mas têm recursos materiais como dinheiro, armas, leis, meios de comunicação, etc. O maior recurso do trabalhador é que são muitos. Por isso é muito importante escolher ações que contam com o apoio de muita gente.

Se eu vejo que não tenho recursos para chegar no meu primeiro objetivo, eu devo redimensionar meu objetivo para poder atingí-lo

com os recursos que tenho. Por exemplo, em vez de sonhar numa greve geral, pensar como reforçar as greves por fábrica em atraso de pagamento. São os objetivos mais imediatos que devem mudar conforme a situação. Mas o nosso objetivo a longo prazo continua e tem sempre que orientar toda a nossa ação.

Para nós da Pastoral Operária e qualquer outro grupo que tem como objetivo a longo prazo transformar a sociedade, temos também que ver como o nosso grupo pode começar esta transformação já dentro do próprio grupo.

Por isso não queremos que as nossas lideranças sejam mandonas. Não queremos cair num autoritarismo onde poucos decidem para o grupo. Nem queremos um paternalismo onde as pessoas acham que estão participando, mas na realidade já está tudo pronto.

Para criar uma sociedade nova queremos já uma participação real de todos. Queremos um poder serviço onde cada um sente que tem uma contribuição real a dar para o grupo andar. Não dando sua contribuição o grupo fica mais pobre. E a transformação demora mais.

ORGANIZAÇÃO DA AÇÃO

- a- quem faz o quê.
- b- divisão de tarefas.
- c- onde ? como ?

Para organizar uma ação é necessário pensar em:

- a) quem faz o que? (divisão de tarefas) b) onde? como?

Temos as tarefas decididas pelo grupo e que devem ser concretizadas.

a) Quem faz o que? O grupo responsabiliza os seus participantes para que estas tarefas sejam levadas a cabo. Exemplo: É preciso montar um boletim específico para convocar uma greve na fábrica? Quem vai montar o boletim? quem organiza o trabalho de distribuição? etc...

b) Onde? Para que o boletim seja bem feito é preciso que se tenha em mente o local em que a fábrica está localizada. Que região da cidade? Qual a sua importância estratégica para o movimento? O grupo de trabalhadores que trabalham na fábrica. Como? A ação será bem sucedida se no planejamento levarmos em conta os reursos disponíveis e se avaliarmos bem os recursos em vista da ação a ser empreendida. Não basta planejar a ação, é preciso criar condições para que ela seja executada.

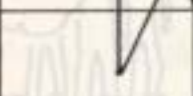

Capítulo 4

AVALIAÇÃO:

A avaliação no fim de uma ação é muito importante para ver o que deu certo e o que não deu certo. Esta avaliação deve ser feita em cima dos objetivos e dos resultados concretos.

Daí a gente escolhe um novo objetivo, uma nova estratégia, e organiza a ação com mais segurança.

Agora vamos olhar o esquema:-

	Antes	Durante	Depois
OBJETIVO			
ESTRATÉGIA			
ORGANIZAÇÃO			
AVALIAÇÃO			

Podemos ver que se a gente entende assim, o planejamento é um processo que está constantemente sendo modificado conforme a realidade. Eu posso planejar bem conforme a situação, a minha experiência anterior e os meus recursos.

Mas sempre surgem imprevistos. Por isso o planejamento continua durante a ação. A gente precisa estar pronto para rever o objetivo imediato, a estratégia possível, e a organização necessária durante a ação.

Sobretudo quando a gente está em situações de conflito, como acontece no movimento operário onde as coisas mudam de dia a dia no momento da ação, precisamos parar e avaliar rapidamente como está andando nossa ação. Podemos ver isso claramente numa greve ou numa campanha eleitoral, onde o que eu pensei seria possível no começo, mas muda muito durante a ação.



Capítulo 4

DINÂMICA DE GRUPO APLICADA À PASTORAL OPERÁRIA

I. O que é grupo ?

Antes de aprofundarmos o papel de um animador de grupo, precisamos entender melhor como funciona um grupo em si. Vamos pensar:-

A. QUE TIPO DE GRUPO CONHECEMOS ?

Na Sociedade:

Sociedade Amigos, APM, partidos políticos, torcida organizada, associação de moradores, sindicatos, oposições sindicais, comissões de fábrica, FIESP, exército, etc.

Na Igreja:

pastoral operária, clube de mães, grupo de saúde, grupo de rua, jovens, catequese, liturgia, vicentinos, etc.

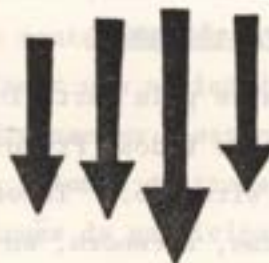
B. O QUE FAZ UM GRUPO SER GRUPO ?

- * os interesses comuns
- * o objetivo comum
- * a ação em comum
- * a coesão interna
- * a organização

C. MODELOS DE GRUPOS

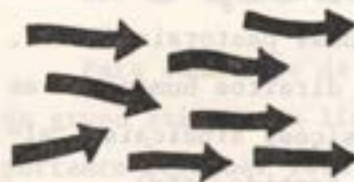
a- Grupo Autoritário

A ação é comum mas os interesses das pessoas estão permanentemente em conflito. A maioria executa as ordens.



Ex. empresa, exército, dimensão institucional da igreja.

As pessoas participam por necessidade ou obrigação. A ação é conservadora. Controla a situação. Por isso o poder é autoritário. Poucos mandam e poucos decidem.



b- Grupo Rotineiro

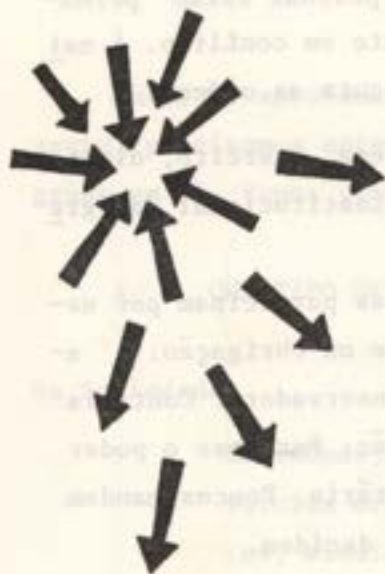
A participação é voluntária. Mas a ação não sai daquela de sempre. Ex.

grupos de amigos que tomam cachaça junto; grupos de futebol; muitos grupos de igreja.

Cada um tem uma tarefa, mas ninguém exerce sua criatividade. O grupo fica na rotina. O grupo depende desta rotina



e de suas lideranças. Partem de esquemas pré-estabelecidos; não acompanham as mudanças da realidade.



c- Grupo Transformador

Caracteriza-se pela participação ativa de todos. Procura mudar a situação. Todos buscam saídas, aprendem, ensinam. Todos são líderes em algum aspecto.

Ex. algumas pastorais (CEBS, PD, direitos humanos, as oposições sindicais, algum partido, etc)

Estes pretendem ser transformadores da situação. O grupo transformador sempre se multiplica pois precisa atingir mais gente para mudar a situação.



A ação transformadora parte dos interesses de classe. É preciso uma transformação dentro do próprio grupo, onde cada um cresce na sua consciência de classe, seu compromisso, sua capacidade de agir. As decisões

são tomadas em conjunto e as falhas são cobradas a fim de que o grupo ande melhor. Um grupo de direita pode parecer transformador, porque é ativo e quer uma mudança mas quando olhamos de perto vemos que é profundamente mantenedor da ordem estabelecida. Porque querem continuar uma sociedade onde o poder é de poucos e os interesses em questão são dos patrões e dos ricos. Quando falamos de transformação, é para melhorar a vida através da participação.

II. O que é liderança?

Para cada tipo de ação diferente, para cada tipo de grupo existe uma liderança diferente. É muito importante perceber isto. Pois muitas vezes nós não usamos o tipo de liderança correta para atingir os nossos objetivos.

A. LIDERANÇA DOMINADORA



No grupo autoritário a liderança é de dominação. Isto porque os interesses estão em conflito e o objetivo é de favorecer poucos. Por exemplo: os interesses dos patrões e não dos operários. Por isso o patrão tem que mandar no operário para conseguir a produção, pois os lucros são dos patrões somente.

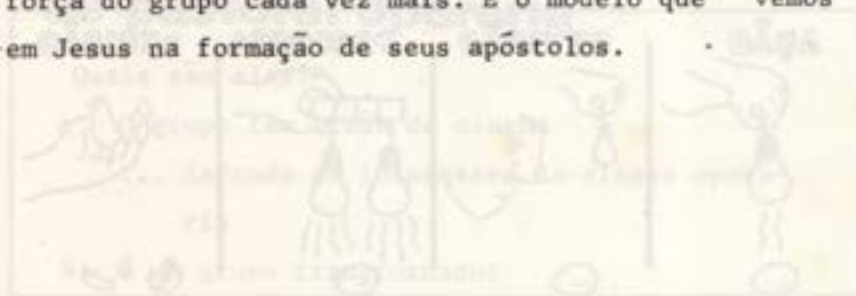
B. LIDERANÇA PATERNALISTA (ou 'a serviço')

No grupo rotineiro o líder parece bonzinho, preocupado com o bem de todos. Mas no fundo é ele que controla; é ele que toma as decisões, seguindo as regras já estabelecidas. Ele mantém todos na ação de sempre. É um poder que parece ser à serviço dos outros, mas na realidade cria dependência. Por isso chamamos de liderança paternalista. Muitas vezes nós, de Igreja, exercemos este tipo de liderança, pensando que estamos fazendo o melhor para todos mas não deixando os outros crescerem.



LIDERANÇA SERVIÇO

Num grupo que é realmente transformador, a liderança é de serviço. O animador trabalha para que todos cresçam na sua consciência de classe e na sua ação. Procura que todos sejam líderes, pois todos são sujeitos de sua história. O poder é do grupo todo onde as decisões são tomadas em conjunto. Esta liderança cria autonomia, solidariedade e aumenta a força do grupo cada vez mais. É o modelo que vemos em Jesus na formação de seus apóstolos.



O poder dentro de um grupo

Por 'poder' entendemos a capacidade organizativa para influenciar na realidade. Todo grupo parte de uma ação. Desta ação vem uma revisão ou avaliação. Dai surgem propostas novas. Das propostas são escolhidas algumas; toma-se uma decisão. Surge então, uma nova ação.



Olhem rapidamente no esquema como funciona o poder dentro de um grupo já formado.

Ciclo do Poder



É importante não misturar os momentos. Cada fase no ciclo precisa de contribuições próprias dos membros do grupo. Para uma ação transformadora é importante a participação do maior número de pessoas no processo todo, particularmente nas decisões importantes.

III. Característica de um grupo de pastoral operária

Quais são elas?

- A. O grupo tem visão de classe
... defende os interesses da classe operária
- B. É um grupo transformador
... na sua consciência de igreja
... na sua visão de uma sociedade nova
... na busca de uma ação transformadora
- C. É um grupo de igreja
... baseado na fé
... aprofunda a realidade operária à luz do Evangelho
... dentro da comunidade
... questionando as comunidades
- D. Leva à participação
... respeita as pessoas
... acolhedor, incluindo não-católicos
... chama todas as categorias

- ... desenvolve e capacita as pessoas
- ... busca o exercício do poder serviço

E. Leva a uma conscientização

- ... a partir da realidade de cada um no seu meio ambiente (ver-julgar-agir)
- ... chegando a uma visão de conjunto
- ... revisando a atuação de cada um e do grupo
- ... aprofundando o conteúdo de classe operária e visão cristã do mundo

F. É um grupo de ação, de luta

- ... pelos interesses da classe operária
- ... nos locais de trabalho
- ... como grupo na comunidade
- ... desenvolvendo trabalho de base

... não se fechando na comunidade mas procurando atuar

- no bairro
- no sindicato
- nos movimentos populares
- nos partidos políticos

g) Contribui para a organização da classe

- ... através da conscientização, participação ação e revisão
- ... prepara as pessoas para agir dentro e fora do grupo (formação de militantes)
- ... é multiplicador

Olhando seu grupo de pastoral operária, você percebe estas características?

IV. O papel do animador de um grupo de P.O.

Vamos olhar principalmente as funções de um animador. Todos nós podemos aprender a ser animadores de grupo. Não depende só de qualidades pessoais, mas principalmente de um entendimento melhor de como funciona um grupo e de que este grupo precisa para caminhar melhor.

A. Funções de um animador:-

- : incentivar, dinamizar, tomar iniciativas
- : tratar bem a todos no grupo, conhecer as pessoas, dar atenção aos interesses das pessoas
- : ajudar o grupo atingir seus objetivos, não deixar desviar ou dispersar, encaminhar a ação
- : colocar a serviço sua capacidade de assumir mais
- : trazer informação para o grupo
- : ajudar na revisão do grupo e corrigir a si mesmo
- : ser coerente na sua vida, buscando pistas novas
- : ouvir com calma sem ser agressivo
- : conhecer os problemas da classe operária

- : não dar respostas prontas mas ajudar o grupo a buscar saídas juntos
- : respeitar os níveis diferentes dos membros do grupo; não esperar o mesmo compromisso e entendimento dos velhos e novos
- : tomar decisões em equipe
- : ser perseverante
- : ser atuante dentro e fora das reuniões
- : acreditar no grupo

Lembramos que estamos falando das funções de um animador de grupo, e não da coordenação de reuniões. O animador nem sempre coordena reuniões. Dá oportunidade para todos. Num grupo transformador, todos têm a função de animar. Ninguém tem capacidade para fazer tudo que um grupo precisa. Num grupo mais maduro a liderança é sempre partilhada. Num grupo iniciante um animador às vezes precisa tomar iniciativas para incentivar e organizar o grupo, embora garantir a participação de todos seja sua função principal.

Mas ao mesmo tempo é importante lembrar que a Pastoral Operária não tem um 'cargo' de animador. Pode haver vários animadores num mesmo grupo. Pois os animadores são as pessoas interessadas que surgem no processo do trabalho e vivência do próprio grupo

B. ANIMADOR DE GRUPO - COORDENADOR DE UMA REUNIÃO

Vamos comparar as funções do animador e do coordenador.

a) O Animador de Grupo

Seu papel exige mais. Precisa ter tempo para:-

- preparar reunião
- preocupar-se com os cantos, ser descontraído
- buscar informação
- amarrar o trabalho
- descobrir pistas novas
- trabalhar fora e dentro da reunião
- acreditar no grupo



B. O Coordenador de uma Reunião



- atua dentro da reunião
- não é fixo
- faz a reunião andar
- controla o tempo
- não deixa o grupo se desviar do assunto
- incentiva a participação de todos
- distribui tarefas

OS PROBLEMAS DO ANIMADOR DE GRUPO

Os problemas do animador de grupo são de dois tipos:- a) o que fazer - b) como fazer



- a) O QUE FAZER?(conteúdo)
- : o OBJETIVO da pastoral operária nem sempre está claro
 - é preciso lembrar sempre porque ela existe;
 - perceber a distinção com outros grupos, como as oposições sindicais, os partidos; no mesmo

grupo pode haver engajamento e visões diferentes e todos precisam ser aprofundados.



aprofundamento do momento econômico e social.

- falta planejamento
- o que é proposto, como participação no sindicato, cria medo e leva ao afastamento de alguns
- há muitas reuniões sem atividade prática
- : falta FORMAÇÃO
- bíblica
- conhecimento da história da classe operária



- b) COMO FAZER? (método)
- : há dificuldade em REUNIR AS PESSOAS
 - falta amizade
 - os participantes não se interessam em chamar outros
 - faltam animadores
 - : Falta CONTINUIDADE DAS PESSOAS
 - não há contacto pessoal fora das reuniões

- não há pesquisa dos interesses dos participantes



- situação ou posição de classe
- engajamento como militante
- : há dificuldade no RELACIONAMENTO HUMANO
- falta amizade
- crítica destrutiva
- falta confiança e apoio das famílias
- : falta TEMPO E ESPAÇO NA IGREJA

- os membros não tem tempo para participar
- não dão prioridade para a pastoral operária
- são solicitados para participar em muitas outras atividades na igreja, no movimento operário, na política
- muitos são 'pé frio' em relação à pastoral operária
- falta apoio da paróquia, de outros grupos

- o grupo às vezes não participa dos conselhos
- o grupo não faz revisão de seu relacionamento com a comunidade
- reclama mas não procura melhorar



Na prática, a ANIMADOR FAZ TUDO, sempre coordena:- torna-se ditador
falta espaço para revisar

OS PROBLEMAS DO COORDENADOR DE REUNIÃO

Os problemas do coordenador de reunião são de dois tipos:- a) o que fazer - b) como fazer

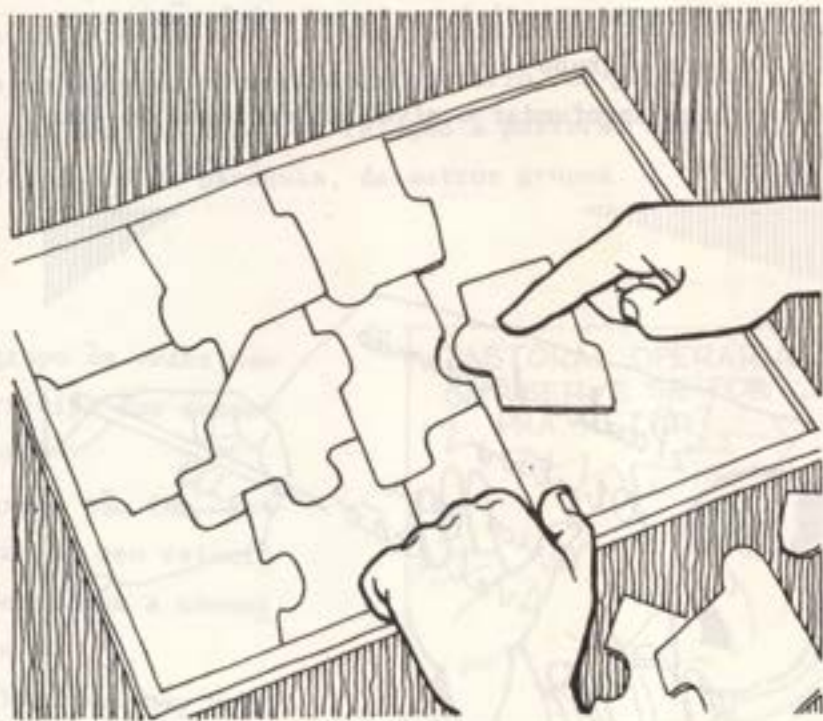
a) O QUE FAZER? (conteúdo)

- : como dar rumo à reunião (objetivo)
- : como montar a pauta
- : falta de material, ou o material não serve para o grupo
- : como aprofundar o nível de reflexão do grupo

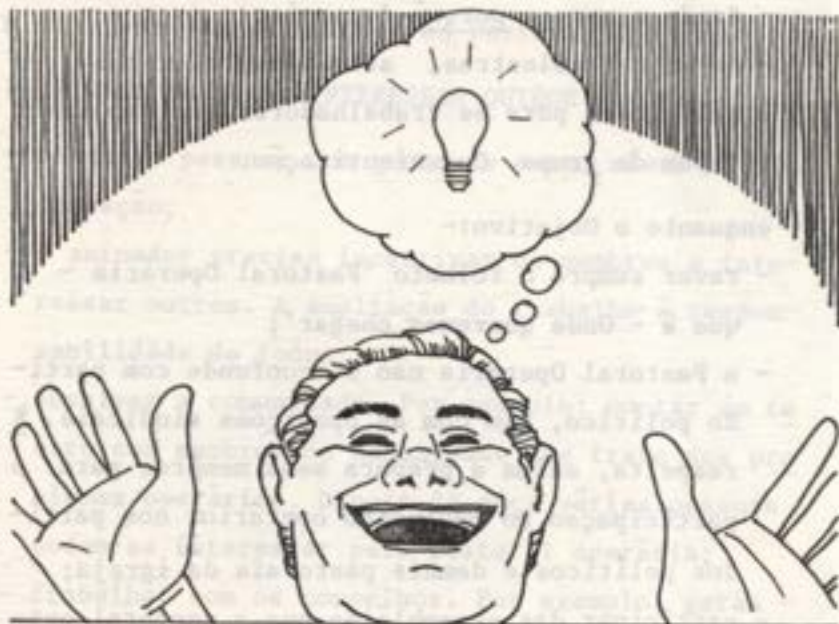


COMO FAZER? (método)

- : como amarrar a ação no fim da reunião
- : como dar sequência e retomar os passos concretos
- : como manter o horário
- : falta-lhe comunicação para animar a reunião
- : não prepara a reunião, faz a pauta na hora
- : falta-lhe confiança
- : o coordenador e o grupo saem fora do assunto
- : só o coordenador fala, corta os novos
- : o grupo depende do padre ou freira que se impõem!
- : falta espaço para o coordenador se revisar



V. Saídas



* A. A nível do CONTEÚDO da Pastoral Operária

a- enquanto Assuntos:-

- o importante é partir da preocupação dos membros. Seguir os problemas do dia a dia;
- acompanhar os acontecimentos do movimento operário;
- refletir o evangelho e aprofundar as propostas operárias e políticas, tendo em vista o Reino de Deus.

b- enquanto Ação do grupo:-

- apoiar o movimento operário em suas lutas concretas do dia a dia (greve nesta fábrica, lu-

ta por comissão de fábrica naquela), aprofundando sempre o porquê do apoio;

- organizar palestras, atividades culturais e religiosas para os trabalhadores que não participam do grupo. Conscientização.

c- enquanto o Objetivo:-

- rever sempre o folheto 'Pastoral Operária - O que é - Onde queremos chegar';
- a Pastoral Operária não se confunde com partido político, nem com as oposições sindicais. E respeita, anima e prepara seus membros para a participação no movimento operário, nos partidos políticos e demais pastorais da igreja;
- participar das assembléias que a pastoral operária promove.



B. A nível da METODOLOGIA da Pastoral Operária

a- REUNIR AS PESSOAS, INTERESSAR OUTROS

- contacto pessoal com gente do mesmo nível de preocupação;
- o animador precisa incentivar os membros a interessar outros. A ampliação do trabalho é responsabilidade de todos;
- envolver a comunidade. Por exemplo: montar um teatro com membros da comunidade que trate dos problemas operários. Depois da peça várias pessoas podem se interessar pela pastoral operária;
- trabalhar com os conselhos. Por exemplo, garantir a participação e divulgação da pastoral operária nos conselhos das comunidades; planejar junto com eles atividades como debates sobre sindicato, CUT, CONCLAT, o que interessa aos trabalhadores das comunidades;
- é vital para o grupo que o próprio animador dê prioridade para a pastoral operária.



- o- Garantir a CONTINUIDADE das pessoas e do grupo
- promover a amizade fora das reuniões;
- firmar um grupo a partir do que lhe interessa e não trazer pessoas novas cedo demais
- analisar o que seus grupos precisam.

c- Ter em mente os NIVEIS DIFERENTES

- fazer atividades específicas para novos membros e conforme suas preocupações;
- pesquisar os interesses dos membros;
- ter duas reuniões: uma aberta para todos, incluindo novos, esposas; e uma mais fechada, para os mais firmes.

d- Estabelecer um bom RELACIONAMENTO HUMANO

- a importância das visitas; organizar uma equipe de visitas;
- convivência através de festas, lazer, etc

e- Conquistar mais TEMPO E ESPAÇO NA IGREJA

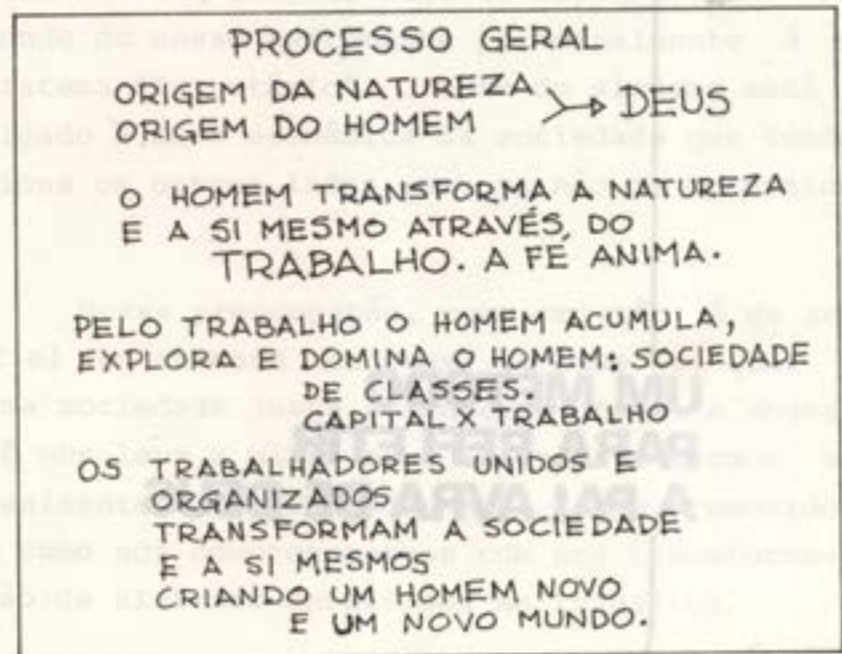
- os militantes têm que ajudar os padres e freiras a compreender a realidade operária; os agentes de pastoral são companheiros que também precisam ser trabalhados para conseguir melhor apoio e entrosamento;



- Ele leva os informes do movimento operário para a comunidade e incentiva a comunidade a se engajar;
- é importante a participação nos conselhos; os membros da PO precisam se candidatar;
- é importante que o grupo sempre avalie seu relacionamento com a comunidade.

A Pastoral Operária vai desenvolvendo uma forma de trabalho determinada pela sua visão do mundo e do homem. A compreensão deste processo todo é uma das características mais importantes do animador de grupo.

ATENÇÃO PARA O QUADRO ABAIXO



Capítulo 5

UM MÉTODO PARA REFLETIR A PALAVRA DE DEUS

I. A dinâmica da sociedade

Todo ambiente tem os 4 lados. Por exemplo na fábrica vemos o lado econômico, olhando para o que é produzido, por quem, quem é beneficiado. O lado político, na ligação da fábrica com a sociedade: as leis, o governo, o movimento operário. O lado social, no relacionamento dos trabalhadores e dos patrões - entre si e uns com os outros. O lado ideológico, no pensamento dos operários e dos patrões.

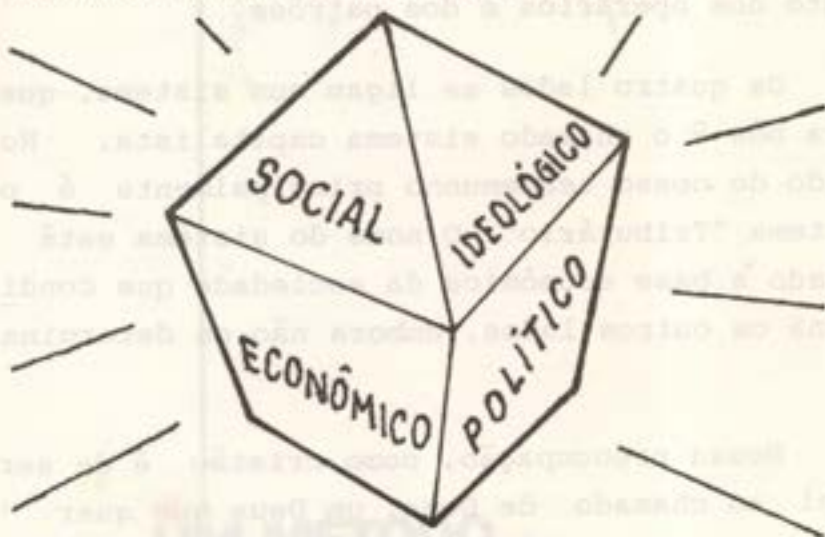
Os quatro lados se ligam num sistema, que para nós é o chamado sistema capitalista. No mundo do nosso testemunho principalmente é o sistema "Tributário". O nome do sistema está ligado à base econômica da sociedade que condiciona os outros lados, embora não os determina.

Nossa preocupação, como cristão é de ser fiel ao chamado de Deus, um Deus que quer uma sociedade justa e fraterna. Assim a nossa Fé nos leva a olhar os 4 lados para vermos se realmente o bem de todos está sendo promovido e como nos comprometemos com uma transformação de sistemas enraizados na injustiça.

Capítulo 5

Antigamente nos acostumamos a pensar que a fé tinha mais a ver com o lado social e ideológico da nossa vida. Hoje sabemos que como a nossa vida é uma só, nossa fé também é. Ela está presente em todas as dimensões da nossa vida, tanto individual como no sacramento.

Analisando a realidade pelos 4 lados podemos ver o que Deus estava dizendo nas sociedades do passado, e, com isso, procurar entender melhor o que Ele diz hoje.



II. Como começar?

Uma maneira simples de ler qualquer trecho da Bíblia é fazendo 3 perguntas:

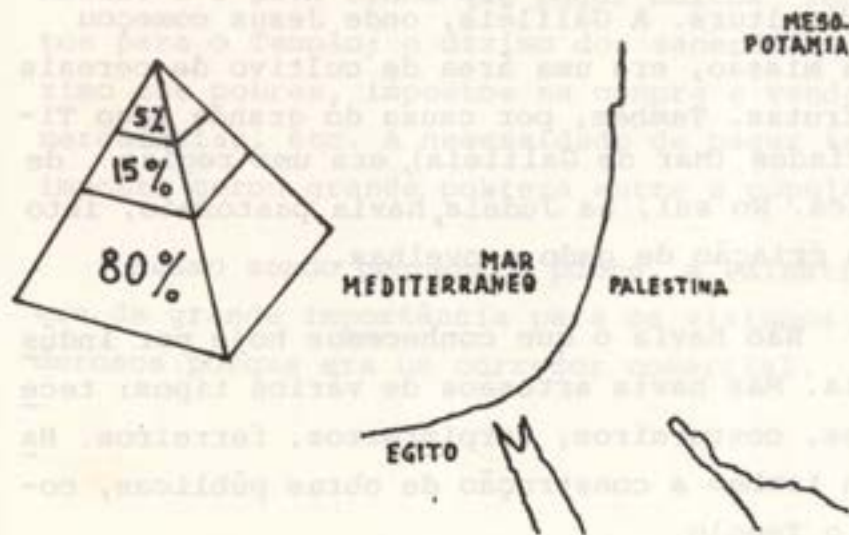
1. Quem são as pessoas no texto?
2. Onde acontece?
3. O que acontece?

Na interpretação das respostas, apresentamos 2 visuais que podem ajudar:

1- O mapa da palestina no tempo de Jesus.

(Veja os lados econômico e político para entender o significado do lugar)

2 - A pirâmide do poder econômico e político incluindo as classes sociais e movimentos religiosos.



Nesta introdução de como ler a Bíblia pelos quatro lados, nós vamos ficar com o evangelho de Mateus. Então, para entender o que Deus diz para nós neste evangelho, precisamos entender a sociedade da Palestina, na época.

A - O LADO ECONÔMICO

A Palestina se situa entre duas grandes potências: Egito e Mesopotâmia. É um país pequeno que sempre enfrentou a dominação dos seus vizinhos maiores.

Na época de Jesus a Palestina era dominada pelo império Romano.

A economia da Palestina se baseava na agricultura. A Galiléia, onde Jesus começou sua missão, era uma área de cultivo de cereais e frutas. Também, por causa do grande Lago Tiberíades (Mar de Galiléia), era uma região de pesca. No sul, na Judéia, havia pastoreio, isto é, a criação de gado e ovelhas.

Não havia o que conhecemos hoje por indústria. Mas havia artesãos de vários tipos: tecelões, costureiros, carpinteiros, ferreiros. Havia também a construção de obras públicas, como o Templo.

Havia aldeias e cidades. Nas aldeias predominavam os pequenos camponeses, com seu pequeno lote. Os grandes proprietários dirigiam o ritmo de produção no campo e comandavam os preços. Nas cidades havia muita gente desempregada (sem terra), subempregado (fazendo bico).

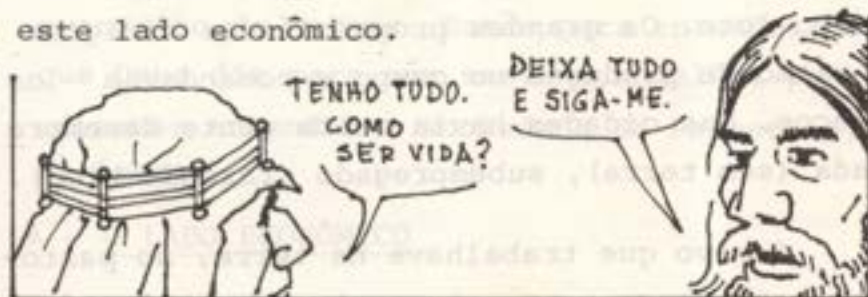
O povo que trabalhava na terra, no pastoreio, na pesca e no artesanato era explorado por um complicado sistema de impostos (tributos). Tinham que pagar impostos tanto para o império Romano, como para as autoridades do seu próprio país. Por isso essa sociedade é chamada de "Tributária".

Assim o Templo concentrava a riqueza dos sacerdotes, da classe alta dos próprios hebreus. E o povo tinha que pagar muitos impostos para o Templo: o dizimo dos sacerdotes, dizimo dos pobres, impostos na compra e venda de mercadorias, etc. A necessidade de pagar tanto imposto gerou grande pobreza entre a população.

Mesmo sendo pequena e pobre, a Palestina era de grande importância para os vizinhos poderosos porque era um corredor comercial.

O JOVEM RICO

Agora vamos ver um texto que mostra bem este lado econômico.



Neste texto, como em todos que iremos analisar, faremos 3 perguntas fundamentais:

1. Quem são as pessoas envolvidas no texto?
2. O que aconteceu?
3. Onde aconteceu?

No texto do jovem rico (mt 19,16-24) o que mais nos interessa do ponto de vista econômico é a existência do pobre e do rico. Isso já demonstra uma sociedade dividida em classes, portanto uma sociedade de dominação e exploração. Dentro da tradição de Israel, o simples fato da existência do rico e do pobre já demonstra que a organização da sociedade não está de acordo com o plano de Javé, que quer uma

sociedade igualitária, sem dominador nem dominado.

O jovem chega a Jesus e lhe pergunta o que deve fazer para conquistar a vida eterna. Jesus lhe lembra alguns dos mandamentos da lei Mosáica, que eram sinal de uma época em que o povo de Israel caminhava para uma experiência de sociedade igualitária. Já distante dessa tradição, o jovem responde que segue fielmente os preceitos da Lei. Jesus retoma a questão de maneira mais clara dizendo que só falta uma coisa ao jovem: "Vende o que tens e dá aos pobres....". No fundo essa exigência de Jesus ao jovem é uma exigência de JUSTIÇA. Jesus manda que o jovem devolva aos pobres aquilo que, pelo fato de ser rico, ele roubou aos pequenos.

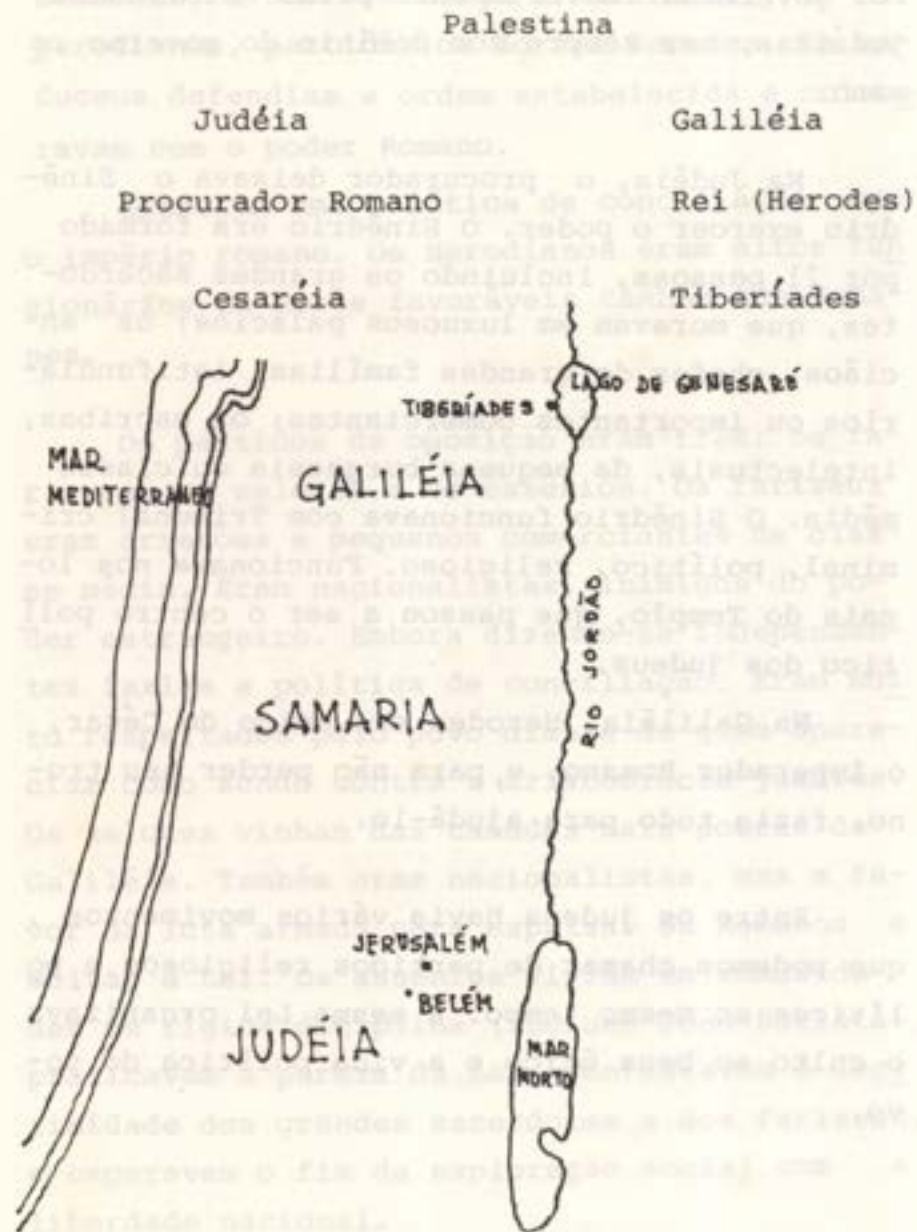
Aqui Jesus retoma toda a grande tradição do AT da visão do pobre como empobrecido, ou seja, alguém que foi sendo roubado em todos os aspectos de sua vida (econômico, social, político, ideológico).

É importante ressaltar que para Jesus a condição de fazer JUSTIÇA é anterior ao "vem e segue-me". Seguir Jesus significa estar comprometido com a prática da justiça na sua vida pessoal e na sociedade.

A partir desse fato Jesus aproveita para tirar uma lição e passá-la aos discípulos

Esse fato acontece nos "confins da Judéia, além do Jordão". Era uma região semi-desértica onde havia muita criação de gado de pequeno e grande porte e muita injustiça tanto no campo, nas propriedades dos grandes latifundiários, como em Jerusalém e outras cidades. É uma região na época de Jesus de gritantes deferências sociais.

B - O LADO POLÍTICO



A Palestina fazia parte do império Romano. Foi governada indiretamente pelas autoridades judaicas, mas sempre com domínio do governo romano.

Na Judéia, o procurador deixava o Sinédrio exercer o poder. O Sinédrio era formado por 71 pessoas, incluindo os grandes sacerdotes, que moravam em luxuosos palácios; os anciãos, chefes de grandes famílias; latifundiários ou importantes comerciantes; os escribas, intelectuais, da pequena burguesia ou classe média. O Sinédrio funcionava com Tribunal criminal, político, religioso. Funcionava nos locais do Templo, que passou a ser o centro político dos judeus.

Na Galiléia, Herodes era amigo do César, o Imperador Romano, e, para não perder seu trono, fazia tudo para ajudá-lo.

Entre os judeus havia vários movimentos, que podemos chamar de partidos religiosos e políticos ao mesmo tempo. A mesma Lei organizava o culto ao Deus único e a vida política do povo.

Os partidos da classe dominante eram os saduceus, a nobreza leiga e sacerdotal, e os herodianos, partidários do rei Herodes. Os saduceus defendiam a ordem estabelecida e colaboravam com o poder Romano.

Exerciam uma política de conciliação com o império romano. Os Herodianos eram altos funcionários da corte favoráveis também aos Romanos.

Os partidos de oposição eram três: os fariseus, os zelotes e os essênios. Os fariseus eram artesões e pequenos comerciantes de classe média. Eram nacionalistas, inimigos do poder estrangeiro. Embora dizendo-se independentes faziam a política de conciliação. Eram muito respeitados pelo povo diante de quem apareciam como sendo contra a aristocracia judaica. Os zelotes vinham das camadas mais pobres da Galiléia. Também eram nacionalistas, mas a favor da luta armada para expulsar os Romanos e voltar à Lei. Os assênios viviam em comunidades de rígida disciplina (incluem João Batista), praticavam a pureza da Lei, contestavam a legitimidade dos grandes sacerdotes e dos fariseus, e esperavam o fim da exploração social com a liberdade nacional.

E o povo? Era taxado de "gente ignorante" que não cumpria a lei. Era desprezado pelos partidos, desorganizado, à margem da vida política.

Qual era a proposta de Jesus neste contexto?

Independência frente aos romanos.

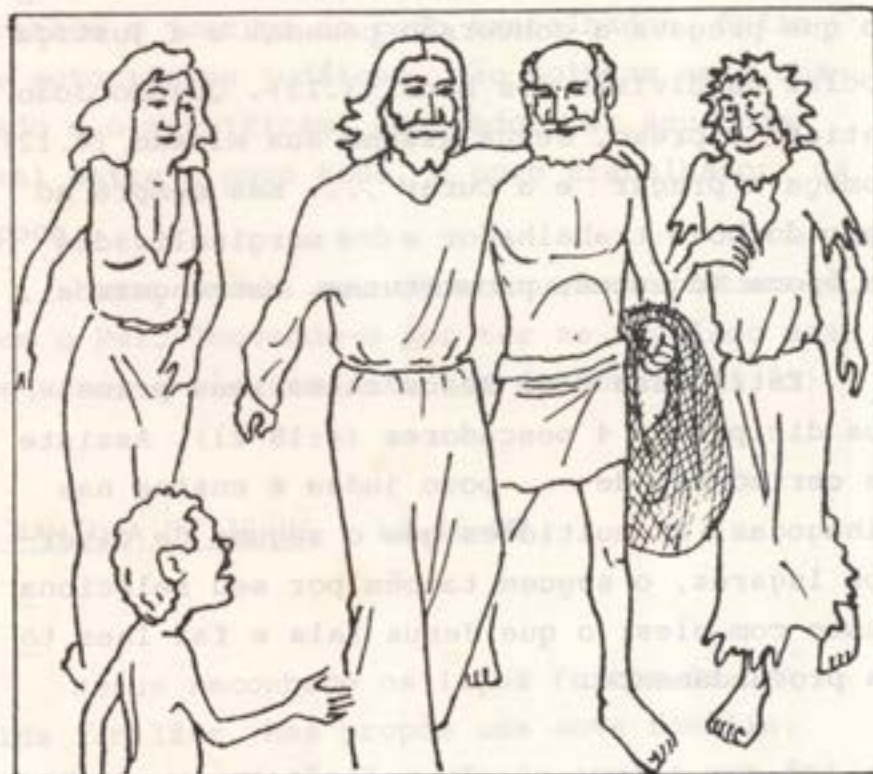
(Mt 17,24-27) (Lc 20, 20-26), frente aos judeus (Mc 12 1-1-2), frente aos partidos (Jo 6:15,18-11).

Ensinava que todo poder vem de Deus (Mt 21,23; Mc 1,22; Rm 13,1). Que o poder é serviço e não dominação (Mt 20:25-28). E que o poder também vem do povo (Lc 19,48,20, 19; 22,2) A prática de Jesus se revelava na organização dos pequenos e marginalizados (Mc 6: 33-34).

A PARÁBOLA DA FESTA DAS BODAS - Mt 22 1-22

A parábola mostra a divisão de classe na sociedade de Jesus. Os saduceus usam e manipulam conceitos religiosos para manter a sua posição na pirâmide social (22-23). Os fariseus manipulam a Lei em proveito próprio em aparente defesa do povo (22:34-46).

A política é sempre defesa dos interesses de classe. Jesus mostra a necessidade de conversão ao povo, às classes populares. A ressurreição, para os saduceus, e o maior dos mandamentos, para os fariseus, não eram as reais questões. Nem eles se preocupavam com isso. Manter o poder no jogo político dentro da estrutura social era o que interessava.



C - O LADO SOCIAL

Vamos tratar do relacionamento de Jesus

com as pessoas nos seus ambientes: família, trabalho (os discípulos), nas atividades culturais e religiosas.

Jesus nasce dentro de uma família trabalhadora (1.18). É criado dentro de uma aldeia onde aprende a profissão de seu pai, José, o carpinteiro. É batizado e com isso se filia ao movimento dos batistas da época, um movimento que pregava a conversão pessoal e a justiça social na divisão dos bens (3.13). Quando João Batista é preso, Jesus assume sua missão (4.12). Começa a pregar e a curar mas sempre no meio do povo trabalhador e dos marginalizados da época (doentes, prostitutas, estrangeiros).

Entre esse povo Jesus chama seus primeiros discípulos: 4 pescadores (4:18-21). Assiste as cerimônias de povo judeu e ensina nas sinagogas. As multidões que o seguem de diversos lugares, o seguem também por seu relacionamento com eles: o que Jesus fala e faz lhes toca profundamente.

Jesus recupera a dimensão do Reino de Deus no seu relacionamento com os poderosos. Nasce de uma família real, mas os verdadeiros reis

do povo antigo eram servidores do povo, não do minadores. Jesus contesta os saduceus e fariseus como grupo, mas é aberto a qualquer um que queira converte-se e segui-lo. Quebra as barreiras sociais comendo com pecadores e publicanos (9.10). Por isso dizemos que sua missão é universal, mas isto quer dizer que um relacionamento de amor com o Pai está aberto a quem pratica a justiça ao povo trabalhador. Enfim as autoridades judaicas não toleram este chamado e o crucificam, ameaçados por seu poder real entre o povo todo, o povo trabalhador da época.

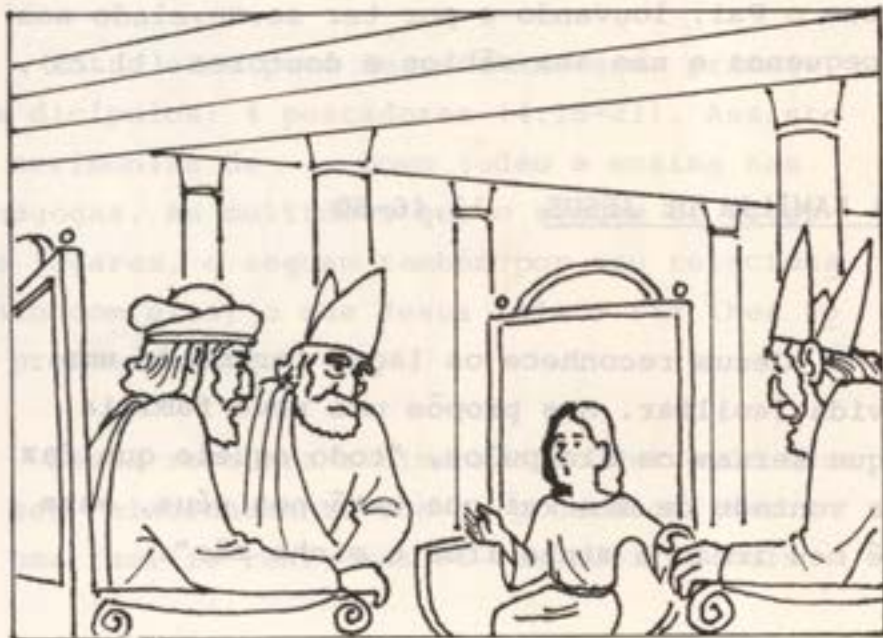
Jesus revela seu relacionamento íntimo com o Pai, louvando-o por ter se revelado aos pequenos e não aos sábios e doutores (11.25).

A FAMÍLIA DE JESUS 12,46-50

Jesus reconhece os laços fortes de uma vida familiar. Mas propõe uma nova família, que seriam os discípulos, "todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão e minha irmã e minha mãe".

Para a construção de uma sociedade nova precisa de discípulos que tenham entre si laços tão igualmente fortes como os de família. Não é uma exigência meramente de aliança política, mas de amor e compromisso pessoal entre o grupo que pretende ser fiel ao Reino de Deus.

Este trecho toca muito na vida dos militantes operários e de comunidades hoje, onde muitas vezes a própria família é dividida pelo engajamento de um ou outro de seus membros. O grupo com o mesmo engajamento se torna mais íntimo que a própria família, mas mesmo assim ninguém pode deixar de tentar trazer a família junto na missão.



D - O LADO IDEOLÓGICO

Para entender o lado ideológico precisamos olhar para duas realidades: a realidade quando foram vividos e contados os fatos e a época em que foi escrito o evangelho. Em Mateus existe a história de Jesus diante de sua sociedade. Existe também a história dos judeus que 40 anos depois de sua morte, viram em Jesus de Nazaré o acontecimento definitivo para compreender a história do Povo de Deus.

Mateus relata acontecimentos fundamentais que marcam o pensamento da época: a ocupação pelos Romanos da Terra Santa; a criação dos poderes institucionais (nobreza, sacerdotes, etc) e a dos movimentos populares (fariseus, João Batista, zelotes); a posição tomada por Jesus dentro dessa realidade.

As idéias dominantes entre o povo eram: a expectativa da chegada já de um messias, rei para limpar o país da influência dos Romanos as perguntas constantes, "como e quando será o Dia do Senhor? De onde vem o Messias? O filho de David? Jesus responde a essas perguntas pela sua presença e mensagem.

Na época em que o evangelho de Mateus foi escrito, outros acontecimentos marcavam o pensamento das comunidades cristãs:

a presença viva cada vez mais sentida do Ressuscitado no meio de seus seguidores; a destruição do Templo que, desarticulou completamente a sociedade judaica e desmoralizou aqueles que alicerçavam a sua esperança nas pedras do Templo e construíram a sua identidade nacional sobre os ritos daquela instituição.

Por isso as idéias mais atacadas por Mateus são as dos fariseus, pois estes ainda eram líderes nas sinagogas da diáspora dispersas pelo império Romano. O eixo da ideologia de Mateus, o Reino de Deus como fermento, é a Lei e não o Templo. O que Mateus quer comunicar é uma nova compreensão do que significa ser o Povo de Deus baseado na experiência dos discípulos de Jesus.

A ideologia da classe dominante, a ideologia do Templo, era basicamente de acomodação com o poder militar Romano. Os saduceus e herodianos procuravam identificar a razão de ser nação com a existência do templo, garantindo assim os privilégios das classes que controlavam o Templo e o saber da Lei: os Herodianos,

Saduceus e seus escribas, o Sinédrio, o Conselho dos Anciãos. Para eles a salvação viria de cima para baixo. O Dia do Senhor seria quando as nações estivessem submetidas ao poderio de Jerusalém. O filho de Davi vem das classes altas ou seja a família Real de Davi.

Como já vimos, Jesus inverte esta compreensão. Sim, se identifica com a genealogia real de Davi, um rei justo. E ao mesmo tempo nasce no meio do povo trabalhador, e lá vive sua missão. Assim mostra claramente que a salvação vem de Deus que se encontra no meio do povo pobre e explorado. A ideologia de Jesus se baseia na sua fé no Pai e no povo. (Lc 10,21) Os que fazem a história não são os fortes, os poderosos, mas sim os pobres que se juntam como discípulos em grupos de fraternidade e amor para enfrentar as injustiças.

II. Análise de um texto

Agora vamos juntar os 4 lados para ver como nos ajudam entender um trecho. Escolhemos Mateus 14,3-21, inclui a morte de João Batista e a primeira multiplicação dos pães.



LADO ECONÔMICO

No texto percebe-se que há pobres e ricos, na festa de aniversário de Herodes e na multidão que seguia Jesus sem o que comer. Há cidades e aldeias. A procura do pão mostra uma sociedade agrícola. A procura do peixe, a economia da pesca, junto com as referências ao lago e ao barco.

LADO POLÍTICO

Por um lado existe o rei Herodes, e sua corte que tem o poder de prender e matar o líder popular, João Batista. Mas Herodes tem medo de matá-lo porque o povo o considerava um profeta.

Ao saber da morte de João Batista, Jesus se afasta para um lugar deserto. Mas o povo o segue. Assim vemos o poder do povo que espontaneamente exige uma liderança na hora da provação.

A multiplicação dos pães mostra a organização de Jesus, que através dos discípulos consegue fazer com que todos comam.

LADO SOCIAL

Por um lado vimos a corte de Herodes, a festa de aniversário, e o pouco poder que é dado à mulher nesta hora de fazer um pedido ao rei. Vimos a moralidade do João que proíbe o adultério, e a resistência de Herodes que usa deste pretexto para o prender.

Vimos a importância da sepultura, pois são os discípulos de João que se arriscam para buscar o corpo.

No "jantar" do povo, por outro lado vimos os valores de partilha. Colocaram a pouca comida que tinham em comum.

LADO IDEOLÓGICO

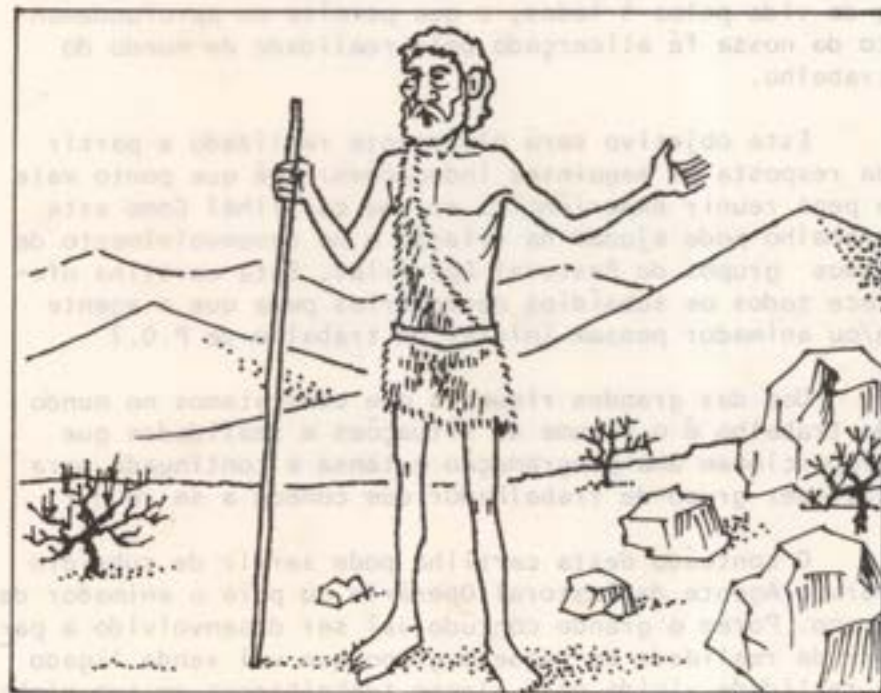
A preocupação principal de Herodes de se manter no poder diante do povo se mostra na hesitação em matar João Batista. Ele o enxerga como ameaça. Tem medo do seu poder sobre o povo.

A preocupação de Jesus é de reagrupar e reorganizar o povo depois de perder João Batista. Mas o povo faz com que ele viva, naquela hora mesma, sua preocupação principal. Daí ele agrupa, organiza e atende a necessidade de comer da multidão, fazendo todos partilharem.

O povo é ganho pelo pensamento e prática de Jesus, e o tem como líder. Como também tinham João Batista.

CONCLUSÃO:

Este trecho mostra claramente o conflito central em todos os evangelhos: a estrutura de dominação existente na época, que inclui a colaboração dos reis dos judeus, e a proposta do Reino de Deus que Jesus traz, uma proposta que quebra a "pirâmide" e reúne todos como irmãos, iguais em volta de uma mesma mesa, filhos do mesmo Pai. A multiplicação dos pães não é só um gesto bonito, um "milagre" de Jesus, mas uma resposta a uma crise de poder que aconteceu com a morte de João Batista.



Conclusão

A nossa grande pretensão com este trabalho foi expor para os companheiros um pouco da experiência vivenciada pelo conjunto da P.O. na Arquidiocese de São Paulo.

Percebemos, agora, com mais clareza, que o nosso objetivo foi alcançado, pois conseguimos colocar no papel os objetivos, as propostas, a situação e o método da P.O. encarnados na vivência concreta de trabalhadores cristãos.

Tentamos expor para um conjunto mais amplo de companheiros uma dinâmica de grupo, o processo de formação e a continuidade dos grupos de operários. Na linha metodológica, mostramos aquilo que é herança histórica experienciada da Ação Católica Operária no Brasil e no mundo. O método Ver, Julgar e Agir e a revisão de vida operária. Apresentamos também um método de leitura da fé e da vida pelos 4 lados, o que permite um aprofundamento da nossa fé alicerçado pela realidade do mundo do trabalho.

Este objetivo será plenamente realizado a partir da resposta às seguintes indagações: Até que ponto vale a pena reunir experiências em uma cartilha? Como este trabalho pode ajudar na criação e no desenvolvimento de novos grupos de Pastoral Operária? Esta cartilha oferece todos os subsídios necessários para que o agente e/ou animador possam iniciar um trabalho de P.O.?

Uma das grandes riquezas que constatamos no mundo do trabalho é o volume de situações e realidades que proporcionam uma programação extensa e continuada para qualquer grupo de trabalhador que comece a se reunir.

O conteúdo desta cartilha pode servir de subsídio para o Agente da Pastoral Operária ou para o animador de grupo. Porém o grande conteúdo vai ser desenvolvido a partir da realidade do pequeno grupo que vai sendo ligado à realidade vivida pela classe trabalhadora em sua globalidade.

A nossa visão, julgamento e ação irão sendo alargados a partir das pequenas ações que serão desenvolvidas.

Por fim, concluímos que o nosso trabalho vale a pena na medida que serve para ajudar em nossa organização enquanto pastoral operária, levando para uma visão alargada de novos horizontes delineados na recapitulação da nossa história.

TURCO: PASTORAL OPERÁRIA DA
ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

DESENHO: CEMIS - CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR
DO INSTITUTO BRÉSIL SAPIENTIAE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
CEMI - CENTRO DE COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO POPULAR DE SÃO MIGUEL

1ª edição: 2.000 exemplares
outubro de 1984

Conclusão

**Texto: PASTORAL OPERÁRIA DA
ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO**

**Desenhos: CEPIS- CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR
DO INSTITUTO SEDIS SAPIENTIAE**

**Composição e impressão:
CEMI- CENTRO DE COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO POPULAR DE SÃO MIGUEL**

**1ª Edição: 5.000 exemplares
outubro de 1984.**

A Comissão de Pastoral Operária Nacional, assessorada pelo IDAC (Instituto de Ação Cultural), tendo como uma de suas prioridades a FORMAÇÃO, inicia uma série de publicações para atender às necessidades da base.

Como e para que organizar uma Pastoral Operária surgiu a partir de um texto que D. Cláudio Hummes, bispo de Santo André, SP, endereçou aos bispos: "Como implantar a Pastoral Operária". O texto foi totalmente retrabalhado, tornado mais linguagem de trabalhador para trabalhador. Este livrinho quer ajudar os Agentes de Pastoral e operários engajados que estão iniciando ou desejam iniciar a Pastoral Operária em seu local. Depois deste virão outros, abordando assuntos tais como: Teologia do Trabalho, Fé e Política, Sindicalismo, Direitos do Operário etc.

Coleção PASTORAL OPERÁRIA

1. Como e para que organizar uma Pastoral Operária

CPO
IDAC
ep edições paulinas

COMO E PARA QUE ORGANIZAR UMA PASTORAL OPERÁRIA



ep - IDAC/PO

INDICE

1981
CPO - Conselho de Pastoral Operária
IDAC - Instituto de Ação Cultural
Cria e distribui
Londres, Grã-Bretanha
Londres
100 páginas
1981

COMO E PARA QUE ORGANIZAR UMA PASTORAL OPERÁRIA

- 1. Introdução
- 2. Fundamentos
- 3. A pastoral operária
- 4. O papel da Igreja
- 5. O papel do sacerdote
- 6. O papel do leigo
- 7. O papel da mulher
- 8. O papel da família
- 9. O papel da comunidade
- 10. O papel da cultura
- 11. O papel da educação
- 12. O papel da saúde
- 13. O papel da recreação
- 14. O papel da arte
- 15. O papel da música
- 16. O papel da dança
- 17. O papel do teatro
- 18. O papel do cinema
- 19. O papel da televisão
- 20. O papel da rádio
- 21. O papel da imprensa
- 22. O papel da literatura
- 23. O papel da música
- 24. O papel da dança
- 25. O papel do teatro
- 26. O papel do cinema
- 27. O papel da televisão
- 28. O papel da rádio
- 29. O papel da imprensa
- 30. O papel da literatura

EDIÇÕES PAULINAS
Rua do Carmo, 110
00101-000 - São Paulo - SP
Tel. (011) 3063-1111

Texto
CPO — Comissão de Pastoral Operária Nacional e
IDAC — Instituto de Ação Cultural

Capa e desenhos
Claudius Ceccon

Revisão
José Joaquim Sobral

ED EDIÇÕES PAULINAS
Rua Dr. Pinto Ferraz, 183
04117 — São Paulo — SP (Brasil)
End. telegr.: PAULINOS

Com aprovação eclesiástica

© CPO e IDAC — Edições Paulinas, São Paulo, 1984
ISBN 85-05-00280-6

ÍNDICE

pág.	
7	Introdução: <i>O trabalho é a nossa vida</i>
8	<i>A coisa tá feia que tá danada</i>
11	<i>Quem espera, fica esperando a vida toda</i>
13	<i>Reino de Deus já</i>
15	<i>Mudando a partitura</i>
17	<i>Formando o time</i>
21	<i>Agente da pastoral não é babá</i>
23	<i>Nossa ferramenta</i> <ul style="list-style-type: none">a) Verb) Julgarc) Agir
27	<i>Não há nada como a experiência</i>
29	<i>Outras ferramentas</i> <ul style="list-style-type: none">a) Bibliografiab) Publicações periódicasc) Alguns endereços úteis

1 Introdução

2 A gente faz o mundo

3 O mundo que a gente quer

4 Como a gente pode mudar o mundo

5 O trabalho é a nossa vida

6 O trabalho que a gente faz

7 O trabalho que a gente quer

8 O trabalho que a gente precisa

9 O trabalho que a gente pode

10 O trabalho que a gente deve

11 O trabalho que a gente não pode

12 O trabalho que a gente não deve

13 O trabalho que a gente não pode e não deve

14 O trabalho que a gente não pode, não deve e não quer

15 O trabalho que a gente não pode, não deve e não quer, mas que a gente precisa

16 O trabalho que a gente não pode, não deve e não quer, mas que a gente precisa e que a gente pode

17 O trabalho que a gente não pode, não deve e não quer, mas que a gente precisa e que a gente pode e que a gente deve

18 O trabalho que a gente não pode, não deve e não quer, mas que a gente precisa e que a gente pode e que a gente deve e que a gente não pode

19 O trabalho que a gente não pode, não deve e não quer, mas que a gente precisa e que a gente pode e que a gente deve e que a gente não pode e que a gente não deve

20 O trabalho que a gente não pode, não deve e não quer, mas que a gente precisa e que a gente pode e que a gente deve e que a gente não pode e que a gente não deve e que a gente não quer

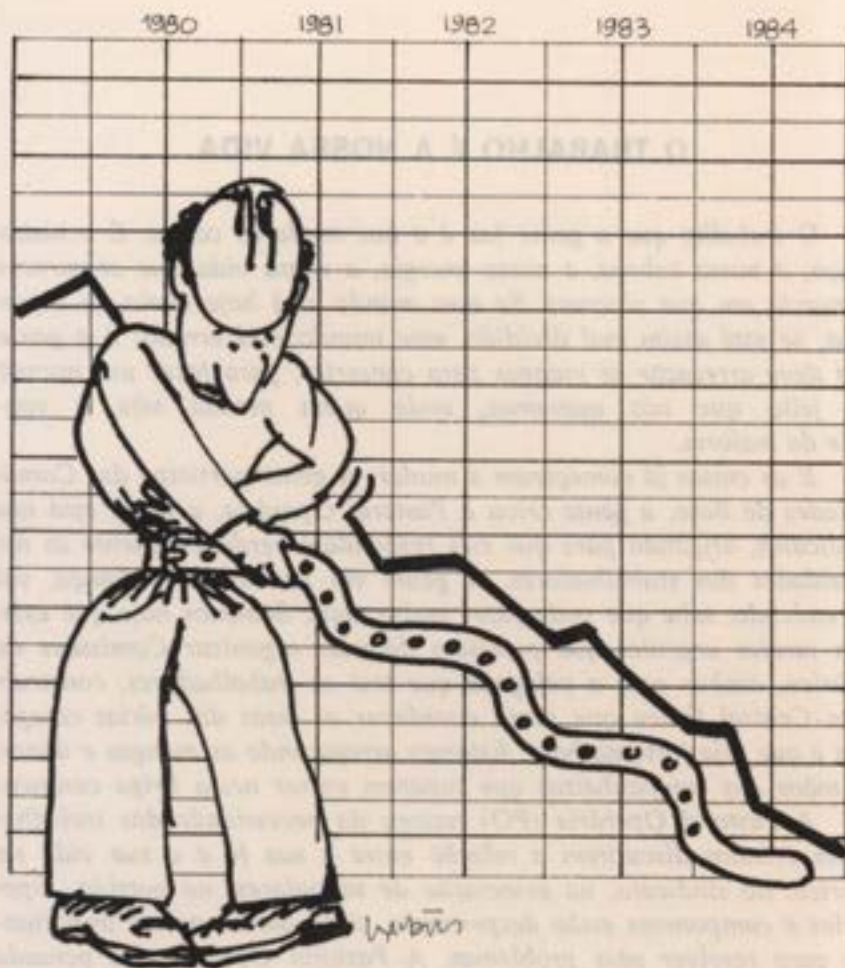
O TRABALHO É A NOSSA VIDA

O trabalho que a gente faz é o que muda as coisas. É o nosso braço, a nossa cabeça, a nossa energia, a nossa vida que constroem o mundo em que vivemos. Se esse mundo está hoje cheio de injustiças, se está assim mal dividido, esse mundo está errado; é a gente que deve arregaçar as mangas para consertar, para fazer um mundo do jeito que nós queremos, onde quem manda seja a vontade da maioria.

E as coisas já começaram a mudar. A gente participa das Comunidades de Base, a gente criou a Pastoral Operária, a gente está nos sindicatos, brigando para que eles respondam verdadeiramente às necessidades dos trabalhadores. A gente vai ganhando confiança, vai aprendendo, sabe que pode fazer muito mais. Sabemos hoje que existem tarefas urgentes que precisam de nós: organizar Comissões de Fábrica, acabar com a pelegada que trai os trabalhadores, construir uma Central Única que possa coordenar as lutas das várias categorias e que seja forte na base. Estamos arregaçando as mangas e dando as mãos aos companheiros que toparam entrar nessa briga conosco.

A Pastoral Operária (PO) nasceu da necessidade dos trabalhadores cristãos discutirem a relação entre a sua fé e a sua vida na fábrica, no sindicato, na associação de moradores, no partido. Operários e camponeses estão despertando, estão dando passos importantes para resolver seus problemas. A Pastoral Operária foi pensada para poder dar uma mãozinha nessa caminhada. Este livrinho é parte desse trabalho. Ele é o resultado das exigências de um trabalho que está crescendo. Aqui estão algumas dicas, algumas idéias, para dar uma força aos que estão empenhados em criar uma PO na sua comunidade. Esperamos que seja útil e, desde já, agradecemos as críticas e sugestões para melhorar em edições futuras o que agora apresentamos. Vamos lá?

1. A COISA TÁ FEIA QUE TÁ DANADA



Pra saber que a coisa está feia para o nosso lado, ninguém precisa ler jornal. A gente sente na própria carne a fome e a miséria. Nossos filhos não têm condições de frequentar a escola. Muitos dos que conseguem ir, só aproveitam mesmo é da merenda.

Não está dando para comprar comida, quem dirá comprar cadernos, livros, uniforme. O salário da gente já é baixo e ainda é comido pela inflação pavorosa. A gente faz uma ginástica danada, mas cada vez tem mais mês no fim do nosso salário. Cada rancho, cada feira que a gente faz, a gente tem de cortar alguma coisa. A carne está impossível, leite é coisa rara, fruta só aquela ruinzinha, de final de feira. Uma cervejinha ou uma cachacinha viraram um luxo. A gente vai ficando desesperado, passa a trabalhar mais, a fazer hora extra, biscate, o que aparecer para melhorar um pouquinho a barra lá em casa. Mas quando a gente chega, já é tão tarde, a gente está tão cansado, que tudo o que a gente quer é dormir logo pra ver se recupera as forças para recomeçar no outro dia. Com isso a gente quase não vê os filhos, tem pouco tempo para conversar com a mulher, não tem vontade de encontrar ninguém.

Se a gente adoce, é um drama. O INPS, quando atende, atende em geral muito mal. As consultas são feitas às pressas, que tem muita gente na fila; os remédios são caros, as recomendações feitas pelos médicos parecem até brincadeira: "alimente-se bem, procure descansar bastante, evite preocupações".

Perder o emprego? Nem pensar. Quem já passou por isso, sabe o que é bater de porta em porta, em fábricas e construções, e ficar ouvindo que não há vagas, que mais gente foi posta na rua. Sem seguro-desemprego, sem salário, sem garantia nenhuma, só resta o biscate, o bico. E a gente se sente péssimo, desvalorizado, deprimido, na maior fossa. O sustento da família acaba caindo só nos ombros de nossas mulheres. Ser desempregado é uma das piores coisas que nos pode acontecer.

Por isso é que muita gente fica com medo de protestar contra a situação. E passa a suportar resignado as condições de trabalho que vão piorando: exigem da gente mais produção, aumentam as cadências e os ritmos, e aumenta o nosso cansaço. O cansaço resulta freqüentemente em acidentes. São as chamadas "falhas humanas": onde a vítima vira culpado. O Brasil é o campeão mundial de acidentes de trabalho.

Eles dizem que não podem aumentar nossos salários, dizem que não há condição. A gente já sabe que eles não querem mudar. Está claro pra nós que as leis são feitas contra a gente. É só a

gente se organizar, meter a boca no mundo, para ver o pau comendo em cima da gente. A peça que a gente faz, o motor que a gente faz, a parede, o sapato, o pano que a gente faz, dão lucro: casa de praia, terras em Mato Grosso, iate, jatinho particular, férias na Europa. Quem é rico está ficando cada vez mais rico, enquanto para a gente a coisa está cada vez pior.

2. QUEM ESPERA, FICA ESPERANDO A VIDA TODA



A coisa está feia. E daí? A gente já viu que não adianta esperar, que não dá para confiar nas promessas deles. A gente acaba se ferrando sempre.

A gente já sabe que somos nós que fazemos as coisas. Já deu para desconfiar que para que as coisas mudem, para que a vida da gente dê uma boa melhorada, para que nossos filhos tenham mais chances, para que a vontade e a necessidade da maioria tenham um tratamento justo, a gente tem que se mexer. Não dá mais para esperar.

Mudar as coisas não acontece feito mágica, de uma hora para outra. Exige garra. Para ganhar esse jogo, é preciso suar a camisa. A gente já levou muita goleada, já levou muito olé, já perdeu jogo por causa de juiz ladrão. Mas a gente já aprendeu muito, está aprendendo cada vez mais, e mais depressa. A torcida é nossa, a gente está mais confiante, vai dar para ganhar o caneco.

Mas para isso tem todo um trabalho que a gente precisa fazer. Tem de começar de baixo, tem de treinar muito, se esforçar, se disciplinar. O craque não nasce feito, um time bom não acontece por acaso. Pois para a gente é a mesma coisa: a gente aprende fazendo, a gente cresce na luta, a gente ganha experiência na medida em que a gente batalha por uma causa que é vital para a gente. Ficar esperando que os outros resolvam os problemas para a gente, não dá mais. Quem espera, fica esperando a vida toda, não alcança coisa nenhuma.

3. REINO DE DEUS JÁ



O sol brilha para todos, a chuva cai para todos, para cristãos e não-cristãos. Estamos todos no mesmo barco, temos de remar juntos. Não se sabe quem botou na cabeça de algumas pessoas que o cristão não deve se misturar com os outros, que deve ficar rezando na igreja e fugir da "política". Os trabalhadores cristãos são cristãos e são trabalhadores: sofrem as mesmas injustiças que os não-cristãos, todos são explorados da mesma maneira. O trabalhador cristão, porém, tem algo de diferente. Ele sabe que Deus quer que todos sejam seus filhos, que todos sejam irmãos. O trabalhador cristão sabe que o plano de Deus é outro, muito diferente disso que está aí. E sabe que na sua luta por justiça ele está ajudando a construir o mundo melhor que é parte do plano de Deus. O trabalhador cristão não aceita essa situação, não aceita ser explorado, não aceita que outros sejam injustiçados. Ele quer o Reino de Deus, já, aqui, agora. Quer um mundo que esteja de acordo com os ensinamentos de Cristo. Ora, se o cristão quer isso, por que ele não arregança as mangas e parte para a luta? Como é que é possível que existam trabalhadores cristãos que vão à missa, rezam, trabalham nas CEBs e tudo mais, mas não estão na luta?

"O trabalho humano é a chave essencial de toda a questão social", disse o Papa João Paulo II na sua carta "Trabalho Humano". Nela está contida uma orientação clara para a tarefa dos cristãos e da Igreja: *"manter presentes a dignidade e os direitos dos trabalhadores, condenar as situações em que esses direitos são violados e orientar as mudanças no sentido de um verdadeiro progresso humano e social"*.

Tudo isso está muito bonito, estamos todos de acordo. Mas, como é que a gente chega lá? Quais são os primeiros passos?

4. MUDANDO A PARTITURA



Tem gente aí fazendo coisas que não têm nada a ver, às vezes até com as melhores intenções. Por exemplo: tem gente que acha "uma boa" ter uma Pastoral Operária. "Assim", pensam eles, "esse pessoal não vai perturbar as outras atividades — catequese, oração, celebrações litúrgicas, conselhos pastorais, cursos de formação etc. — e sim ficar lá no grupinho deles da PO, discutindo essas coisas de trabalhadores". Essa gente divide a Casa de Deus numa porção de quartinhos que não se comunicam entre si. Pior: às vezes não têm nem portas nem janelas. Isso acaba sufocando as pessoas, e o trabalho morre.

A gente vai falar aqui de como organizar um grupo de PO, mas isso não quer dizer que a gente está propondo uma coisa à parte. Nós queremos exatamente o contrário, isto é, que a questão do trabalho e dos trabalhadores esteja *no centro* das preocupações, responsabilidades e tarefas da Igreja e dos cristãos e que todas as demais atividades sejam marcadas pela presença da questão do trabalho, "a questão essencial", como disse o Papa.



5. FORMANDO O TIME



É isso aí: o jogo já está marcado, a gente já sabe o campo e quem é o adversário. A torcida está lá, e a gente não pode fazer feio. Que é que precisa fazer? Formar o time. Chamar todo mundo que quer jogar, começar a bater bola para entrar em forma, e ir selecionando os candidatos às diversas posições. Ou será que a gente ainda não tem nem a bola?

Para formar o time da PO não é diferente. Tem muitas coisas parecidas.

Em primeiro lugar, existe o interesse comum. Todo mundo é trabalhador, todo mundo é explorado, a vida "tá" difícil, ninguém agüenta mais, todos querem mudar. Isso é a forte motivação de todo mundo.

Sabendo disso, você vai começar a falar com um, com outro, sobre a necessidade de bater um papo mais firme sobre essas coisas todas. Nessa fase você não pode desanimar com as reações de algumas pessoas. Tem gente que não quer mesmo nada, mas tem gente que já sofreu muitas decepções, que não acredita muito que as pessoas possam se unir para mudar, que acha que cada um só pensa no próprio umbigo, e por aí vai.

É preciso insistir, insistir bastante. Não perder o bom humor. Explicar pacientemente que não adianta ficar agarrado no seu galho, porque tem gente lá embaixo cortando a tua árvore. Então, o melhor é se unir pra não deixar. Insistir sempre. Tem gente que não vai entender para que fazer uma PO, e você vai ter de explicar. Mas a maioria vai aceitar o convite e vai comparecer. Você marcou dia, hora, local, e o pessoal vai pintar por lá.

E aí? Aí a gente tem de pensar como é que vai ser essa primeira reunião. Tem de preparar direitinho para não virar bagunça ou desanimar as pessoas, inclusive você mesmo.

Uma boa dica de quem tem cancha é começar a preparar a reunião pedindo ajuda de outros. É importante ter uma idéia do que se vai discutir na reunião. Fazer uma lista, uma pauta, é mais fácil quando a gente faz isso junto com dois ou três amigos. Os assuntos são os que mais influência tiverem na vida das pessoas. Por exemplo, o desemprego é, hoje, um assunto certo. Ou a moradia, transporte, saúde, condições de trabalho; são assuntos que vão surgir. Na reunião, essa pauta deve ser proposta para discussão, para que as pessoas possam decidir sobre o que vão discutir.

O pessoal passou tantos anos sem poder falar dessas coisas, que muitas vezes todo mundo quer falar ao mesmo tempo e a reunião fica meio tumultuada. Tudo bem, deve-se fazer um esforço para organizar a discussão, mas sem ser autoritário. Há uma diferença entre ser autoritário e ter autoridade. A autoridade é conferida democrática e naturalmente pelas pessoas; é um reconhecimento por um bom desempenho. Já o autoritarismo é uma reprodução do que tivemos aí nesses vinte anos. Deu para entender?

Pois é, esse papo todo é para dizer que uma reunião precisa ser *pensada* antes de acontecer, senão vira bagunça. Quem dirige deve fazer um esforço de falar para todo mundo entender. Evitar as coisas vagas, abstratas. Não adianta fazer um longo discurso atacando o capitalismo e o imperialismo, porque isso não vai mudar grande coisa. Mas, se alguém souber transformar aquelas coisas em feijão com arroz, em preço da passagem, em aumento do desemprego, aí sim, as coisas estarão claras. Quem dirige deve estar atento ao próprio discurso e aos dos outros, para não deixar as coisas escorregarem para o discurso abstrato, que, além de inútil, é chato. E a gente não vai a uma reunião para se chatear, não é mesmo?

As pessoas devem ser estimuladas a falar da própria experiência, porque é aí que as coisas são reais e verdadeiras e a reunião fica interessante. É a partir dessas coisas que se torna possível pensar em *fazer coisas concretas* que ajudem a mudar a situação.

Há outras dicas que vale a pena mencionar. Uma é esta: para que a gente não se perca diante de tanto assunto, quem dirige a reunião deve ficar atento para que a gente só passe a outro assunto quando tiver esgotado o primeiro. Não se deve deixar que alguém interrompa o que se está discutindo, com uma idéia que pode até ser interessante, mas que pode ser discutida depois. Essa dica, como tudo aliás, é relativa. Aqui não existem regras definitivas. Use o seu bom senso e estaremos num bom caminho.

Outra dica que vale mencionar é a questão da discussão. Muitas vezes começa uma discussão braba e tem gente que se apavora com isso. Tem gente que acha que todo mundo deveria pensar igual, estar de acordo sobre tudo, e vê em cada discussão o perigo da desunião. Por isso faz de tudo para botar panos quentes, conciliar, aparar as arestas. Às vezes a gente tem de fazer isso mesmo.

Mas muitas vezes isso pode significar impedir que uma discussão importante aconteça. Pontos de vista diferentes só podem enriquecer o debate. As pessoas tomarão partido, terão de usar a massa cinzenta para saber quem está com a razão, ou qual é a melhor proposta, ou qual idéia combina melhor com os interesses de todos, ou qual idéia está em franco desacordo com os princípios que devem orientar a vida de um cristão. Deixe a discussão rolar, garanta o direito de cada um expor seu ponto de vista e, se for o caso, ponha em votação, procurando esclarecer quais são as propostas e o que é que se vai discutir.

Outra dica de quem tem experiência é eleger alguém para tomar nota do que se discute e do que se decide — as palavras voam, o que está no papel fica. E chegar a decisões que devem ser postas em prática: quem vai fazer o quê, como, quando, onde.

Deve-se fazer um esforço para ser pontual. É muito chato quando a gente chega na hora e tem de esperar um tempão para a reunião começar. A pontualidade não é bobagem, não. Faz parte de uma disciplina que é preciso ter.

Finalmente, minha gente, muito bom humor. Nada de ficar de cara amarrada, cobrando das pessoas, culpabilizando todo mundo. Vamos levar a tarefa "numa boa", com alegria. É melhor pra todo mundo.

6. AGENTE DE PASTORAL NÃO É BABÁ



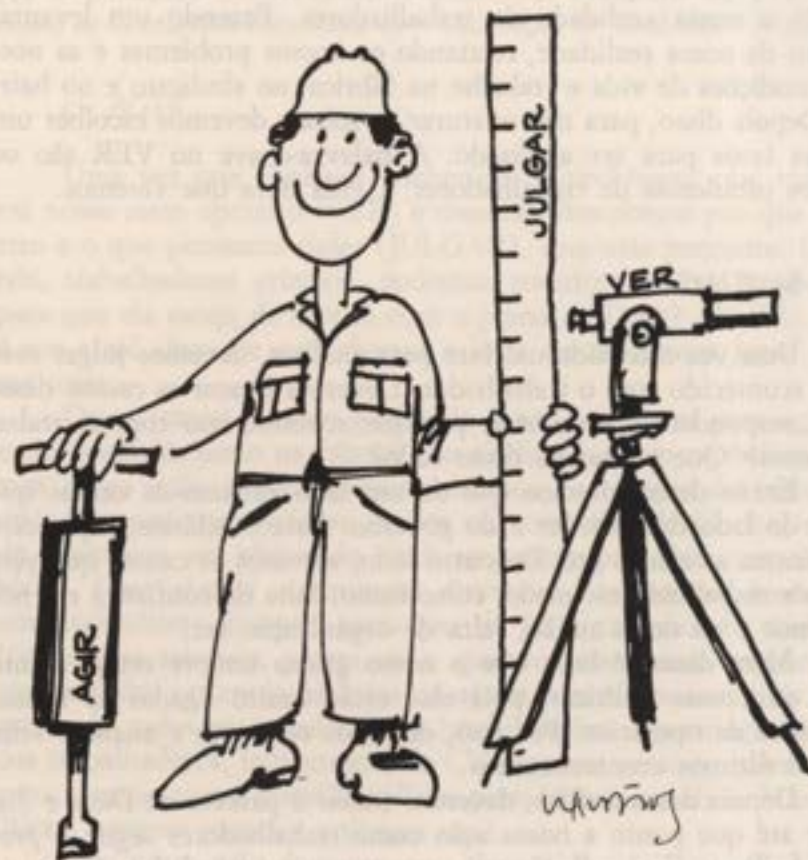
Quem faz a Pastoral Operária são os operários cristãos organizados. Os agentes de Pastoral podem acompanhar nossas discussões e dar palpites, mas não devem pretender conhecer melhor do

que nós os nossos problemas e nossa condição de vida. Se a gente erra, é a gente que leva as pancadas. A gente sabe onde é que nos dói o calo. E a gente vai assumir as tarefas que a gente decidiu depois de uma ampla discussão, da qual também terão participado, provavelmente, os agentes. A gente vai assumir, e se não der certo a gente vai rediscutir tudo e descobrir porque não deu certo. E se der certo, a mesma coisa. A gente aceita os palpites na hora de discutir, decidir, avaliar. Mas quem vai agüentar o rojão somos nós. Agente não é a gente.

Para compreendermos o tipo de apoio que a Igreja deve a nós, trabalhadores, é bom lembrarmos este ensinamento do Concílio Vaticano II, que diz: "A Igreja deve respeitar a autonomia das organizações". Isto significa, no caso de nós trabalhadores, que os pastores, padres, religiosos e agentes de pastoral, mesmo a Pastoral Operária, não assumam o lugar dos sindicalistas, ou das assembleias dos trabalhadores, mas respeitem suas decisões, ainda que não estejam de acordo com elas. Seria absurdo que a Igreja ditasse o que compete aos sindicatos ou às assembleias de trabalhadores, como por exemplo: decidir sobre o início ou fim de greves, ou quais itens os trabalhadores deveriam reivindicar, ou quais métodos usar etc.

A Igreja, como um todo, compete apoiar as reivindicações e os métodos justos, oferecendo seus serviços. Além desse apoio e serviço, a Igreja tem por tarefa evangelizar, isto é, ajudar a ligar nossa vida e nossa luta com o projeto de Deus, com referência essencial à Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.

7. NOSSA FERRAMENTA



Mas nós, trabalhadores cristãos, não podemos ser ingênuos diante dos problemas que enfrentamos. Precisamos ter uma ferramenta que nos ajude a VER, a JULGAR e a AGIR diante desses problemas. Essa ferramenta, usada pela Pastoral Operária, chama-se Metodologia VER-JULGAR e AGIR. Vejamos cada um desses passos:

a) VER

O primeiro passo que devemos dar em nossas reuniões é *ir vendo* a nossa realidade de trabalhadores. Fazendo um levantamento da nossa realidade, relatando os nossos problemas e as nossas condições de vida e trabalho na fábrica, no sindicato e no bairro. Depois disso, para não misturar as coisas, devemos escolher um desses fatos para ser analisado. A palavra-chave no VER são os nossos problemas de trabalhadores, a vida dura que vivemos.

b) JULGAR

Uma vez escolhido um fato para analisar, devemos julgar esse fato acontecido com o trabalhador. Devemos buscar as causas desse fato, responder às perguntas: por que acontece isso com os trabalhadores? Que pensamos disso tudo?

Então descobriremos que de um lado existem as causas que vêm do lado dos patrões e do governo: baixos salários, repressão, sindicatos atrelados etc. Do outro lado, veremos as causas que vêm de nós trabalhadores: medo, comodismo, falta de confiança em nós mesmos e na nossa união, falta de organização etc.

Além disso, é bom que o nosso grupo sempre esteja atento para as causas políticas, pois elas estão muito ligadas às nossas questões de operários. Por isso, devemos ser vivos e analisar sempre os últimos acontecimentos.

Depois dessa análise, devemos tomar a palavra de Deus e discutir até que ponto a nossa ação como trabalhadores segue o *projeto de Deus*. Esta reflexão vai aumentar nosso nível de consciência e dar forças, pois aí descobriremos que fé e vida devem andar juntas.

Depois de alguns meses, quando o nosso grupo estiver mais firme e animado, será útil fazer um bom curso bíblico e teológico, que nos ajude a compreender e a viver mais esse projeto de Deus.

É importante, de acordo com a necessidade e interesse, promovermos encontros para discutir a formação sindical, a história da classe operária, a atualização das leis trabalhistas, a análise do momento político e das características da organização da sociedade em que vivemos e de sua economia.

Lembramos que, para organizar esses cursos ou conseguir vagas em cursos promovidos pela Pastoral Operária, pode-se recorrer à Comissão Nacional ou à Executiva Nacional da PO, bem como às Comissões Estaduais (ver endereços no final deste livrinho).

c) AGIR

Uma vez que tivermos conhecido os problemas que existem em nosso meio operário (VER) e tivermos descoberto por que existem e o que pensamos deles (JULGAR), vem esta pergunta: Como nós, trabalhadores cristãos, podemos transformar essa realidade, para que ela esteja de acordo com o plano de Deus? (AGIR). Isto é um sinal claro de que chegou a hora de tentarmos *fazer* alguma coisa.

Dessa forma estamos ganhando força e coragem para agir no meio operário, tanto na fábrica, no sindicato, como no bairro. Vemos nossa ação quando conscientizamos os colegas de trabalho; quando procuramos formar grupos ou comissões de fábrica; quando buscamos ser sócios do sindicato, estar presentes nas assembleias, fazer chapas ou integrar diretorias combativas, incentivar um sindicalismo atuante, participar de lutas próprias do sindicato (campanhas salariais, greves etc.); quando procuramos envolver as comunidades no apoio às lutas operárias e também nas lutas mais gerais de todos os trabalhadores (mobilizações, organização global dos trabalhadores, implantação da CUT, greves gerais); quando nos preocupamos com a questão político-partidária (assumir as lutas políticas, integrar partidos políticos etc.).

Essa nossa ação deve ter uma clara dimensão pastoral. Nosso objetivo de grupo de operários cristãos organizados é, à luz da fé, a luta pela justiça e pelos valores do movimento operário.

Mas nossa atuação de cristãos não pode ser isolada, nem ingênua, nem simplista. A luta de classe é uma realidade social, cujo espírito e objetivo dependem dos valores de quem nela se engaja (com consciência e organização). Por isso, é importante que nós, cristãos engajados, sintamos o apoio de nossa comunidade e de nossos pastores.

Quando tratamos da nossa ação, é bom olharmos para outros grupos que tomam decisões, mas que nunca chegam à ação. Isso

também pode acontecer conosco, se não tivermos um plano de ação. Por isso, apresentamos alguns elementos necessários para um bom plano de ação.

Sugestões para planejar uma ação:

- Escolher uma ação a ser realizada — O quê?
- Deixar bem claro o que desejamos — *Objetivo* — Para quê?
- O plano deve ser decidido por todos, não por um pequeno grupo. Ninguém quer executar um plano, do qual não participou na elaboração.
- Distribuir as tarefas.
- Determinar as pessoas responsáveis.
- Ter uma coordenação geral.
- Ver como será feita a comunicação, divulgação.
- Marcar um prazo para atingir o objetivo: curto, médio ou longo prazo?
- Ver as etapas. Os passos não devem ser maiores do que as pernas. O que queremos alcançar agora como primeiro passo?
- Escolher os materiais a serem usados.
- Ver a data da cobrança e avaliação da ação para garantir a continuidade.

Nas reuniões, além de fazermos ligação com o Projeto de Deus, é importante motivarmos nosso grupo para rezar em cima de toda a nossa realidade operária; promover celebrações próprias com o grupo e, inclusive, com toda a comunidade (por exemplo, 1º de maio, durante as greves, acidentes com trabalhadores etc.). É importante celebrarmos, diante de Deus e com os demais companheiros na fé, a nossa prática, os nossos problemas, avanços e recuos na caminhada de trabalhadores.

8. NÃO HÁ NADA COMO A EXPERIÊNCIA



A gente poderia ficar aqui falando de cada possibilidade, de cada situação que pudesse pintar, fazer longas listas, mas a gente sabe muito bem que não adianta muito. Não há nada como a expe-

riência. O jeito é aprender a nadar: alguém, muito experiente, pode contar pra gente como é que é, como é que faz com as mãos, como se respira, como se bate o pé... mas nós todos sabemos que, para aprender a nadar, a teoria não basta; é preciso entrar na água mesmo. Tem um ditado italiano que diz: "quando a água chega ao seu traseiro, você aprende a nadar". Isto é, necessidade é a grande motivadora. E a experiência é a grande mestra. O que está acontecendo é que a água está chegando no ponto crítico e vai todo mundo ter de aprender a nadar, senão, já era. E quando alguém aprende a nadar, sabe muito bem o gostinho de vitória, de realização, de conquista que isto representa. E vai melhorar com a experiência, com a prática. E é a prática que vai lhe dizer qual é a medida de suas forças, o que é possível fazer em cada etapa, quando é que o mar não está para peixe.

Com o grupo de PO que a gente vai iniciar, é a mesma coisa: a prática e a experiência vão ensinar a gente. A partir da própria prática, a gente vai poder julgar melhor as dicas que nos dão, e vai passar a procurar outros grupos, para refletir juntos, *trocar experiências*. Assim a gente pode saber como é que tal ou qual problema que a gente está vivendo foi resolvido em outra comunidade. Vai sentir que beleza é saber que a gente está caminhando junto com esse povo todo espalhado pelo Brasil afora, ajudando a ir na direção de uma mudança verdadeira.

Este livrinho é um estímulo para você dar o primeiro passo. A gente tem certeza de que você não pára mais. A seguir, nós damos algumas dicas de publicações, coisas para ajudar a gente nessa caminhada, endereços úteis para você procurar, se precisar. Depois você vai nos dizer como melhorar esse trabalho, para que outros aproveitem. A água está subindo... vamos lá?

9. OUTRAS FERRAMENTAS

a) Bibliografia

- Boff, Clodovis — **Como trabalhar com o povo**, Coleção "Fazer", n. 5, Ed. Vozes, 1984.
- Vários Autores — **Fé e participação popular**, Ed. Paulinas, 1984.
- ACO — **História da libertação dum povo: A Bíblia**, Publicação da ACO, n. 2.
- ACO — **Jesus, sua terra, seu povo, sua proposta**, Publicação da ACO, n. 4.
- Maar, W. Leo — **O que é política**, Coleção "Primeiros Passos", n. 54, Ed. Brasiliense.
- Souza, Herbert José — **Como se faz análise de conjuntura**, Col. "Fazer", n. 1, Ed. Vozes, 1984.
- CELADEC — **Como funciona a sociedade**, Col. "Cadernos de Base", Ed. Paulinas, 1982.
- Equipe de Pastoral da Diocese de Juazeiro — BA, **O povo descobre a sociedade — Capitalismo X Socialismo**, Ed. Paulinas, 1984.
- Vários Autores — **O que é questão de moradia**, Col. "Primeiros Passos", n. 92, Ed. Brasiliense.
- ACO — **Conhecer as Sociedades**, Publicação da ACO, n. 1.
- Antunes, Ricardo C. — **O que é sindicalismo**, Col. "Primeiros Passos", n. 3, Ed. Brasiliense.
- CEDEC — **Sindicatos — autonomia e unidade**, "Cadernos populares", n. 1, Ed. Vozes, 1984.
- CEDAC — **Perspectivas do Novo Sindicalismo**, Ed. Loyola.
- Vários Autores — **Beabá do sindicato**, Col. "Cadernos de Base", Ed. Paulinas, 1982.
- Lagôa, Ana — **Como se faz para sobreviver com um salário mínimo**, Col. "Fazer", n. 2, Ed. Vozes, 1984.
- Souza, Paulo Renato — **O que são empregos e salários**, Col. "Primeiros Passos", n. 28, Ed. Brasiliense.
- Vários Autores — **Desemprego, causas e conseqüências**, PO de S. Bernardo do Campo e Ed. Paulinas, 1984.
- Veiga, José Eli — **O que é reforma agrária**, Col. "Primeiros Passos", n. 33, Ed. Brasiliense.
- Antunes, Ricardo C. e Nogueira, C. — **O que são comissões de fábrica**, Col. "Primeiros Passos", n. 47, Ed. Brasiliense.

b) Publicações periódicas

CPO — INFORMA (Informativo quinzenal da Comissão de Pastoral Operária Nacional — Assinatura gratuita).

BOLETIM DA CPO (Boletim bimensal da Comissão de Pastoral Operária Nacional — Assinatura paga).

ASSUMIR (Boletim da ACO — Ação Católica Operária — divulgado de 4 em 4 meses — Assinatura paga).

BOLETIM DA CPT (Boletim bimensal da Comissão Pastoral da Terra — Assinatura paga).

c) Alguns endereços úteis

Secretariado Nacional de Pastoral Operária

Rua Mariano Sendras, 44 — sala 501
25.000 Duque de Caxias — RJ —
Fone: 771-3459

IDAC — Instituto de Ação Cultural

Rua Visconde de Pirajá, 550 —
sala 1404
22.410 Rio de Janeiro — RJ —
Fone: 239-7146

ACO — Secretariado Nacional

Rua do Chichorro, 62 (sobrado)
— Catumbi

CPT — Secretariado Nacional

Cx. Postal 749
74.000 Goiânia — GO

ACR — Ação Católica Rural

Rua do Giriquiti, 48
50.000 Recife — PE

CIMI — Secretariado Nacional

Cx. Postal 11.1159
70.000 Brasília — DF

CUT — Central Única dos Trabalhadores

Rua Ouvidor Peleja, 242
04.128 São Paulo — SP

Secretariados da PO e contatos

Pastoral Operária

Av. Joaquim Nabuco, 1023
69.000 Manaus — AM

Pastoral Operária

Rua Francisco Fernandes, 205
Pajussara
57.000 Maceió — AL

Pastoral Operária

Cx. Postal 13 — Pça. Abrandes, 9
42.000 Camaçari — BA

Pastoral Operária

Av. Mons. Tabosa, 60
60.000 Fortaleza — CE

Pastoral Operária

Cx. Postal 1.016
29.000 Vitória — ES

Pastoral Operária

Cx. Postal 11
65.000 São Luís — MA

Pastoral Operária

Av. 3, n. 1.083
Cidade Industrial
32.000 Contagem — MG

Pastoral Operária

Rua Paraíba, 1.787
Cx. Postal 128
79.100 Campo Grande — MS

Pastoral Operária

Rod. do Coqueiro, 2.212
Cx. Postal 282
67.000 Ananindeua — PA

Pastoral Operária

(D. José Maria Pires)
Cx. Postal 13
58.000 João Pessoa — PB

Pastoral Operária

Rua dos Coelho, 317
50.000 Recife — PE

Pastoral Operária

Rua Desembargador Freitas, 1.599
Edifício Paulo VI
64.000 Teresina — PI

Com. Pastoral Operária

Rua Jaime Reis, 369 — Cx. Postal 1.371
80.000 Curitiba — PR

Pastoral Operária

Cx. Postal 84.540
27.180 Volta Redonda — RJ

Pastoral Operária

Cx. Postal 227
Pça. Pio X, 335
59.000 Natal — RN

Pastoral Operária

Cx. Postal 10.508
90.000 Porto Alegre — RS

Pastoral Operária

Cx. Postal 778
89.200 Joinville — SC

Pastoral Operária

(D. Cláudio Hummes)
Pça. do Carmo, 36
09.000 Santo André — SP

Pastoral Operária (Secretariado)

Rua Wenceslau Braz, 78 — Sala 115
01.016 São Paulo — SP

Pastoral Operária

Rua Luís Ferreira da Silva, 685
Parque Anchieta
09.700 São Bernardo do Campo — SP

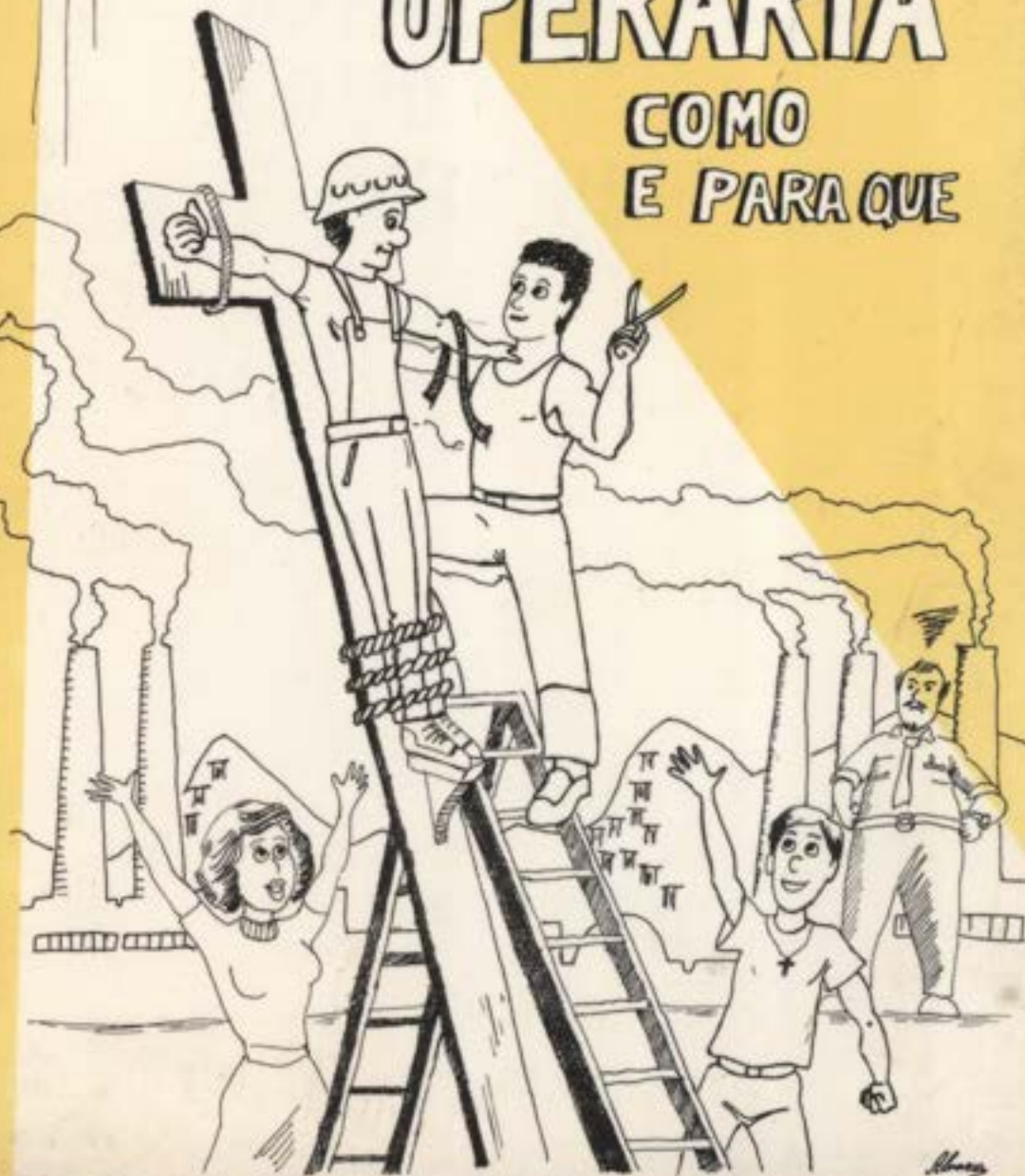
Pastoral Operária

Pça. N. Sra. do Bonsucesso, 13
Bonsucesso
07.000 Guarulhos — SP

CPO

PASTORAL OPERÁRIA

COMO
E PARA QUE



Secretariado Nacional de Pastoral Operária
Av. Presidente Kennedy, 1861 – Sala 11
25.020 – Duque de Caxias – RJ
Fone: (021) 771-3459

1978
CPO - Conselho de Pastoral Operária

PASTORAL OPERÁRIA COMO E PARA QUE

1978
CPO - Conselho de Pastoral Operária

Conteúdo

A Pastoral Operária é o campo constante dos agentes de pastoral dentro e fora das fábricas.

É a obra pastoral, por iniciativa operária e com o apoio da Igreja, que atua no âmbito da fábrica e da comunidade.

É uma pastoral realizada de acordo com a linha operária que tem por referência a Pastoral Operária desenvolvida durante a 1ª Conferência Nacional de Pastoral Operária em 1968, sob o lema "O Trabalho e a Pastoral Operária", realizada em 1968, sob o lema "O Trabalho e a Pastoral Operária".

A Pastoral Operária é realizada através de grupos de trabalho.

Entende-se este grupo de trabalho como o resultado de um processo de trabalho que desenvolve a consciência. Nas atividades operárias que estão em contato com as condições de trabalho da comunidade desta comunidade com as próprias estruturas e condições de trabalho de cada grupo de trabalho.

Neste grande desafio é atuar e atuar a consciência de cada um e a organização do trabalho, como a uma sociedade participativa onde os trabalhadores, criados e não-criados, como sujeitos e não-objetos de um sistema social.

CPO

CPO Nacional

INTRODUÇÃO

O TRABALHO É A NOSSA VIDA

O trabalho que a gente faz é que muda as coisas. O nosso braço, a nossa cabeça, a nossa energia, a nossa vida constróem o mundo em que vivemos. Se hoje esse mundo está cheio de injustiças, se está assim mal dividido, esse mundo está errado. É a gente que deve arregaçar as mangas para consertar, para fazer um mundo do jeito que nós queremos, onde quem manda seja a vontade da maioria.

E as coisas já começaram a mudar. Já existem pessoas que participam das Comunidades de Base, pessoas que criaram a Pastoral Operária, pessoas que estão nos sindicatos brigando para que eles respondam verdadeiramente às necessidades dos trabalhadores.

A gente vai ganhando confiança, vai aprendendo, sabe que pode fazer muito mais. Sabemos, hoje, que existem tarefas urgentes que precisam de nós: organizar Comissões de Fábrica, acabar com a pelejada que trai os trabalhadores, construir uma Central Sindical que possa coordenar as lutas das várias categorias e que seja forte na base, criar uma nova estrutura sindical.

Estamos arregaçando as mangas e dando as mãos aos companheiros que topam entrar nessa briga conosco. É preciso que mais trabalhadores, mais companheiros entrem nesta caminhada para unir e somar forças nas lutas.

A Pastoral Operária nasceu da necessidade dos trabalhadores cristãos discutirem a ligação entre sua fé e a sua vida na fábrica, no sindicato, na associação de moradores, no partido. . .

Operários e camponeses estão despertando, estão dando passos importantes para resolverem seus problemas.

A Pastoral Operária foi pensada para dar uma mãozinha nesta caminhada.

Este livrinho é parte desse trabalho. É o resultado de uma experiência já vivida. Estão aqui algumas dicas, algumas idéias para aqueles que estão preocupados em começar ou revisar a Pastoral Operária.

Ele não é um livrinho pronto, cheio de receitas. Não pretende ensinar, mas partilhar uma caminhada que pode ajudar quem se interesse pela Pastoral Operária por este país afora.

ROTEIRO PARA BOM PROVEITO DESTE LIVRINHO

Este livrinho tem como objetivos:

– Explicar o que é Pastoral Operária

– Mostrar o seu papel

– Explicar como se forma, como funciona e como se mantém um grupo de Pastoral Operária

Ele foi feito para o agente de pastoral e para o peão motivado que estão interessados em conhecer e criar grupos de Pastoral Operária.

Foi feito, também, para os grupos de Pastoral Operária já existentes. Busca ajudar esses grupos a se conhecerem melhor e a fazerem periodicamente sua Revisão de Vida Operária.

CONTEÚDO DO LIVRINHO

Mostra, na prática, como se inicia um grupo de Pastoral Operária.

Fala da Pastoral Operária como parte da Igreja.

Discute os campos de atuação da Pastoral Operária.

Mostra a espiritualidade existente na Pastoral Operária.

Discute a formação na Pastoral Operária.

Discute o que é liderança na Pastoral Operária.

Fala do papel do animador de grupos e do coordenador de reuniões da Pastoral Operária.

Estuda a ferramenta que a Pastoral Operária usa na formação de seus membros.

Aplica esta ferramenta para iniciar e revisar grupos de Pastoral Operária.

JEITO DE USAR O LIVRINHO

1) Para começar um grupo de Pastoral Operária

Procure estudar bem o livrinho todo (as pessoas interessadas em formar um grupo de Pastoral Operária estudariam sozinhas ou em grupos o livrinho, procurando aprofundar o capítulo 10 "Começando um grupo de Pastoral Operária").

Obs.: O capítulo 1 "Como começa um grupo de Pastoral Operária" é muito longo. Para facilitar o estudo, quando feito em grupo, recomenda-se ler os exemplos em casa e até dividir o estudo em 2 encontros (1 encontro para cada exemplo).

2) Onde já existe um grupo de Pastoral Operária

Onde já existe um grupo de Pastoral Operária e que deseja fazer sua Revisão de Vida Operária, pule o capítulo 1 (recomenda-se a leitura individual desse capítulo em casa).

Reúna o pessoal e vá estudando cada capítulo desse jeito:

- Recupere o conhecimento e a experiência do pessoal com as perguntas para refletir em grupo, que estão no início de cada capítulo.
- Acrescente novas informações ao grupo (passe as informações que você adquiriu ao estudar em particular o texto avançando a reflexão).
- Após esta discussão inicial e o levantamento dessas novas informações volte para o trabalho de grupo com as perguntas que estão no final de cada capítulo.
- Peça para o pessoal retomar o estudo em casa. Se houver, distribua tarefas.
- Lembre-se de pular o capítulo 10 "Começando um grupo de Pastoral Operária" (pág. 70 e seguintes), pois o seu grupo já existe.

PRIMEIRO EXEMPLO

Com o tempo, este livrinho passará a ser seu livro de cabeceira. Ele é um livro aberto. É apenas um roteiro ajudando a criar e a revisar periodicamente os grupos de Pastoral Operária. O grupo poderá usar este livrinho novamente no futuro, sem medo de tornar-se repetitivo. Afinal, os novos companheiros, os avanços de novas experiências, os novos conhecimentos adquiridos pelo grupo e as novas informações a serem passadas nunca deixarão as suas Revisões de Vida Operária serem repetitivas.

Obs.: O grupo conseguirá estudar certos capítulos em apenas uma reunião. Outros exigirão mais tempo. Vá com calma para não fazer um mau estudo. A experiência vai mostrar ao grupo como agir nestas horas.



1

COMO COMEÇA A PASTORAL OPERÁRIA



Muitos agentes de pastoral e trabalhadores cristãos, angustiados com a situação do povo trabalhador, nos perguntam:

— *Como começar um grupo de Pastoral Operária?*

Amigos(as), para iniciar um grupo de Pastoral Operária, não existe receita pronta. A forma de se iniciar a Pastoral Operária depende muito de cada lugar. Existem, sim, algumas experiências acumuladas que podem nos ajudar a descobrir caminhos para iniciar um grupo de Pastoral Operária.

Vejamos dois exemplos:

PRIMEIRO EXEMPLO

Timbaúba é um bairro de periferia. Começa depois do Riacho Fundo e termina no outro riacho que ninguém sabe o nome. O loteamento é clandestino. O ônibus fica longe, no outro bairro, depois do matagal. Falta água, luz, asfalto, saneamento básico. Cada dia que passa, mais gente vai chegando e ocupando Timbaúba. Favelas vão crescendo ao longo das margens dos riachos. O povo é muito pobre. Quem consegue comprar um lote, faz sua casinha no fim de semana. A maioria das casas são inacabadas e sem embolso.

São moradores de Timbaúba o casal Severino e Dorotéia. Eles têm alguma experiência em reunir o pessoal. Antes do casamento moravam num bairro do outro lado da cidade. Participaram do grupo jovem da comunidade de lá. Sob a coordenação deles, a comunidade e a associação de moradores do bairro conquistaram ônibus, posto de saúde, creche.

Também moram nesse bairro Raimundo e Josefa. Eles vieram do interior, de família de posseiros. O pai de Raimundo chegou a lutar em tiroteio contra jagunços. O próprio Raimundo começou a participar do sindicato rural, mas resolveu vir para a cidade grande "tentar a sorte". Hoje, Raimundo é servente de pedreiro e Josefa, costureira. Raimundo ficou desempregado e está trabalhando de cobrador na linha de ônibus de Timbaúba ao centro.

Entre outros moradores do bairro ainda temos:

Dorotéia, caixa do supermercado local.

"Seo" Tinoco, barbeiro há muito tempo. Em sua barbearia o pessoal se reúne para discutir os acontecimentos do bairro e da cidade.

Cícero e Romão são biscateiros.

Manuel recolhe ferro velho. É um antigo participante de lutas.

Dona Chiquinha faz doces. Ela vem de um passado de muitas lutas e sofrimentos.

Maria Cícera e sua família trabalhavam em uma usina de açúcar. Quando perdeu o marido, com três filhos para criar, ela veio para a cidade. Agora, é diarista em casa-de-família.

"Seo" Mateus é outra pessoa que não podemos esquecer. Ninguém sabe como ele vive. Não sabe ler nem escrever, mas é ele quem encaminha ofícios e convida autoridades para as reuniões no bairro. Os papéis para a legalização dos terrenos estão todos com ele. Não demora sairão as escrituras.

A luta do momento é para conseguir asfalto em Timbaúba, pelo menos na rua principal. O problema está no pagamento do asfalto. O pessoal do grupo acha que o bairro todo deve ajudar no pagamento, não só quem mora na rua principal.

Primeira reunião

Sábado.

14 horas.

Tempo chuvoso.

Poucas pessoas apareceram para discutir sobre o asfalto.

Para encaminhar a questão, o pessoal decidiu fazer uma pesquisa pelo bairro. Dorotéia ficou encarregada da pesquisa. As perguntas preparadas pelo grupo foram:

— Todos os moradores de Timbaúba devem pagar o asfalto da rua principal?

— Quanto sua família pode pagar por mês?

Até esse momento, dona Chiquinha não tinha falado nada. Quieta no seu cantinho, parecia preocupada com alguma coisa. Foi quando ela pediu a palavra e disse:

— Amigos, a gente fica dando um duro danado para Timbaúba discutir uma coisa do interesse de todos. E o que vemos? Numa reunião importante como esta, apareceram quatro gatos pingados. Enquanto isso, Maria Cícera, que não falta às nossas reuniões, pela segunda vez seguida não apareceu e ninguém se interessou em saber o porquê.

O grupo ficou olhando para dona Chiquinha. Aquela mulher baixinha fala pouco, mas quando fala, toca em assunto muito sério. Dona Chiquinha continuou:

— Mais importante do que discutir quem paga o asfalto da rua principal, é discutir o caso de Maria Cícera.

Os participantes da reunião se entreolharam perguntando o que estaria acontecendo com Maria Cícera.

Raimundo, apressado como sempre, disse:

— Desembucha, mulher!

Continuou dona Chiquinha:

— Faz dois meses que dona Maria Cícera trabalha na casa de uma família lá no centro. No primeiro mês a dona da casa disse que

não dava para pagar o serviço. Agora recebeu bem abaixo do combinado. E o que é pior: a dona da casa disse que não vai pagar mais nada.

— Não entendo o que esse problema tem a ver com as faltas de Maria Cícera em nossas reuniões — afirmou Dorotéia.

Disse dona Chiquinha:

— É, Dorotéia. Pimenta no olho da outra é fresco. Dificilmente sentimos a gravidade dos problemas dos outros. Nesse momento, enquanto estamos reunidos, Maria Cícera está trabalhando em outra casa para ela e seus três filhos poderem sobreviver.

O papo esquentou. Todo mundo falou ao mesmo tempo. Severino, coordenador da reunião, teve de intervir dizendo:

— Calma pessoal. Desse jeito não vamos a lugar nenhum. Vamos falar um de cada vez. Quem quiser se manifestar levante a mão e por ordem vai falar.

Raimundo, o primeiro a levantar os braços estava inquieto. Severino passou a palavra para ele.

Disse Raimundo:

— Espera aí. O que essa dona pensa que somos. Chega do grande escravizar a gente. Onde é que fica essa casa? Eu vou já prá lá. Quero ver se ela vai ou não vai pagar à Maria Cícera...

Como segurar o Raimundo?

A reunião se estendeu por uns quinze minutos...

"Deixa disso".

"Calma".

"Que calma!?"

Depois de muita discussão, o pessoal achou que o Raimundo não deveria ir sozinho. Decidiu-se que ele, Tinoco e Maria Cícera iriam juntos até lá. Maria Cícera ia telefonar marcando um horário...

Nesse momento, alguém entrou na sala dizendo:

— Um dos filhos de Maria Cícera está passando mal e precisando ser levado ao pronto-socorro. Mas ela está no trabalho...

Tonico cochichou ao Severino:

— Deve ser fome!

O grupo discutiu a questão e decidiu que algumas pessoas iriam ver o doente.

No caminho para casa, pisando barro, Severino comentou:

— Este caso de Maria Cícera me deixou pensativo. Estamos precisando sentar e discutir os casos de cada um no trabalho...

Conforme ficou combinado, Dorotéia preparou a pesquisa sobre a questão do asfalto. Depois reuniu o pessoal que iria pesquisar. Na

reunião, o pessoal se preparou para ir de família em família explicando o assunto.

Ficou acertado. Depois de 15 dias todos se reuniram para ver como estava indo o trabalho.

Segunda reunião

O trabalho deu resultado. No dia da reunião apareceu muita gente.

Conversa vai, conversa vem.

— Vale a pena ter asfalto na rua principal!

— Mas, e dinheiro para isso?

O dinheiro estava curto.

Nem todos concordavam com a proposta de todos pagarem.

Dorotéia disse:

— Sei não. Eu não vejo outra saída. Só teremos asfalto se todos contribuírem, pois ganhamos pouco e o asfalto é caríssimo.

Então Severino pediu a palavra e disse:

— Eu acho importante a gente discutir esse problema do dinheiro curto. Afinal, aqui todos trabalham, passam o dia no emprego. E o que se vê? O dinheiro que ganham não dá pra nada.

O papo ficou bom.

Outras pessoas falaram do assunto.

Diante das questões levantadas, se encaminhou duas propostas:

1ª sobre o asfalto: passar de casa em casa e deixar uma ficha de compromisso para ver quantas famílias estariam dispostas a dar uma quantia por mês;

2ª reunir pessoas que estivessem dispostas a discutir o problema do emprego e do salário baixo.

Severino comentou:

— Anos atrás, antes de me casar com a Dorotéia, participei de uma coisa parecida.

Companheiros, como vocês vêem, em Timbaúba está nascendo um grupo de Pastoral Operária. Algumas pessoas se reúnem na comunidade para tratar dos problemas do bairro. Entre elas algumas vão se destacando e se preocupando com casos próprios do trabalhador.



PARA REFLETIR EM GRUPO

- Este exemplo de Timbaúba apresenta alguma pista de como iniciar um grupo de Pastoral Operária? Qual?
- Prá você, o que está faltando para este grupo ter a marca de um grupo de Pastoral Operária?

SEGUNDO EXEMPLO

João, pedreiro, tem 40 anos de idade. Ele trabalha numa construtora. Sustenta a mulher e cinco filhos menores. Vida sofrida, vivida com muita garra.

Faz tempo que o João é sindicalizado. Paga em dia o sindicato e uma vez ou outra aparece por lá.

João é muito bom de prosa. Nos intervalos do trabalho ou no caminho para casa ele sempre puxa um assunto interessante. Conversa sobre o serviço, os casos do trabalho, a religião...

O pessoal do serviço geral gosta muito de conversar com ele. Querem saber como ele passou de servente a pedreiro e depois para azulejista.

Alguns companheiros se assustam com a palavra firme do João criticando o sindicato que quase não aparece na obra.

Outros não entendem porque o João luta com tanta garra...

João é cristão e não esconde isso de ninguém. De vez em quando ele conta o que faz no fim de semana.

Alguns acham graça, outros não entendem porque o João mistura trabalho, política e religião. Ficam pensando:

"O João põe tudo no mesmo saco..."

Ultimamente o João anda animadíssimo. E todo mundo na obra sabe o porquê. Depois de algumas reflexões bíblicas e bate-papos lá no bairro, algumas pessoas da sua comunidade despertaram para os problemas sociais. E, conhecendo bem o João, pediram para ele ajudar a discutir os problemas do trabalho de cada um.

João que não é nada bobo, não perdeu tempo. Pensando consigo mesmo: "É agora ou nunca!" Logo combinou com a turma o dia, a hora e o local da reunião. Ela será no salão da comunidade, na próxima quinta-feira, às 19 horas.

Primeira reunião

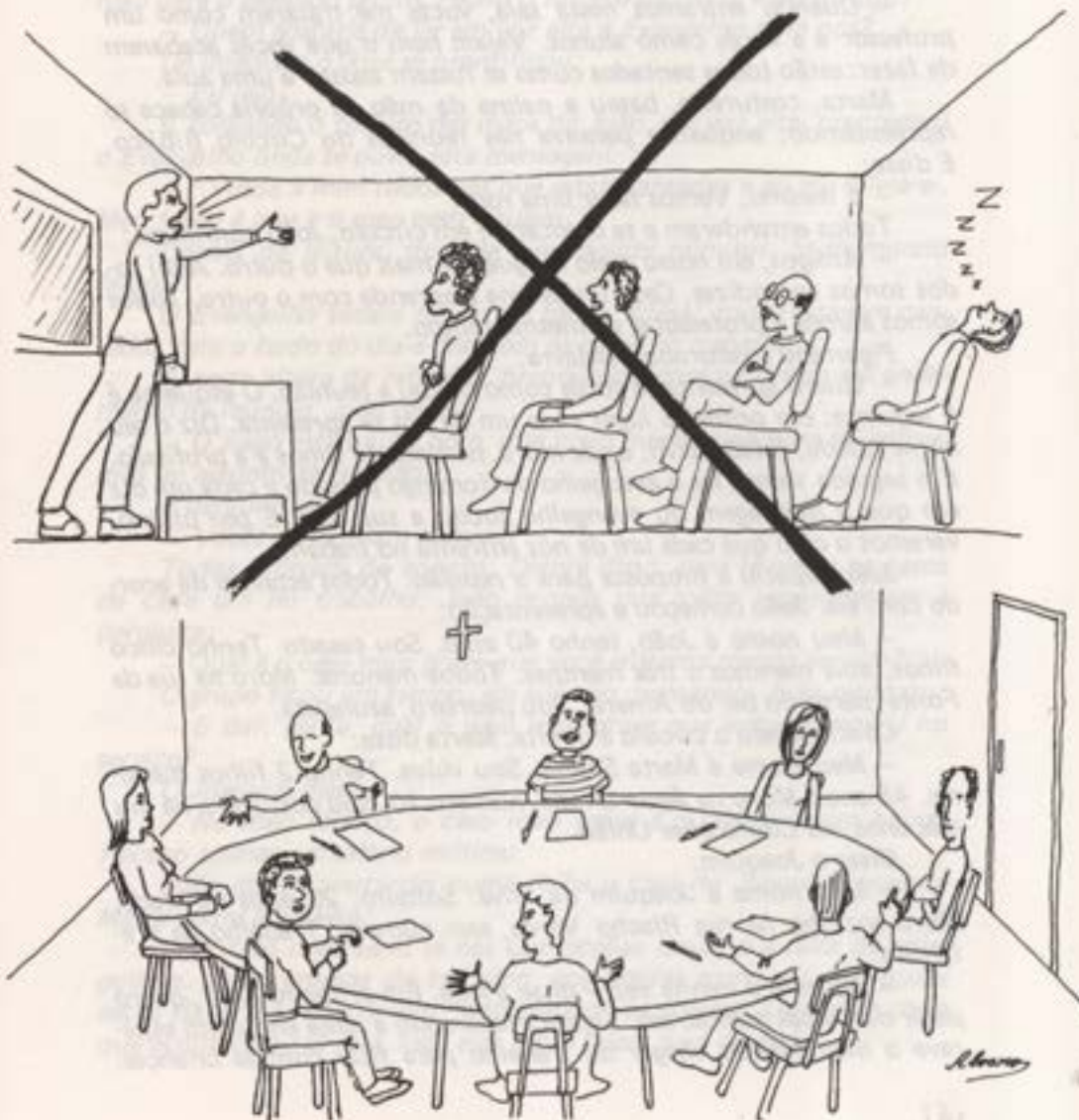
A reunião, marcada para às 19 horas, só começou às 19,40 horas. Ana, empregada doméstica, atrasou e o grupo decidiu esperar por ela. Além disso foi um corre-corre conseguir a chave do salão. O dirigente da comunidade tinha ido fazer compras e levava a chave consigo.

Para essa primeira reunião, João nem pensou em discutir a pauta com o grupo. Estava na cabeça dele:

— "O importante é o grupo se firmar. O resto virá depois."

O pessoal entrou no salão.

Como alunos à espera da sabedoria do professor, cada um buscou sua cadeira voltado para o João. Como numa sala de aula. João até se sentiu mal. Olhou para o grupo e pensou:



— “Cinco pessoas... É. É um grupo pequeno. Mas é com esse que vamos começar.”

E cumprimentou os companheiros:

— Companheiros, boa noite!

Esperando todos se aquietarem, continuou:

— Amigos, não sei se vocês perceberam... Eu estou até meio sem graça... Sabem o por quê?

O pessoal se entreolhou sem entender nada. Disse o João:

— Quando entramos nessa sala, vocês me trataram como um professor e a vocês como alunos. Vejam bem o que vocês acabaram de fazer: estão todos sentados como se fossem assistir a uma aula.

Marta, costureira, bateu a palma da mão na própria cabeça se repreendendo, enquanto pensava nas reuniões do Círculo Bíblico. E disse:

— É mesmo. Vamos fazer uma roda.

Todos entenderam e se colocaram em círculo. João continuou:

— Amigos, em nosso meio ninguém é mais que o outro. Aqui todos somos aprendizes. Cada um ensina e aprende com o outro. Todos somos alunos e professores ao mesmo tempo.

Pigarreou e retornou a palavra:

— Quero apresentar a vocês como pensei a reunião. O esquema é o seguinte: em primeiro lugar cada um de nós se apresenta. Diz o seu nome, idade, estado civil, onde mora, número de filhos e a profissão. Em seguida vamos ler o evangelho de domingo passado e cada um diz em que a mensagem do evangelho tocou a sua vida. E por último, veremos o caso que cada um de nós enfrenta no trabalho.

João repetiu a proposta para a reunião. Todos estavam de acordo com ela. João começou a apresentação:

— Meu nome é João, tenho 40 anos. Sou casado. Tenho cinco filhos, dois meninos e três meninas. Todos menores. Moro na rua da Fonte, perto do bar do Amaral. Sou pedreiro, azulejista.

Continuando o círculo à direita, Marta disse:

— Meu nome é Marta Soares. Sou viúva. Tenho 2 filhos menores. 45 anos. Moro na Água Limpa, número 10. Sou costureira há uns três anos nas Confecções União.

Disse o Joaquim:

— Meu nome é Joaquim da Silva. Solteiro. 20 anos de idade. Moro sozinho na rua Riacho Verde, sem número. Trabalho na prefeitura.

— Agora é a minha vez — disse a Ana. Em primeiro lugar, quero pedir desculpas pelo atraso. Estava preparando a janta enquanto esperava o meu marido chegar do trabalho para ficar com as crianças.

Meu nome é Ana Maria. Casada. Uma filhinha e um filhinho. Tenho 33 anos. Sou diarista. Trabalho em casa de família.

José disse:

— Meu nome é José dos Santos. Casado. Quatro filhos. Moro perto da dona Marta, na Água Limpa, que de limpa só tem o nome. Tenho 41 anos. Sou metalúrgico.

Depois de mais alguns esclarecimentos, João encaminhou a reunião para o segundo ponto. Pegou o folheto da missa e perguntou:

— Quem gostaria de ler em voz alta o Evangelho para nós?

De imediato o José se prontificou:

— Eu leio.

E colhendo o folheto das mãos do João, em voz alta, proclamou o Evangelho onde se ouviu esta mensagem:

— “Vinde a mim todos vós que estais cansados e eu vos aliviarei. Meu fardo é leve e o meu peso é suave.”

Depois da leitura, durante uns quinze minutos, todo mundo falou.

O Evangelho tocara fundo em todos. Afinal, todos estavam cansados com o fardo do dia-a-dia, com os casos no trabalho...

A certa altura da reflexão, preocupado com o horário e o andamento da reunião, João disse:

— O papo está muito bom, mas creio que está na hora de entrarmos no assunto da reunião.

E perguntou:

— Vocês concordam comigo?

Todos estavam de acordo. Diante disso, para levantar os casos de cada um no trabalho, João propôs que todos respondessem à pergunta:

— Qual é o caso mais grave que você enfrenta no seu serviço?

O grupo ficou um tempo, em silêncio, pensando. João retomou:

— E daí, gente, qual o caso mais grave que enfrentamos lá no serviço?

O Joaquim disse:

— No meu serviço, o caso mais grave é o salário muito baixo. Recebo apenas um salário mínimo.

João estava anotando numa folha o caso do Joaquim, quando Marta pediu a palavra:

— O caso mais sério lá nas Confecções União é a falta de coleguismo. Duas colegas de trabalho, costureiras como eu, são puxa-sacos da firma. Elas vivem “entregando” as colegas. Qualquer coisa que acontece ou se fala, logo elas vão e falam para o patrão.

José tomou a palavra e disse:

— Lá na metalúrgica acontece um caso muito sério: algumas pessoas são registradas como auxiliar de torneiro mecânico, mas estão fazendo o trabalho de torneiro mecânico. E o que é pior: continuam recebendo o salário de um auxiliar.

Disse Ana:

— Eu sou diarista. Trabalho em casa de família. Meu maior caso é não conseguir um emprego fixo e com carteira assinada.

Por fim falou o João:

— Nosso caso lá na construtora são as horas-extras. A firma está obrigando o pessoal a fazer duas ou três horas por dia de horas-extras. Todo mundo está descontente, mas não sabe o que fazer, pois o patrão já ameaçou:

— “Quem não quiser trabalhar que avise. Tem muito trabalhador querendo uma vaguinha.”

— Até agora ouvimos os casos de todos. E agora, o que vamos fazer? Como continuar a reunião?

Foi a pergunta geral. Os casos apresentados eram muito importantes. Era preciso analisar todos eles. A vontade do grupo era de pegar tudo de uma vez. Mas o João, macaco velho, disse:

— Amigos, vamos caminhar com as pernas que temos. Os casos apresentados são muito importantes. Mas, vamos ser sinceros, não dá para engolir tudo de uma vez. Vocês não concordam?

E foi um bate-papo danado...

João insistiu:

— Precisamos saber trabalhar. Não adianta fazer as coisas por fazer. Não adianta tratar de todos os casos sem ir ao fundo. Precisamos escolher um dos casos e analisar profundamente. Os outros trataremos nas próximas reuniões.

E completou:

— Sem querer ser chato, insistiu: que caso apresentado iremos analisar nesta reunião?

O pessoal parou por um instante, pesando. Dúvidas. No fundo cada um achava que o seu caso deveria ser analisado logo.

José disse:

— Sem desprezar os outros casos, eu acho que deveríamos ajudar a Marta a enfrentar o caso dos dedo-duros lá nas Confecções União.

Todos concordaram com a sugestão.

João passou a palavra à Marta, para ela falar um pouco mais do seu caso.

Durante cinco minutos Marta falou sobre as duas colegas. Deu um histórico da situação e o clima que existe hoje na firma. Há muita revolta por parte das outras colegas. Algumas já pensam em partir para a ignorância. O pessoal está com um medo danado. Não consegue se reunir nem mesmo para pedir melhor salário em época de muita produção.

O grupo queria mais esclarecimentos e informações. Por isso foi fazendo perguntas à Marta, até sentir-se satisfeito e bem informado.

João retomou a palavra dizendo:

— Acabamos de ver o drama vivido pela Marta lá na Confecção. E agora, acabou a reunião? Vamos voltar para casa pensando que o caso da Marta está resolvido? Se pensamos assim estamos muito enganados, pois a Marta ainda não encontrou nenhuma saída.

A Marta completou:

— Se a reunião ficar só isso não tem sentido. Eu acho que está faltando alguma coisa. Eu não sei dizer o quê, mas está faltando alguma coisa.

Continuou o João:

— Companheiros, atenção, estamos num momento muito importante de nossa reunião. É hora de ajudar a Marta a pensar numa saída para seu problema. É hora de apresentar sugestões para ela enfrentar o caso.

E o pessoal começou a dar sugestões de como Marta poderia agir. Algumas sugestões fundamentadas na experiência, outras mostrando revolta.

Joaquim disse:

— Se eu fosse você, eu daria um jeito de isolar essas colegas...

O José, que já tinha vivido uma experiência parecida, disse:

— Marta, lá na metalúrgica, tempos atrás, enfrentamos um caso parecido e encontramos a solução na base do diálogo.

Ana disse:

— Eu não acredito muito nesse papo de diálogo. Quem uma vez traiu, vai trair sempre. Só vejo uma saída: vocês precisam tirar as puxa-sacos da firma.

João também deu sua opinião:

— Esse caso da Marta é muito comum no trabalho. As pessoas querem subir, para isso elas pisam nos companheiros. Se for preciso, elas traem os companheiros para ganhar cartaz com o chefe, o patrão, na esperança de subir de posto e melhorar o salário. Na minha opinião, esse caso só será resolvido com muita união do pessoal. O que não é nada fácil...

A seguir, o João, que tinha anotado a falação, retomou as sugestões do grupo. Pediu para o pessoal discutir cada uma delas, detalhando como o caso poderia ser enfrentado e prevendo as conseqüências.

O pessoal foi fundo na análise, chegou a concluir que a sugestão de isolar e tirar as puxa-sacos da firma não era a mais esperta.

Depois disso, João resumiu as sugestões levantadas e perguntou à Marta:

— E você, Marta, o que acha dessas sugestões: Qual delas você acha melhor pôr em prática.

— Eu gostei mais da sugestão do Zé — disse Marta.

— Gostei porque procura acabar com a divisão. Além do mais, o Zé está falando com autoridade, está falando da sua experiência que deu certo.

Todos, admirando a esperteza de Marta, concordaram com ela.

Marta, dirigindo-se ao José:

— Zé fale um pouco mais da sua experiência. Explica melhor os passos tomados quando você enfrentou o mesmo problema.

O José pensou um pouco e começou a falar:

— Trabalho numa seção com 35 pessoas. Nosso encarregado é muito antigo na função. A gerência gosta muito dele. Para controlar a seção, ele conseguiu três operários que agiam como sub-encarregados. Tinham até reunião diária para ver como andava a seção. Toda hora acontecia mudanças. Muita gente perdia o emprego porque não caia nas graças dos donos da seção. Certo dia, escutei alguns companheiros reclamando da chamada "igrejinha". A partir de então fiquei pensando em discutir o problema com esses companheiros. Numa festa de casamento encontrei com alguns deles e conversamos sobre o clima da seção. Contamos quantas pessoas já tinham perdido o emprego por causa dos puxa-sacos. Já não dava mais para aguentar. Era preciso enfrentar a situação. Por isso combinamos nos reunir domingo na casa de um deles. No encontro de domingo, após muita conversa e algum desânimo, concluímos: eu iria atrair o Pedro, um dos puxa-sacos, para um aperitivo no bar da esquina. O Pedro era o único dos três que gostava de aperitivo. Iríamos fazer o Pedro ver que era preciso mudar o clima de terror vivido na seção, que era preciso ser mais companheiro, lutar pelas mesmas coisas. E assim aconteceu. No começo, a conversa com o Pedro foi nervosa. Mas o grupo fez o Pedro ver que ele não podia continuar fazendo o que fazia. Depois de um mês, o Pedro deixou de participar das reuniões como encarregado.

Marta e os outros ouviram a riqueza da experiência vivida pelo José e seus companheiros.

Continuou o José:

— Marta, na minha opinião, você deve reunir outras companheiras e juntas verem qual das puxa-sacos é a mais indicada para uma primeira conversa.

Marta, concordando, disse:

— É isso mesmo. Primeiro tentarei reunir algumas companheiras que estão chateadas com a situação. Em seguida, vamos buscar um jeito de atrair uma delas para uma conversa.

E acrescentou:

— Mas a coisa não vai ser muito fácil. As puxa-sacos são muito fechadas. Elas não conversam com ninguém. Prá vocês terem uma idéia, elas até usam outro portão de entrada e na hora do almoço somem...

Chegando ao final da reunião, João disse:

— Companheiros, estamos chegando ao final de nossa primeira reunião. Eu tenho uma sugestão para encerrar esta e as outras reuniões que tivermos. A sugestão é a seguinte: terminar nossas reuniões com uma avaliação e uma oração final.

— E perguntou ao grupo: — Estamos de acordo?

Todos estavam de acordo.

Marta iniciou a avaliação dizendo:

— Gostei da reunião. Eu nunca pensei que um grupinho como o nosso fosse tão inteligente. Esta reunião me ajudou muito. Agora tenho algumas pistas para enfrentar o problema das puxa-sacos lá no serviço.

Ana completou:

— Sinceramente, gostei muito. Nem vi o tempo passar. Ficamos duas horas reunidos e nem senti. Vou sentir agora, quando chegar em casa. Meu marido já deve estar no portão... Para evitar problemas no futuro, sugiro que nossas reuniões não passem de uma hora e meia de duração.

Joaquim:

— Faz tanto tempo que a gente vive junto e só agora começamos a nos conhecer. Somos todos farinha do mesmo saco. Plantamos hoje uma sementinha que vai dar o que falar.

José acrescentou:

— Eu sempre ouvi falar desse tipo de reunião, mas não tinha idéia do que fosse. Para mim era um bando de subversivos usando o nome de Igreja. Agora vejo que é o próprio trabalhador cristão descobrindo como ser cristão lá onde vive e trabalha. Valeu a pena a gente se reunir. Eu vim para esta reunião com um pé atrás, agora acho que ela deve continuar.

O João, aproveitando a opinião do José, disse:

— Esta é a primeira reunião, Zé. Depois dela virão outras. Isso só depende de nós. Assunto é o que não falta. Hoje só estudamos o caso da Marta, ainda falta os outros.

José, entusiasmado, acentuou:

— Devemos aproveitar nosso ânimo. Proponho que a próxima reunião seja aqui mesmo, daqui quinze dias.

Todos concordaram com a proposta.

João continuou:

— Na próxima reunião, a Marta vai nos dizer o que conseguiu fazer. A seguir escolheremos um caso para estudar. Pode ser um dos casos apresentados hoje, ou algum mais urgente.

Prosseguindo:

— Não sei se vocês perceberam, hoje eu conduzi a reunião. Era a primeira. Nem todos tinham clareza de como conduzir a reunião. Por isso decidi assumir a coordenação sem consultar vocês. Foi uma emergência. Mas isto não pode acontecer em nossas reuniões. Proponho que na próxima vez tiremos um coordenador para a reunião.

E encaminhando a reunião para o final, João propôs que de pé e de mãos dadas todos rezassem. Disse:

— Quem desejar, puxe a oração final.

A Marta, lembrando do Evangelho e da oração no início da reunião, disse:

— Senhor Jesus, quando iniciamos esta reunião você nos disse: "Vinde a mim todos vós que estais cansados e eu vos aliviarei." Obrigado, Senhor, estamos saindo daqui mais leves e dispostos a enfrentar os problemas lá no trabalho.

João, confirmando com o pessoal o dia, a hora e o local da próxima reunião, encerrou a reunião com um Pai-nosso.

Segunda reunião

Quinze dias depois, o grupo se reuniu novamente. José conseguiu trazer mais um companheiro, o Zé Pedro.

A reunião começou com 20 minutos de atraso. O José, foi apresentando o Zé Pedro, companheiro de trabalho lá na metalúrgica. Todos cumprimentaram o Zé Pedro e se apresentaram.

Joaquim leu o Evangelho do domingo passado. Todos falaram o que sentiram ao ouvir a leitura.

A seguir, o João tomou a palavra:

— Precisamos escolher um coordenador para conduzir a reunião.

Disse Ana.

— Eu acho que você, João, é a pessoa mais certa para esta tarefa de coordenação. Nós ainda estamos começando...

Disse Marta:

— Eu concordo com você, Ana. O João está com idéias mais claras. Com o tempo nós, também, poderemos coordenar a reunião. Por enquanto é cedo.

Todos concordaram com as duas e João assumiu a reunião perguntando:

— O que vamos estudar hoje?

Marta lembrou:

— Eu tenho que dizer o que aconteceu lá no trabalho depois da última reunião.

O Joaquim acrescentou:

— E tem ainda os outros casos apresentados na reunião passada...

João continuou:

— Então, em primeiro lugar daremos a palavra para a Marta. Ela vai nos dizer o que conseguiu fazer nesses 15 dias. Depois veremos o caso que estudaremos hoje.

Voltando-se para a Marta, perguntou:

— E daí, Marta, o que você tem a nos dizer?

Marta disse:

— A coisa não está fácil, mas consegui reunir quatro companheiras dispostas a dar um jeito nas puxa-sacos. Na reunião levantamos algumas idéias, mas ainda estamos com medo. Domingo estudaremos a melhor forma de encaminhar a questão.

Satisfeito com a exposição de Marta, o grupo avançou a reunião. João lembrou os problemas levantados na primeira reunião e perguntou:

— Esses foram os casos apresentados na última reunião. Surgiu algum caso mais urgente?

Nada. Os casos continuavam os mesmos. E se decidiu ver o caso do José: companheiros registrados para uma função, sendo deslocados para serviços de maiores salários, mas continuando a receber o salário anterior.

João pediu para o José apresentar, com mais detalhes, o seu caso.

José disse:

— Estive desempregado um bom tempo. Agora, faz três anos que trabalho nesta metalúrgica. A firma produz peças para geladeiras e máquinas de lavar roupa. Durante um certo tempo a firma não andou bem. Dizia-se que não havia pedidos, que a produção caía, que era preciso se reorganizar. Nessa brincadeira muita gente perdeu o emprego. Quem ficou, ficou tremendo. Para não perder o emprego era preciso evitar qualquer confronto com o patrão... Depois de certo tempo as coisas se reequilibraram. A firma começou a empregar, sem chegar a ter o mesmo número de empregados de antes. Com jeito, eu conversava com os companheiros sobre as condições de trabalho. Hoje a coisa ficou difícil.

E José continuou:

— Certo dia, depois do pagamento, voltando para casa, alguns companheiros conversavam sobre o salário que não dá pra viver. Nesse papo descobri que alguns eram registrados para uma função, mas aos poucos passaram a ser utilizados em outras áreas da firma onde os salários eram maiores, mas continuaram com os mesmos salários de antes.

— "O que fazer?" — Perguntei.

— "Nada!" — Responderam.

— "Afinal, a barra está pesada. Muitos de nós estivemos desempregados por muito tempo. Não estamos dispostos a correr o risco de perder um emprego tão sofrido."

Continuou o José:

— Dois companheiros, apesar da ameaça do desemprego, acham que precisamos ir conversando sobre o caso. Num bate-papo com eles caí na besteira de convidar os dois para irem ao sindicato. Eles não gostaram da idéia e me disseram:

— "Não vemos em que o sindicato tem a ver com esta questão."

José continuou:

— Desde então não consegui mais contato com esses dois companheiros.

João disse:

— Zé, este é um velho truque das firmas em época de lucros baixos. Contratam para um serviço e mandam fazer outro de salário maior, mas continuam pagando o salário anterior.

João, dirigindo-se ao pessoal, perguntou:

— Que sugestões temos para o José?

O grupo lançou algumas idéias. Por fim, José achou melhor voltar a conversar com os dois companheiros que não quiseram procurar o sindicato.

José disse:

— Na verdade dei um fora danado. Não foi boa sugestão a idéia de ir ao sindicato. Preciso marcar uma reunião com eles para discutir a situação e a organização dos companheiros. Amanhã mesmo vou falar com eles. O sindicato fica para depois.

O grupo avançou a reflexão:

José acrescentou:

— Para complicar o caso, o patrão tem um bom papo. Ele sabe agradar nossos companheiros.



A discussão pegou fogo. No fim todo mundo era uma só idéia:
– “O patrão sabe agradar, trata bem, mas na hora de pagar o que é certo, a coisa muda.”

E todos se perguntaram:

– “Aonde está a raiz do problema?”

O grupo discutiu. Discutiu. Mas empacou na reflexão. João percebeu a situação, por isso disse:

– Precisamos de mais tempo para discutir este caso e a questão do sindicato.

E perguntou:

– Como vamos fazer para discutir mais profundamente essas questões?

Disse o Joaquim:

– Precisamos parar um dia, com mais tempo, para aprofundar essas questões. Quem sabe a gente não consegue trazer uma pessoa com mais experiência nesses assuntos...

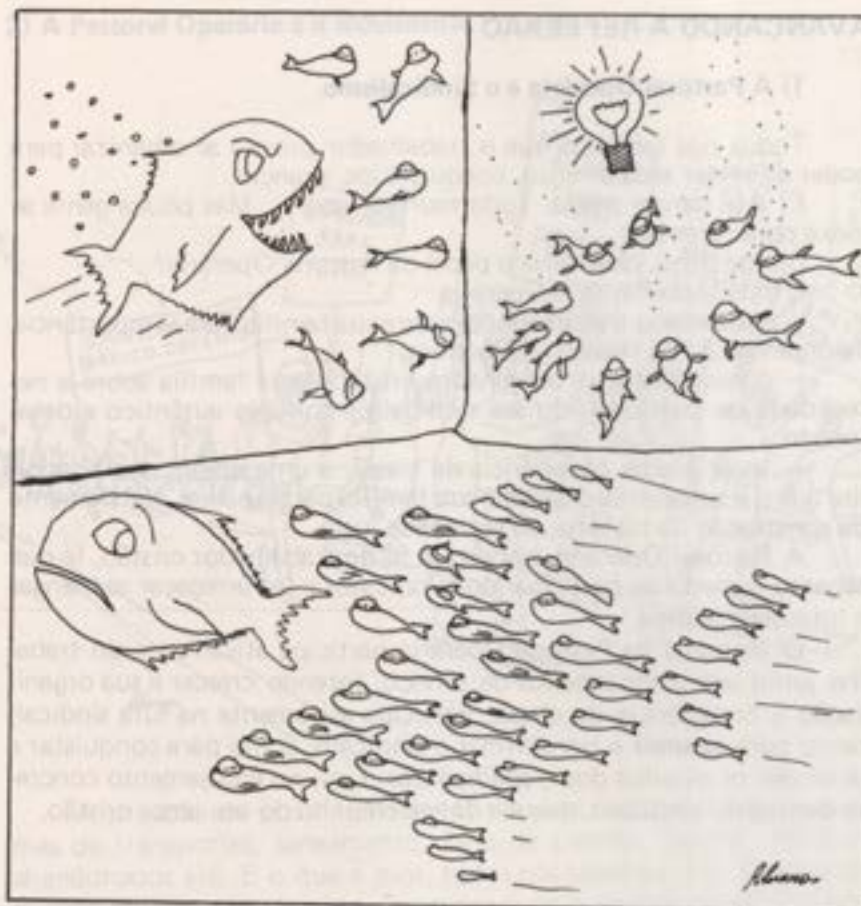
O pessoal ficou de pensar melhor e trazer sugestões concretas na próxima reunião. A seguir fez-se uma breve avaliação e a oração final.

A próxima reunião seria 15 dias depois, no mesmo local e horário.

• • •

Amigos(as), os exemplos que acabamos de ver, mostram como um grupo de Pastoral Operária *pode* se iniciar. Evidentemente, como todo exemplo, não esgotam todo o assunto de Pastoral Operária. Eles não falam desse ou daquele grupo concretamente. São obras da imaginação dos autores deste livrinho a partir de suas práticas pastorais e engajamentos. Levantam pistas, e isto é o que importa. A nossa experiência e a nossa prática irão nos indicar outras pistas de como iniciar um grupo de Pastoral Operária.

Para aprofundar a questão sugerimos comparar estes exemplos com as experiências do seu grupo. Para esta reflexão, de preferência em grupo, apresentamos algumas questões que, direta ou indiretamente, são tocadas nestes exemplos.



- O que a pesquisa diz a respeito da participação sindical?
- O que a pesquisa diz a respeito da participação no Movimento Popular?
- O que a pesquisa diz a respeito da participação no partido político?
- Durante a pesquisa, quais foram as reações dos entrevistados quando abordamos estes assuntos?
- No seu entender, por que as pessoas reagiram dessa forma?
- A partir de sua experiência, o que esta pesquisa revela?

Aprofundando a pesquisa, responda:

- A partir disso tudo, qual seria o papel da Pastoral Operária a nível sindical, do movimento popular e do partido político?

AVANÇANDO A REFLEXÃO

1) A Pastoral Operária e o Sindicalismo

Todos nós sabemos que o trabalhador precisa se organizar para poder defender seus direitos, conquistá-los, avançar.

É! Até parece piada. Todo mundo sabe. . . Mas pouca gente se mexe para fazer isso. . .

Diante disso, qual seria o papel da Pastoral Operária?

É missão da Pastoral Operária:

— despertar o trabalhador cristão e sua família para a importância da organização da classe trabalhadora;

— conscientizar o trabalhador cristão e sua família sobre a necessidade de participar do seu sindicato e torná-lo autêntico e desatrelado;

— levar a uma consciência de classe, a uma união, que possibilite aos trabalhadores cristãos e sua família participarem efetivamente da construção da história, da sociedade justa.

A Pastoral Operária desperta a fé do trabalhador cristão, fé que espanta o medo de participar dos sindicatos e faz arregaçar as mangas e lutar pela justiça.

O membro da Pastoral Operária participa ativamente do trabalho junto aos companheiros de serviço, fazendo crescer a sua organização e consciência de classe. Participa ativamente na luta sindical, tanto para **assumir** e transformar o sindicato, como para conquistar e defender os direitos dos trabalhadores. É aí, no engajamento concreto dentro do sindicato, que ele dá testemunho do seu amor cristão.



2) A Pastoral Operária e o Movimento Popular



A situação do povo trabalhador não está nada fácil. São problemas de transportes, saneamento, falta de creches, favelas, menores abandonados etc. E o que é pior, todos nós sabemos, não adianta esperar a mudança vir de cima. Prometer todo poderoso promete quando precisa do povo, é só ver as promessas dos tempos das eleições. . . Mas na hora de fazer. . .

Sabemos que o povo precisa se organizar se quiser melhorar a sua vida. A nossa pesquisa revelou que pouca gente está organizada. Diante disto nos vem a pergunta: o que fazer?

Aqui descobrimos mais um papel importante da Pastoral Operária:

— ajudar o trabalhador cristão e sua família a se despertarem para a necessidade da luta organizada no bairro, na cidade etc., para enfrentar os problemas que atingem a todos.

É tarefa da Pastoral Operária mostrar que participar, animar e promover esse tipo de luta organizada a nível popular é uma maneira de ser Igreja, é uma forma de manifestar o amor evangélico.

3) A Pastoral Operária, a Política e os Partidos

Nossa pesquisa mostrou que o povo desconfia da política, até tem medo de tocar no assunto.

"Política é coisa suja!" Afirma.

Também, pudera, a "politicagem" é a única coisa que conhece. "Comprar peixe estragado é que ninguém compra," diz o ditado.

A classe dominante se sente feliz com este posicionamento popular. Dá no que ela quer. Enquanto o povo fica com esta idéia, ela segue com suas "politicagens", fazendo valer os seus interesses.

Historicamente, a Igreja também tem sua parte de culpa nessa mentalidade popular. No passado, às vezes, ela fez o jogo dos grandes, ricos e poderosos. Hoje ela se penitencia e pede perdão ao povo. Exemplo disso vimos em Canindé, CE, no **5º Encontro Intereclesial das CEBs**, de 4 a 8 de julho de 1983. Nesse encontro os bispos do Brasil pediram perdão ao povo pelos pecados da Igreja (cf. **CEBs, rumo a uma nova sociedade** — Edições Paulinas — 1983 — p. 77).

Nesse processo de conversão, a Igreja vai se tornando mais evangélica, mais povo, e se confrontando com o sistema estabelecido. Por isso ela é atacada por aqueles que controlam a sociedade, pelos "donos" do poder.

Por trás dessas "intrigas" se esconde verdadeira guerra. São interesses da classe dominada se confrontando com os interesses da classe dominante, que não arreda a mão do poder.

A classe dominante, com sua política e seus partidos faz tudo para se manter no poder e fazer valer os seus interesses: engana, reprime, manipula. . . Enquanto a classe dominada não entender que deve participar ativamente na política, nos partidos, na luta pelo poder, nada vai mudar.

Aqui descobrimos mais uma tarefa importante da Pastoral Operária:

— levar o trabalhador cristão (não-cristão) a mudar esta mentalidade e a assumir as questões políticas e político-partidária.

Dessa forma, a Pastoral Operária estará contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, respondendo aos desafios da fé cristã e da sociedade atual.

Como seria a participação dos trabalhadores cristãos na política e nos partidos?

Esta questão ainda vai dar muito "pano prá manga". No entanto, de uma coisa temos certeza: só a experiência, a prática e o estudo



desta prática irão nos indicar caminhos de como intervir na política e na política partidária para alcançar uma sociedade mais justa e humana.

PARA REFLETIR EM GRUPO

A partir da sua prática, conhecimento e do aprofundamento acima:

- debata as dúvidas surgidas nesta reflexão.
- defina o que é Pastoral Operária?
- defina os papéis da Pastoral Operária a nível do Movimento Sindical, do Movimento Popular e da política?

RESUMINDO

De tudo o que vimos podemos resumir:

A Pastoral Operária é um serviço de trabalhadores cristãos à classe trabalhadora:

- leva o trabalhador cristão e não-cristão a tomarem consciência de classe;
- desperta o trabalhador cristão e não-cristão para a necessidade de atuar lá no trabalho, no sindicato, no movimento popular, na política etc.;
- desperta o trabalhador cristão para a necessidade de se integrar à luta da classe, de se organizar e lutar como classe organizada;
- desperta o trabalhador cristão para a sua missão de ajudar outros trabalhadores a se integrarem nas suas organizações de classe e serem sujeitos de sua própria história.

O membro da Pastoral Operária se organiza como Pastoral Operária enquanto participa do seu grupo de base lá na comunidade, na diocese etc. Na luta diária se integra às organizações de sua classe. Aí na luta, ainda que sua fé lhe dê critérios de prática e de elaboração do projeto histórico-político de libertação da classe operária, não age em nome da Igreja, em nome da Pastoral Operária, mas é a própria classe lutando e fazendo história.

ALGUNS LIVROS SOBRE O ASSUNTO

SEM TERRA — O papel da Igreja no movimento popular

CEPIS — Socialismo e cristianismo — Fone (011) 864-6162

Plínio A. Sampaio — Cristãos na política: problemas e dificuldades — CEMI — Fone (011) 297-3953

4

FÉ E ORAÇÃO NA PASTORAL OPERÁRIA

Companheiros(as), nosso estudo está bem avançado, mas nem tudo está claro para nós.

Algumas perguntas vão surgindo em nossa cabeça. Por exemplo, ainda queremos saber como é a vida de fé e de oração na Pastoral Operária.

Estamos tocando em assuntos muito difíceis de se falar. Prá vocês terem uma idéia, nós da Pastoral Operária ainda não conseguimos escrever nada mais profundo sobre a oração e a fé na Pastoral Operária.

Neste capítulo, desafiamos vocês a encararem de frente esta questão, iniciando a reflexão com as perguntas abaixo:

PARA REFLETIR EM GRUPO

- O trabalhador da Pastoral Operária tem fé? Por quê?
- O militante cristão reza? Como ele reza?
- Qual a importância da oração em sua vida?
- Qual a fonte de sua oração?

EXEMPLO

Dona Neusa, mãe de família, líder comunitária, foi fazer piquete contra os fura-greves nas portas das fábricas do ABC Paulista.

Esta atitude de dona Neusa chamou a atenção de sua família.

Quando voltou do piquete, seu filho lhe disse:

— Mãe, toma cuidado com estas andanças pelas portas das fábricas para ajudar nas greves. A qualquer hora vão atirar na senhora. A senhora não tem medo?

Dona Neusa respondeu:

— Se eu morrer pela causa do povo, não tem problema!

AVANÇANDO A REFLEXÃO

Companheiros (as), um dos sinais de identidade do membro da Pastoral Operária é a sua vida de fé e de oração.

A oração e a celebração alimentam a sua fé, seu relacionamento com Deus e com o próximo.

Jesus Cristo é o centro da vida espiritual do trabalhador cristão.

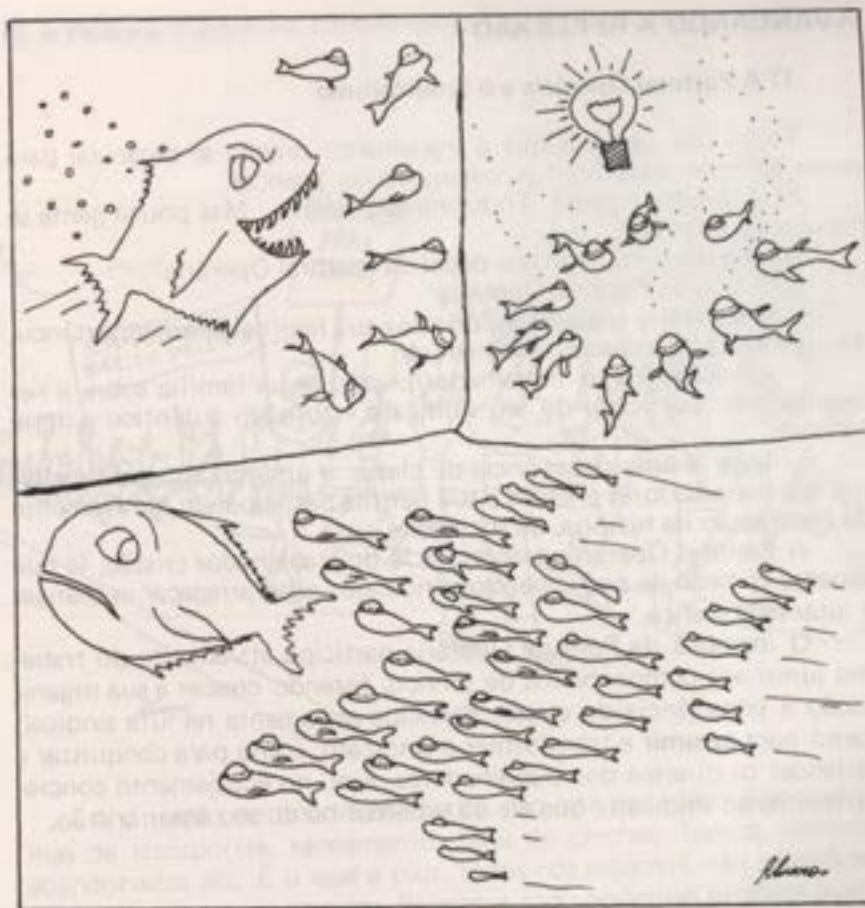
A proposta de Jesus no mundo é a construção do reino. Este reino já está presente em nosso meio e cabe a nós desenvolvê-lo. A Igreja é o sinal, semente deste reino. Salva-se quem já vive na esfera do reino: "Aquele que faz a vontade do Pai que está nos céus", quem assume lutar politicamente a favor da vida, contra a injustiça, contra a morte.

No batismo nos comprometemos com o reino de Deus. Esse compromisso com o reino é a coisa mais importante de nossa vida.

Nós da Pastoral Operária vemos os movimentos populares, sindical e os partidos políticos, todas as forças que lutam a favor ou contra a vida como as mediações do reino.

Nós sabemos que é nossa missão ser fermento na massa, sal na comida, luz no mundo. Nós acreditamos, a palavra de Deus nos dá a certeza, que através dessas mediações estamos construindo o reino.

A luta contínua pode levar o trabalhador cristão a desanimar. Mas se sua espiritualidade é forte ele se mantém firme.



- O que a pesquisa diz a respeito da participação sindical?
- O que a pesquisa diz a respeito da participação no Movimento Popular?
- O que a pesquisa diz a respeito da participação no partido político?
- Durante a pesquisa, quais foram as reações dos entrevistados quando abordamos estes assuntos?
- No seu entender, por que as pessoas reagiram dessa forma?
- A partir de sua experiência, o que esta pesquisa revela?

Aprofundando a pesquisa, responda:

- A partir disso tudo, qual seria o papel da Pastoral Operária a nível sindical, do movimento popular e do partido político?

AVANÇANDO A REFLEXÃO

1) A Pastoral Operária e o Sindicalismo

Todos nós sabemos que o trabalhador precisa se organizar para poder defender seus direitos, conquistá-los, avançar.

É! Até parece piada. Todo mundo sabe. . . Mas pouca gente se mexe para fazer isso. . .

Diante disso, qual seria o papel da Pastoral Operária?

É missão da Pastoral Operária:

— despertar o trabalhador cristão e sua família para a importância da organização da classe trabalhadora;

— conscientizar o trabalhador cristão e sua família sobre a necessidade de participar do seu sindicato e torná-lo autêntico e desatrelado;

— levar a uma consciência de classe, a uma união, que possibilite aos trabalhadores cristãos e sua família participarem efetivamente da construção da história, da sociedade justa.

A Pastoral Operária desperta a fé do trabalhador cristão, fé que espanta o medo de participar dos sindicatos e faz arregaçar as mangas e lutar pela justiça.

O membro da Pastoral Operária participa ativamente do trabalho junto aos companheiros de serviço, fazendo crescer a sua organização e consciência de classe. Participa ativamente na luta sindical, tanto para **assumir** e transformar o sindicato, como para conquistar e defender os direitos dos trabalhadores. É aí, no engajamento concreto dentro do sindicato, que ele dá testemunho do seu amor cristão.



2) A Pastoral Operária e o Movimento Popular



A situação do povo trabalhador não está nada fácil. São problemas de transportes, saneamento, falta de creches, favelas, menores abandonados etc. E o que é pior, todos nós sabemos, não adianta esperar a mudança vir de cima. Prometer todo poderoso promete quando precisa do povo, é só ver as promessas dos tempos das eleições. . . Mas na hora de fazer. . .

Sabemos que o povo precisa se organizar se quiser melhorar a sua vida. A nossa pesquisa revelou que pouca gente está organizada. Diante disto nos vem a pergunta: o que fazer?

Aqui descobrimos mais um papel importante da Pastoral Operária:

— ajudar o trabalhador cristão e sua família a se despertarem para a necessidade da luta organizada no bairro, na cidade etc., para enfrentar os problemas que atingem a todos.

É tarefa da Pastoral Operária mostrar que participar, animar e promover esse tipo de luta organizada a nível popular é uma maneira de ser Igreja, é uma forma de manifestar o amor evangélico.

3) A Pastoral Operária, a Política e os Partidos

Nossa pesquisa mostrou que o povo desconfia da política, até tem medo de tocar no assunto.

"Política é coisa suja!" Afirma.

Também, pudera, a "politicagem" é a única coisa que conhece. "Comprar peixe estragado é que ninguém compra," diz o ditado.

A classe dominante se sente feliz com este posicionamento popular. Dá no que ela quer. Enquanto o povo fica com esta idéia, ela segue com suas "politicagens", fazendo valer os seus interesses.

Historicamente, a Igreja também tem sua parte de culpa nessa mentalidade popular. No passado, às vezes, ela fez o jogo dos grandes, ricos e poderosos. Hoje ela se penitencia e pede perdão ao povo. Exemplo disso vimos em Canindé, CE, no **5º Encontro Intereclesial das CEBs**, de 4 a 8 de julho de 1983. Nesse encontro os bispos do Brasil pediram perdão ao povo pelos pecados da Igreja (cf. **CEBs, rumo a uma nova sociedade** — Edições Paulinas — 1983 — p. 77).

Nesse processo de conversão, a Igreja vai se tornando mais evangélica, mais povo, e se confrontando com o sistema estabelecido. Por isso ela é atacada por aqueles que controlam a sociedade, pelos "donos" do poder.

Por trás dessas "intrigas" se esconde verdadeira guerra. São interesses da classe dominada se confrontando com os interesses da classe dominante, que não arreda a mão do poder.

A classe dominante, com sua política e seus partidos faz tudo para se manter no poder e fazer valer os seus interesses: engana, reprime, manipula. . . Enquanto a classe dominada não entender que deve participar ativamente na política, nos partidos, na luta pelo poder, nada vai mudar.

Aqui descobrimos mais uma tarefa importante da Pastoral Operária:

— levar o trabalhador cristão (não-cristão) a mudar esta mentalidade e a assumir as questões políticas e político-partidária.

Dessa forma, a Pastoral Operária estará contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, respondendo aos desafios da fé cristã e da sociedade atual.

Como seria a participação dos trabalhadores cristãos na política e nos partidos?

Esta questão ainda vai dar muito "pano prá manga". No entanto, de uma coisa temos certeza: só a experiência, a prática e o estudo



desta prática irão nos indicar caminhos de como intervir na política e na política partidária para alcançar uma sociedade mais justa e humana.

PARA REFLETIR EM GRUPO

A partir da sua prática, conhecimento e do aprofundamento acima:

- debata as dúvidas surgidas nesta reflexão.
- defina o que é Pastoral Operária?
- defina os papéis da Pastoral Operária a nível do Movimento Sindical, do Movimento Popular e da política?

RESUMINDO

De tudo o que vimos podemos resumir:

A Pastoral Operária é um serviço de trabalhadores cristãos à classe trabalhadora:

- leva o trabalhador cristão e não-cristão a tomarem consciência de classe;
- desperta o trabalhador cristão e não-cristão para a necessidade de atuar lá no trabalho, no sindicato, no movimento popular, na política etc.;
- desperta o trabalhador cristão para a necessidade de se integrar à luta da classe, de se organizar e lutar como classe organizada;
- desperta o trabalhador cristão para a sua missão de ajudar outros trabalhadores a se integrarem nas suas organizações de classe e serem sujeitos de sua própria história.

O membro da Pastoral Operária se organiza como Pastoral Operária enquanto participa do seu grupo de base lá na comunidade, na diocese etc. Na luta diária se integra às organizações de sua classe. Aí na luta, ainda que sua fé lhe dê critérios de prática e de elaboração do projeto histórico-político de libertação da classe operária, não age em nome da Igreja, em nome da Pastoral Operária, mas é a própria classe lutando e fazendo história.

ALGUNS LIVROS SOBRE O ASSUNTO

SEM TERRA — O papel da Igreja no movimento popular

CEPIS — Socialismo e cristianismo — Fone (011) 864-6162

Plínio A. Sampaio — Cristãos na política: problemas e dificuldades — CEMI — Fone (011) 297-3953

4

FÉ E ORAÇÃO NA PASTORAL OPERÁRIA

Companheiros(as), nosso estudo está bem avançado, mas nem tudo está claro para nós.

Algumas perguntas vão surgindo em nossa cabeça. Por exemplo, ainda queremos saber como é a vida de fé e de oração na Pastoral Operária.

Estamos tocando em assuntos muito difíceis de se falar. Prá vo-
cês terem uma idéia, nós da Pastoral Operária ainda não conseguimos escrever nada mais profundo sobre a oração e a fé na Pastoral Operária.

Neste capítulo, desafiamos vocês a encararem de frente esta questão, iniciando a reflexão com as perguntas abaixo:

PARA REFLETIR EM GRUPO

- O trabalhador da Pastoral Operária tem fé?
Por quê?
- O militante cristão reza? Como ele reza?
- Qual a importância da oração em sua vida?
- Qual a fonte de sua oração?

EXEMPLO

Dona Neusa, mãe de família, líder comunitária, foi fazer piquete contra os fura-greves nas portas das fábricas do ABC Paulista.

Esta atitude de dona Neusa chamou a atenção de sua família.

Quando voltou do piquete, seu filho lhe disse:

— Mãe, toma cuidado com estas andanças pelas portas das fábricas para ajudar nas greves. A qualquer hora vão atirar na senhora. A senhora não tem medo?

Dona Neusa respondeu:

— Se eu morrer pela causa do povo, não tem problema!

AVANÇANDO A REFLEXÃO

Companheiros (as), um dos sinais de identidade do membro da Pastoral Operária é a sua vida de fé e de oração.

A oração e a celebração alimentam a sua fé, seu relacionamento com Deus e com o próximo.

Jesus Cristo é o centro da vida espiritual do trabalhador cristão.

A proposta de Jesus no mundo é a construção do reino. Este reino já está presente em nosso meio e cabe a nós desenvolvê-lo. A Igreja é o sinal, semente deste reino. Salva-se quem já vive na esfera do reino: "Aquele que faz a vontade do Pai que está nos céus", quem assume lutar politicamente a favor da vida, contra a injustiça, contra a morte.

No batismo nos comprometemos com o reino de Deus. Esse compromisso com o reino é a coisa mais importante de nossa vida.

Nós da Pastoral Operária vemos os movimentos populares, sindical e os partidos políticos, todas as forças que lutam a favor ou contra a vida como as mediações do reino.

Nós sabemos que é nossa missão ser fermento na massa, sal na comida, luz no mundo. Nós acreditamos, a palavra de Deus nos dá a certeza, que através dessas mediações estamos construindo o reino.

A luta contínua pode levar o trabalhador cristão a desanimar. Mas se sua espiritualidade é forte ele se mantém firme.



O trabalhador cristão, quanto mais vai se integrando na Pastoral Operária, vai transformando sua espiritualidade de conformismo ("É Deus que quer") em uma espiritualidade de resistência e luta pela vida: "Eu vim para que todos tenham vida."

A espiritualidade do trabalhador cristão define aqueles que estão no partido da vida e aqueles que estão no partido da morte. A sua espiritualidade é a de quem se comprometeu com a causa da vida.

Esta sua espiritualidade de luta é sinal de muito amor, de consciência de classe. Pelo caminho do amor e da consciência de classe, o trabalhador busca um novo tipo de relação entre os homens, uma relação **participativa** onde não haja mais explorados.

Dimensão política da oração

A **oração** tem uma **dimensão política**. Esta dimensão é experimentada pelo trabalhador enquanto:

- **dá uma visão diferente do poder:** quando o trabalhador reza logo se reconhece como filho de Deus e se inquieta diante das explorações. Aos poucos vai descobrindo o poder como serviço participativo (Jo 13, 1-10);
- **reúne as pessoas:** o trabalhador que reza não fica preso aos seus problemas particulares, mas se abre aos outros, se solidariza, partilha;
- **liberta o cristão:** a oração coloca o trabalhador diante da grandeza de Deus. Faz reconhecer sua fraqueza e a fraqueza dos dominadores e os limites dos projetos humanos. "O poder é de Deus Pai, único eterno";
- **reforça a luta:** através da oração o trabalhador encontra sentido e força para enfrentar e transformar a sociedade. A exemplo de dona Neusa, ele se diz: "Por esta causa estou disposto a enfrentar tudo".

A oração ocupa um lugar muito importante na vida do cristão engajado. Ela leva o trabalhador a olhar profundamente dentro de si, a refletir e questionar sua vida e luta.

Na oração, a partir de suas limitações, o trabalhador cristão pede a Deus que lhe dê clareza para entender a sua realidade e esper-teza para agir. Se sente unido aos outros companheiros na busca de um mundo onde se possa **viver plenamente**.

Importância da oração

Muitas vezes os cristãos engajados entram num ativismo tal que não sobra tempo para cultivar a dimensão da fé e da oração. Com o tempo, esses companheiros perdem o sentido da luta. Muitos chegam a desistir.

Assim como a plantinha precisa de água, o trabalhador cristão precisa da oração para sobreviver na luta pela vida (Sl 63,2).

Nós da Pastoral Operária sentimos que é preciso equilibrar bem as coisas: ação, reflexão e oração.

AVANÇANDO A REFLEXÃO

Na Pastoral Operária garantimos, em parte, a recuperação de nossa energia, através da Revisão de Vida. Mas isto é pouco. **Sentimos necessidade de rezar e celebrar.**

Através da oração sentimos a presença de Deus em nosso meio. Isto nos faz lutar sem medo e amar sem medida a vida.

Junto com a Revisão de Vida, a oração é elemento importante para os membros da Pastoral Operária.

O conteúdo de nossa oração é a nossa própria vida e engajamento, nossa missão de cristãos. Seguindo São Paulo, buscamos fazer de nossa vida uma contínua oração (1Ts 5,17).

Sabemos que a nova sociedade vai precisar de gente com grande capacidade de oração e profunda vida interior, por isso procuramos incentivar a oração em nosso meio. Oração pessoal e comunitária cada vez mais ligadas ao processo de libertação.

Neste sentido, nossa caminhada ainda é muito longa. Ainda sentimos necessidade de:

- sacramentalizar os símbolos do mundo do trabalho;
- descobrir expressões litúrgicas que integrem o mundo do trabalho e que façam o povo celebrar;
- fazer com que o mundo litúrgico seja um lugar onde as pessoas se sintam bem, festejem e celebrem.

PARA REFLETIR EM GRUPO

- Que novidades descobrimos neste estudo sobre a oração?
- Ele nos ajudou a descobrir como é a vida de fé e de oração na Pastoral Operária?
- Como nosso grupo de Pastoral Operária celebra? Como poderia celebrar suas lutas, seus momentos fortes?

ALGUNS LIVROS QUE ESCLARECEM O ASSUNTO

- ACO - Cantando nossa libertação
- CPO - A Bíblia e o trabalhador: uma espiritualidade de luta
- Vários Autores - Fé e participação popular - Edições Paulinas
- Carlos Mesters - Um projeto de Deus - Edições Paulinas
- E. Morin - Jesus e as estruturas de seu tempo - Edições Paulinas

5

A FORMAÇÃO NA PASTORAL OPERÁRIA

Até agora vimos:

- O que é a Pastoral Operária
- pra que ela serve
- como ela surge
- qual o seu papel a nível do Movimento Popular, Movimento Sindical e da política partidária

Estamos caminhando, mas ainda existe muita coisa a esclarecer. Por exemplo:

- entender
 - como se forma um membro da Pastoral Operária
 - como acontece a formação na Pastoral Operária

Seguindo nossa maneira de estudar (método), propomos iniciar este aprofundamento a partir de nossa experiência e das sugestões que o exemplo deste texto levantam. Para isso, sugerimos refletir em grupo as questões:

PARA REFLETIR EM GRUPO

A partir de nossa experiência e dos exemplos do capítulo 1, debata:

- Existe professor e alunos na Pastoral Operária? Por quê?
- Quem é o professor do trabalhador na Pastoral Operária?
- Quais são os objetivos da Formação na Pastoral Operária?
- Para você de que forma a Pastoral Operária ajuda ao trabalhador a se descobrir como sujeito da sua própria formação?

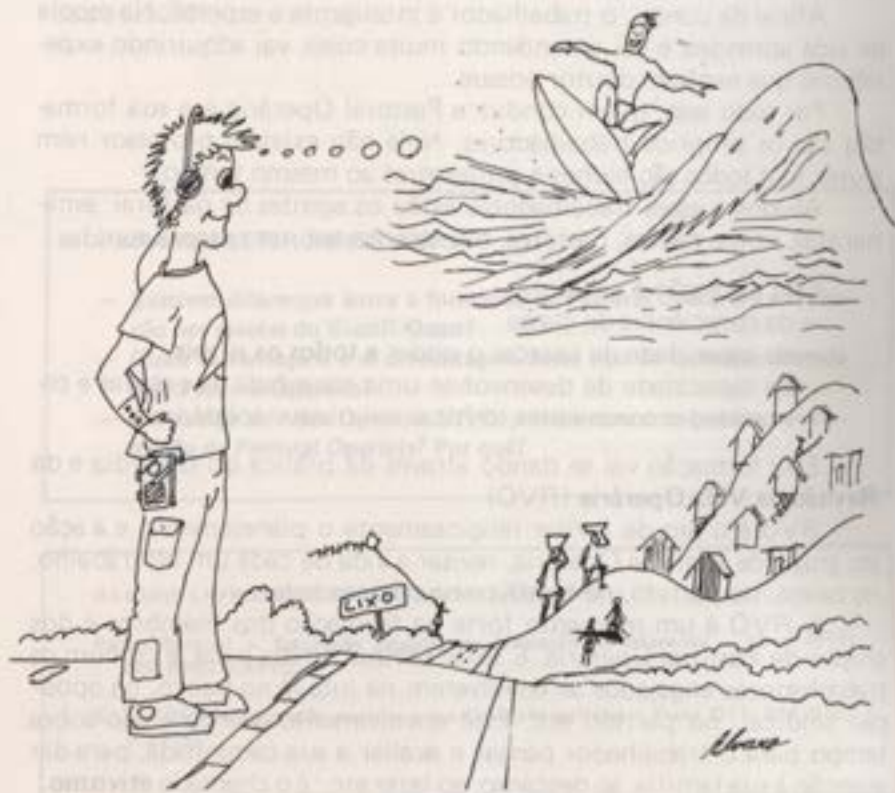
AVANÇANDO A REFLEXÃO

A classe dominante sempre buscou meios para continuar no poder.

Um desses meios utilizados por ela é a **educação-formação**. Esta **educação-formação** vai acontecendo através da escola, dos meios de comunicação social (principalmente da TV) e da religião. Ela vai buscando "fazer a cabeça das pessoas". O objetivo é que a classe dominada pense e aja de acordo com os interesses da classe dominante (estamos falando da ideologia).

Esta maneira de educar-formar

- não busca a libertação, mas manter a escravidão do povo;
- não busca a conscientização, mas a automação das pessoas;
- não busca tornar o homem sujeito, mas objeto;
- não leva em consideração a sabedoria do povo, mas a sabedoria do doutor.



Sabedores disso, o pessoal da Pastoral Operária buscou uma maneira de arrebentar esta "máquina de fazer cabeças".

Buscou e encontrou as inúmeras experiências de educação-popular que existem por aí.

Encontrou, e a partir da sua experiência, avançou a reflexão.

Hoje, o objetivo da formação na Pastoral Operária é que os trabalhadores sejam, de fato, os construtores da nova sociedade.

Esta formação é um constante aprender da prática de cada um e dos companheiros. É juntar conhecimentos sobre a prática da classe trabalhadora para agir dentro dela e a favor dela.

A formação na Pastoral Operária parte dos conhecimentos e das idéias do trabalhador, da sua experiência de vida e de trabalho, da suas conversas com os companheiros, da sua participação nas lutas concretas, do Evangelho etc.

Afinal de contas, o trabalhador é inteligente e esperto. Na escola da vida aprendeu e vai aprendendo muita coisa, vai adquirindo experiências que nenhum doutor possui.

Por tudo isso, quem conduz a Pastoral Operária e a sua formação são os próprios trabalhadores. Nela não existem professor nem aluno, mas todos são alunos e professores ao mesmo tempo.

Aliados a esses trabalhadores estão os agentes de pastoral: seminaristas, irmãs, padres, pastores, bispos e assessorias comprometidas.

Esta formação é geradora

- da consciência de classe
- da capacidade de exercer o poder **a todos os níveis**
- da capacidade de desenvolver uma sociedade de pessoas e comunidades conscientes, críticas, criativas e solidárias.

Esta formação vai se dando através da prática do dia-a-dia e da **Revisão da Vida Operária (RVO)**.

RVO é o ato de revisar religiosamente o planejamento e a ação do grupo de Pastoral Operária, revisar a vida de cada um no trabalho, no bairro, no partido, na família e na comunidade.

A RVO é um momento forte na formação dos membros e dos grupos de Pastoral Operária. É forte porque no dia-a-dia, é comum os trabalhadores engajados se envolverem na luta lá no bairro, na oposição sindical, no partido etc. Este envolvimento avança e não sobra tempo para o trabalhador pensar e avaliar a sua caminhada, para dar atenção à sua família, ao descanso, ao lazer etc.: é o chamado **ativismo**.

Através da periódica **Revisão da Vida Operária** a Pastoral procura superar esta e outras dificuldades. Nela o militante encontra um momento privilegiado para avaliar e redimensionar o seu engajamento saindo daí com idéias mais claras, mais eficazes e humanas.

A **Revisão da Vida Operária** ajuda a turma da Pastoral Operária a se manter fiel ao seu compromisso com a família, com a classe operária e com Jesus Cristo.

Para ajudar os seus grupos a fazerem sua **Revisão da Vida Operária**, a Pastoral Operária possui uma ferramenta de trabalho. Esta ferramenta (método) se chama **prática-Teoria-Prática (pTP)** (método ver-julgar-agir). O grupo de Pastoral Operária usa esta ferramenta para aprofundar seus conhecimentos e experiências, programar e revisar a sua atuação.

PARA REFLETIR EM GRUPO

- Existem diferenças entre a formação na Pastoral Operária e a formação nas escolas do Brasil? Quais?
- Quais as vantagens e as desvantagens desse tipo de formação adotada pela Pastoral Operária?
- A Revisão da Vida Operária (RVO) é importante no processo de formação da Pastoral Operária? Por quê?

ALGUNS LIVROS QUE ESCLARECEM O ASSUNTO

Pedro Pontual - Educação popular na formação de liderança - Fone (011) 864-6162 (CEPIS)

Eq. TAREA - Educação popular e sua dimensão política - Fone (011) 864-6162 (CEPIS)

A LIDERANÇA NA PASTORAL OPERÁRIA

O nosso estudo está caminhando. Agora faremos alguns esclarecimentos. Por exemplo: estudar o tipo de **liderança** próprio da Pastoral Operária, o papel do animador e o papel do coordenador de reuniões.

Para iniciar este estudo propomos que se discuta:

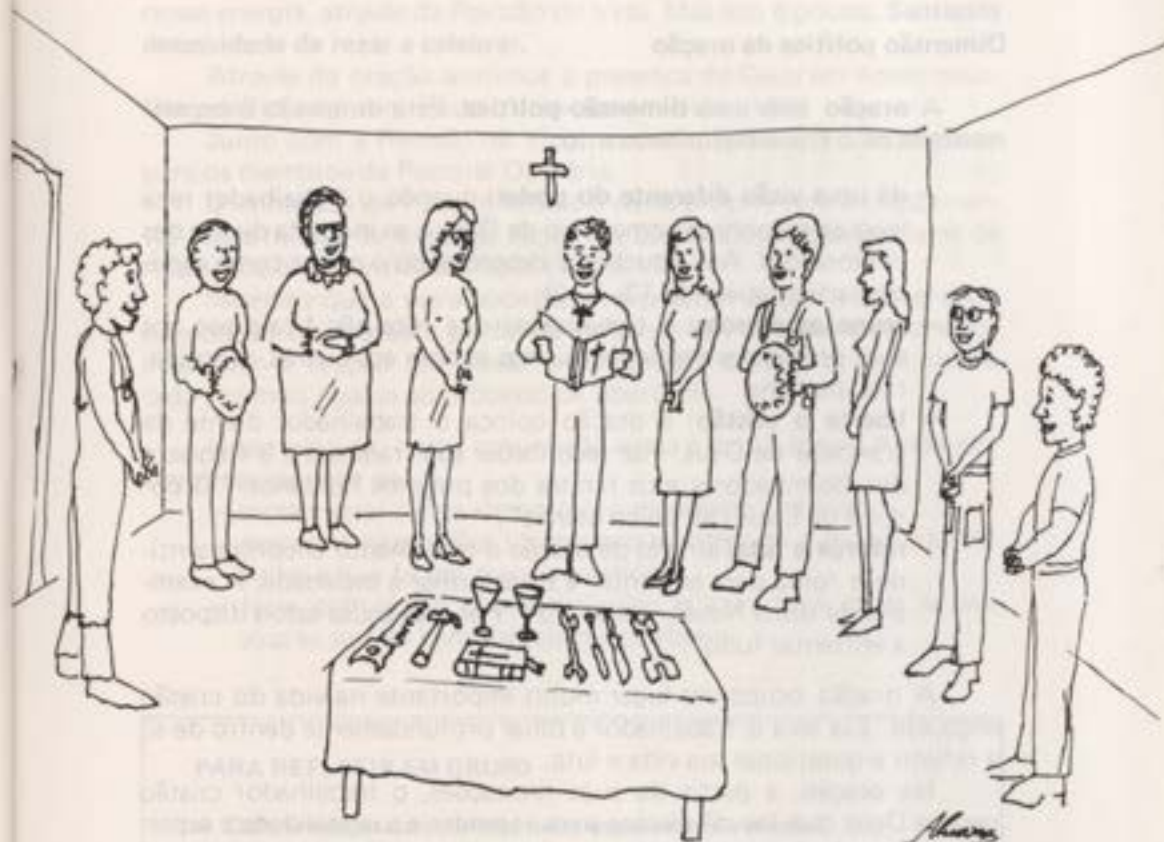
PARA REFLETIR EM GRUPO

- Que tipo de lideranças existem em nosso meio?
- Como elas tratam as pessoas?
- Que impressões temos de cada uma dessas lideranças?
- A partir do que vimos até agora, qual seria o tipo de liderança ideal na Pastoral Operária?

AVANÇANDO A REFLEXÃO

É, companheiros(as), falamos tanto em nova sociedade, mas ainda não fomos capazes de criar um novo relacionamento em nosso meio. . .

Para aprofundar nosso estudo, vejamos alguns tipos de liderança que existem:



O trabalhador cristão, quanto mais vai se integrando na Pastoral Operária, vai transformando sua espiritualidade de conformismo ("É Deus que quer") em uma espiritualidade de resistência e luta pela vida: "Eu vim para que todos tenham vida."

A espiritualidade do trabalhador cristão define aqueles que estão no partido da vida e aqueles que estão no partido da morte. A sua espiritualidade é a de quem se comprometeu com a causa da vida.

Esta sua espiritualidade de luta é sinal de muito amor, de consciência de classe. Pelo caminho do amor e da consciência de classe, o trabalhador busca um novo tipo de relação entre os homens, uma relação **participativa** onde não haja mais explorados.

Dimensão política da oração

A **oração** tem uma **dimensão política**. Esta dimensão é experimentada pelo trabalhador enquanto:

- **dá uma visão diferente do poder:** quando o trabalhador reza logo se reconhece como filho de Deus e se inquieta diante das explorações. Aos poucos vai descobrindo o poder como serviço participativo (Jo 13, 1-10);
- **reúne as pessoas:** o trabalhador que reza não fica preso aos seus problemas particulares, mas se abre aos outros, se solidariza, partilha;
- **liberta o cristão:** a oração coloca o trabalhador diante da grandeza de Deus. Faz reconhecer sua fraqueza e a fraqueza dos dominadores e os limites dos projetos humanos. "O poder é de Deus Pai, único eterno";
- **reforça a luta:** através da oração o trabalhador encontra sentido e força para enfrentar e transformar a sociedade. A exemplo de dona Neusa, ele se diz: "Por esta causa estou disposto a enfrentar tudo".

A oração ocupa um lugar muito importante na vida do cristão engajado. Ela leva o trabalhador a olhar profundamente dentro de si, a refletir e questionar sua vida e luta.

Na oração, a partir de suas limitações, o trabalhador cristão pede a Deus que lhe dê clareza para entender a sua realidade e esper-teza para agir. Se sente unido aos outros companheiros na busca de um mundo onde se possa **viver plenamente**.

Importância da oração

Muitas vezes os cristãos engajados entram num ativismo tal que não sobra tempo para cultivar a dimensão da fé e da oração. Com o tempo, esses companheiros perdem o sentido da luta. Muitos chegam a desistir.

Assim como a plantinha precisa de água, o trabalhador cristão precisa da oração para sobreviver na luta pela vida (Sl 63,2).

Nós da Pastoral Operária sentimos que é preciso equilibrar bem as coisas: ação, reflexão e oração.

AVANÇANDO A REFLEXÃO

Na Pastoral Operária garantimos, em parte, a recuperação de nossa energia, através da Revisão de Vida. Mas isto é pouco. **Sentimos necessidade de rezar e celebrar.**

Através da oração sentimos a presença de Deus em nosso meio. Isto nos faz lutar sem medo e amar sem medida a vida.

Junto com a Revisão de Vida, a oração é elemento importante para os membros da Pastoral Operária.

O conteúdo de nossa oração é a nossa própria vida e engajamento, nossa missão de cristãos. Seguindo São Paulo, buscamos fazer de nossa vida uma contínua oração (1Ts 5,17).

Sabemos que a nova sociedade vai precisar de gente com grande capacidade de oração e profunda vida interior, por isso procuramos incentivar a oração em nosso meio. Oração pessoal e comunitária cada vez mais ligadas ao processo de libertação.

Neste sentido, nossa caminhada ainda é muito longa. Ainda sentimos necessidade de:

- sacramentalizar os símbolos do mundo do trabalho;
- descobrir expressões litúrgicas que integrem o mundo do trabalho e que façam o povo celebrar;
- fazer com que o mundo litúrgico seja um lugar onde as pessoas se sintam bem, festejem e celebrem.

PARA REFLETIR EM GRUPO

- Que novidades descobrimos neste estudo sobre a oração?
- Ele nos ajudou a descobrir como é a vida de fé e de oração na Pastoral Operária?
- Como nosso grupo de Pastoral Operária celebra? Como poderia celebrar suas lutas, seus momentos fortes?

ALGUNS LIVROS QUE ESCLARECEM O ASSUNTO

- ACO – Cantando nossa libertação
- CPO – A Bíblia e o trabalhador: uma espiritualidade de luta
- Vários Autores – Fé e participação popular – Edições Paulinas
- Carlos Mesters – Um projeto de Deus – Edições Paulinas
- E. Morin – Jesus e as estruturas de seu tempo – Edições Paulinas

A FORMAÇÃO NA PASTORAL OPERÁRIA

Até agora vimos:

- O que é a Pastoral Operária
- pra que ela serve
- como ela surge
- qual o seu papel a nível do Movimento Popular, Movimento Sindical e da política partidária

Estamos caminhando, mas ainda existe muita coisa a esclarecer. Por exemplo:

- entender
 - como se forma um membro da Pastoral Operária
 - como acontece a formação na Pastoral Operária

Seguindo nossa maneira de estudar (método), propomos iniciar este aprofundamento a partir de nossa experiência e das sugestões que o exemplo deste texto levantam. Para isso, sugerimos refletir em grupo as questões:

PARA REFLETIR EM GRUPO

A partir de nossa experiência e dos exemplos do capítulo 1, debata:

- Existe professor e alunos na Pastoral Operária?
Por quê?
- Quem é o professor do trabalhador na Pastoral Operária?
- Quais são os objetivos da Formação na Pastoral Operária?
- Para você de que forma a Pastoral Operária ajuda ao trabalhador a se descobrir como sujeito da sua própria formação?

AVANÇANDO A REFLEXÃO

A classe dominante sempre buscou meios para continuar no poder.

Um desses meios utilizados por ela é a **educação-formação**. Esta **educação-formação** vai acontecendo através da escola, dos meios de comunicação social (principalmente da TV) e da religião. Ela vai buscando "fazer a cabeça das pessoas". O objetivo é que a classe dominada pense e aja de acordo com os interesses da classe dominante (estamos falando da ideologia).

Esta maneira de educar-formar

- não busca a libertação, mas manter a escravidão do povo;
- não busca a conscientização, mas a automação das pessoas;
- não busca tornar o homem sujeito, mas objeto;
- não leva em consideração a sabedoria do povo, mas a sabedoria do doutor.



Sabedores disso, o pessoal da Pastoral Operária buscou uma maneira de arrebentar esta "máquina de fazer cabeças".

Buscou e encontrou as inúmeras experiências de educação-popular que existem por aí.

Encontrou, e a partir da sua experiência, avançou a reflexão.

Hoje, o objetivo da formação na Pastoral Operária é que os trabalhadores sejam, de fato, os construtores da nova sociedade.

Esta formação é um constante aprender da prática de cada um e dos companheiros. É juntar conhecimentos sobre a prática da classe trabalhadora para agir dentro dela e a favor dela.

A formação na Pastoral Operária parte dos conhecimentos e das idéias do trabalhador, da sua experiência de vida e de trabalho, da suas conversas com os companheiros, da sua participação nas lutas concretas, do Evangelho etc.

Afinal de contas, o trabalhador é inteligente e esperto. Na escola da vida aprendeu e vai aprendendo muita coisa, vai adquirindo experiências que nenhum doutor possui.

Por tudo isso, quem conduz a Pastoral Operária e a sua formação são os próprios trabalhadores. Nela não existem professor nem aluno, mas todos são alunos e professores ao mesmo tempo.

Aliados a esses trabalhadores estão os agentes de pastoral: seminaristas, irmãs, padres, pastores, bispos e assessorias comprometidas.

Esta formação é geradora

- da consciência de classe
- da capacidade de exercer o poder **a todos os níveis**
- da capacidade de desenvolver uma sociedade de pessoas e comunidades conscientes, críticas, criativas e solidárias.

Esta formação vai se dando através da prática do dia-a-dia e da **Revisão da Vida Operária (RVO)**.

RVO é o ato de revisar religiosamente o planejamento e a ação do grupo de Pastoral Operária, revisar a vida de cada um no trabalho, no bairro, no partido, na família e na comunidade.

A RVO é um momento forte na formação dos membros e dos grupos de Pastoral Operária. É forte porque no dia-a-dia, é comum os trabalhadores engajados se envolverem na luta lá no bairro, na oposição sindical, no partido etc. Este envolvimento avança e não sobra tempo para o trabalhador pensar e avaliar a sua caminhada, para dar atenção à sua família, ao descanso, ao lazer etc.: é o chamado **ativismo**.

Através da periódica **Revisão da Vida Operária** a Pastoral procura superar esta e outras dificuldades. Nela o militante encontra um momento privilegiado para avaliar e redimensionar o seu engajamento saindo daí com idéias mais claras, mais eficazes e humanas.

A **Revisão da Vida Operária** ajuda a turma da Pastoral Operária a se manter fiel ao seu compromisso com a família, com a classe operária e com Jesus Cristo.

Para ajudar os seus grupos a fazerem sua **Revisão da Vida Operária**, a Pastoral Operária possui uma ferramenta de trabalho. Esta ferramenta (método) se chama **prática-Teoria-Prática (pTP)** (método ver-julgar-agir). O grupo de Pastoral Operária usa esta ferramenta para aprofundar seus conhecimentos e experiências, programar e revisar a sua atuação.

PARA REFLETIR EM GRUPO

- Existem diferenças entre a formação na Pastoral Operária e a formação nas escolas do Brasil? Quais?
- Quais as vantagens e as desvantagens desse tipo de formação adotada pela Pastoral Operária?
- A **Revisão da Vida Operária (RVO)** é importante no processo de formação da Pastoral Operária? Por quê?

ALGUNS LIVROS QUE ESCLARECEM O ASSUNTO

Pedro Pontual - Educação popular na formação de liderança - Fone (011) 864-6162 (CEPIS)

Eq. TAREA - Educação popular e sua dimensão política - Fone (011) 864-6162 (CEPIS)

A LIDERANÇA NA PASTORAL OPERÁRIA

O nosso estudo está caminhando. Agora faremos alguns esclarecimentos. Por exemplo: estudar o tipo de **liderança** próprio da Pastoral Operária, o papel do animador e o papel do coordenador de reuniões.

Para iniciar este estudo propomos que se discuta:

PARA REFLETIR EM GRUPO

- Que tipo de lideranças existem em nosso meio?
- Como elas tratam as pessoas?
- Que impressões temos de cada uma dessas lideranças?
- A partir do que vimos até agora, qual seria o tipo de liderança ideal na Pastoral Operária?

AVANÇANDO A REFLEXÃO

É, companheiros(as), falamos tanto em nova sociedade, mas ainda não fomos capazes de criar um novo relacionamento em nosso meio. . .

Para aprofundar nosso estudo, vejamos alguns tipos de liderança que existem:

Jorge não entendendo o amigo:

- *A única experiência que tenho é a de torneiro mecânico que aprendi lá na fábrica. Não sei como isto pode ajudar. . .*

Manezinho:

- *Não parece, mas ajuda. Vai por mim. Apareça amanhã lá na oficina.*

Os amigos se despediram.

No caminho para casa, já alta hora da noite, Jorge estava ansioso. Ia se perguntando, "o que vou fazer lá na oficina? Será que vai dar certo? E se não der certo, como vou dar comida para meus filhos?"

Jorge era um misto de esperança e angústia.

Chegou em casa dizendo que tinha conseguido emprego.

Naquela noite o feijão e a farinha estavam com outro sabor. A vela acesa parecia lâmpada elétrica. Por falta de pagamento a luz tinha sido cortada.

A noite parecia longa. Jorge virava prá cá, virava prá lá.

Fazia planos.

Se perguntava: "E se não der certo, o que será de nós?"

Jorge remoia planos e dúvidas sobre o futuro.

Insônia.

Era preciso dormir, prá amanhã começar no novo emprego.

Tentou desligar-se do caso.

Contou números de frente prá trás, de trás prá frente. . .

Enfim dormiu.

Manhã de inverno.

6 horas.

Escuro.

Pelas ruas da favela, Jorge sai tropeçando até a oficina do Manezinho, lá no centro do bairro.

A oficina só abria às 7 horas, Jorge tinha tempo de folga, mas corria.

Frio danado.

35 minutos na porta da oficina.

Na oficina tudo era novidade. Jorge queria ver, entender e fazer tudo.

O homem estava com fome de trabalho. Manezinho chegou a dizer:

- *Vai devagar, companheiro!*

Jorge estava eufórico:

- *Até que este serviço não é tão difícil!*

E já ia planejando como aprender a fazer tudo direitinho.

Um.

Dois.

Três dias.

Uma semana.

Jorge já não se sentia marinheiro de primeira viagem. Trocava e consertava pneus, faróis etc.

Um mês.

Jorge queria aprender mais. Ficava olhando o Manezinho abrir motores, mexer peça por peça.

Pensava:

"Preciso entender como funciona um carburador, uma vela, um motor."

E foi aí que ele viu no fundo da oficina um motor velho e pensou:

"Será que o Manezinho ainda vai usar este motor? E se ele me deixar desmontar e montar o motor prá eu ir aprendendo. . ."

E foi falar com Manezinho.

O motor era imprestável. Nas horas de folga o Jorge poderia ir aprendendo com o motor. O Manezinho até se ofereceu para explicações.

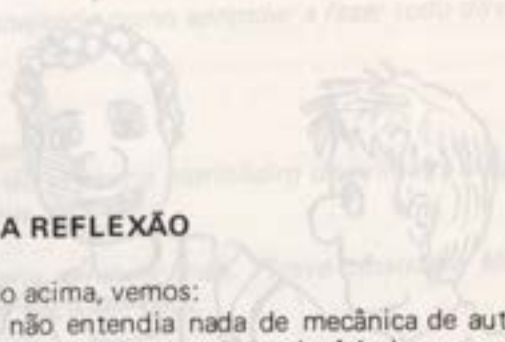
Desde então, sobrava um tempinho e lá estava o Jorge desmontando e montando o motor. Vendo peça por peça. Montava uma parte. Não estava certo. Coçava a cabeça. Pedia explicação ao Manezinho. Lia livros técnicos e manuais. Desmontava novamente e remontava. Até acertar.

Assim Jorge foi se especializando. Com o tempo, formou sociedade com o Manezinho. . .

PARA REFLETIR EM GRUPO

- Que experiência o Jorge tinha quando começou a trabalhar na oficina do Manezinho?
- Como ele foi aprendendo e se formando mecânico?
- A experiência do Jorge mostra algum caminho para a formação na Pastoral Operária? Qual?





AVANÇANDO A REFLEXÃO

No exemplo acima, vemos:

— O Jorge não entendia nada de mecânica de automóvel, mas tinha experiência de torneiro mecânico (**prática**).

— Jorge começou a trabalhar na oficina a partir de sua experiência e das explicações do Manezinho.

Trocando pneus, faróis, . . . consertando carros foi aprendendo a consertar carros.

Juntando sua experiência e conhecimentos com a experiência e explicações do Manezinho foi treinando, aprendendo, se formando mecânico de automóvel.

Da mesma forma acontece na Pastoral Operária.

Na mecânica, para trabalhar e aprender, Jorge não tinha as mãos vazias. Ele usava ferramentas para trabalhar. Usando essas ferramentas, ele foi **aprendendo a trabalhar e se formando** mecânico.

Assim, como o Jorge usou ferramentas para a sua formação, a Pastoral Operária também usa uma ferramenta na formação de seus membros. Essa ferramenta de trabalho se chama **prática-Teoria-Prática (p-T-P) (Ver-Julgar-Agir)**.

Ela é usada no estudo do dia-a-dia do trabalhador, no estudo da sociedade, no planejamento da ação e na **Revisão da Vida Operária**.

Mas como funciona esta ferramenta?

Primeiro o trabalhador (grupo de Pastoral Operária) escolhe um caso para estudar e define para que deseja estudar este caso (objetivos do estudo).

— **Descreve** este caso a partir da sua experiência e da sua observação da realidade: **prática** (Ver).

— Depois estuda, **troca experiências e aprofunda sua visão sobre o caso: Teoria** (Julgar).

— Por fim, com uma nova visão do caso, o trabalhador volta para a luta do dia-a-dia, agora numa forma mais organizada, consciente e eficiente: **Prática** (Agir).

Como percebemos, esta ferramenta ajuda o trabalhador a ter clareza, organização e eficiência na ação.

Assim como o Jorge lá na oficina, o grupo de Pastoral Operária precisa:

- conhecer a utilidade de sua ferramenta de trabalho;
- aprender a usar essa ferramenta.

Por isso, a partir de agora iremos aprofundar nosso estudo sobre a **p-T-P**.

APROFUNDANDO A prática-Teoria-Prática

Vejamos como a Pastoral Operária usa a **p-T-P** no planejamento da ação e na **Revisão da Vida Operária**.

1º momento: definição dos objetivos (teoria)

A **prática-Teoria-Prática**, num primeiro momento, exige que se **defina o caso que vamos estudar e aonde queremos chegar** com este estudo (o Jorge, por exemplo, quer estudar aquele motor para aprender a consertar aquele tipo de motor). É o momento de definir e ter claro os **objetivos do nosso estudo**.

2º momento: descrição do caso a ser estudado (prática)

É o momento de observar, de coletar dados sobre o caso ou a prática escolhida e sobre seus atores. Muitas vezes, para levantar estes dados, precisamos pesquisar, ouvir os atores, recolher dados que não estão disponíveis, esclarecer o cenário em que o caso ou a prática se desenrola. . .

3º momento: preparando o material recolhido para ser estudado (Teoria)

O 3º momento (Teoria) pede para prepararmos o campo para o estudo (análise) do caso/da prática, organizando e agrupando o material recolhido no 2º momento. É a hora de ordenar esse material, definir o que é mais importante ou menos importante focalizar no estudo, escolher os recortes a fazer e ferramentas a utilizar para melhor estudar o caso, as informações adicionais a incluir (outras teorias, outras experiências já estudadas) e os passos a seguir no estudo (o método).

Para isso, de acordo com o próprio grupo, procura-se:

- Escolher o(s) **acontecimento(s)** mais decisivo(s) neste caso/prática (o acontecimento escolhido será o foco central de nosso estudo).
- Organizar hierarquicamente os **atores** (pessoas-grupos) de acordo com a influência de cada um neste caso/prática (elimine os menos importantes).
- Ver com o grupo, os próximos passos do estudo:
 - a) a ferramenta (método) para melhor estudar o caso;
 - b) as informações a acrescentar (outras experiências já estudadas).

4º momento: estudando o caso (Teoria)

Até agora vimos como o caso está aparecendo aos nossos olhos. Como o Jorge, vimos o motor e as peças só por fora. Agora é hora de estudar o motor **por dentro**. É hora de estudar o caso **profundamente**. Ir além das aparências.

Este é o momento de abrir, **desmontar** o motor, estudar parte por parte (**análise**). Estudar o caso profundamente.

É hora de estudarmos os dados obtidos no levantamento do caso, à luz da nossa experiência e do conhecimento universal acumulado. É hora de julgar, decompor o caso que estamos estudando em seus diversos componentes: os atores envolvidos, seus interesses, necessidades, desejos, comportamentos, os problemas e as contradições entre eles etc.

Este é o momento em que o Jorge sente a necessidade de buscar num livro ou manual as funções de cada peça do motor ou dicas sobre possíveis defeitos nas peças ou no seu modo de funcionar.

Da mesma forma, neste momento, pode-se acrescentar informações que estão fora do campo de experiências dos participantes, informações que lhes dêem uma visão sócio-político-econômico-ideológica do caso estudado. Por exemplo, outras experiências históricas já estudadas (teorizadas): o funcionamento da sociedade, a história da classe operária, a história do povo de Deus, a prática social da Igreja etc.

Mas todas essas reflexões devem orientar-se para reforçar a nossa capacidade de estudar e compreender o caso em toda a sua profundidade e alcance e não distrair-nos dele ou fazer-nos estudar o caso mecanicamente, como se fossem os outros casos.

5º momento: síntese do estudo feito (teorização do caso, da prática)

Até agora estudamos o caso parte por parte, o motor peça por peça. Desmontamos o motor. Agora as peças estão soltas pelo chão, precisando ser remontadas para o motor funcionar. Desmontamos o caso parte por parte. Agora precisamos remontar o caso: é a **síntese**.

Como o Jorge, vamos recolher as peças espalhadas pelo chão, vamos **remontar** o motor não só isoladamente, mas também no contexto que lhe dá razão de ser: caminhão, carro. . .

Síntese é o trabalho de **remontar** o motor e instalá-lo de volta no carro. O mesmo acontece com a síntese do caso estudado: é recompor os componentes do caso para se ter uma visão global do caso, recolocá-lo no seu contexto e, assim, confirmar ou redefinir nossos objetivos e atitudes. É a hora de planejar a nossa ação (prática) a partir do caso estudado, tendo em mente que este caso não existe isolado, mas dentro de um contexto mais amplo da sociedade.

Retorno à Prática

O estudo do caso terminou.

Depois disso muita coisa mudou em nós.

Ele abriu nossos olhos.

- nos deu uma **visão mais clara do caso** (da prática) estudado
- **questionou nosso comportamento** diante do caso
- **ajudou a definir nosso comportamento** daqui pra frente

É hora de voltar para nosso feijão com arroz: **Prática**. Ação no grupo de Pastoral Operária, na comunidade, em casa, no trabalho, no sindicato, no partido, na associação de moradores etc.

Mas esta nossa **Prática** já não será a mesma de antes, pois foi **enriquecida** com nosso estudo. Teremos "novo" comportamento diante do caso daqui prá frente. O Jorge estudou aquele motor. Se enriqueceu. Agora ele tem mais claro o que e como fazer diante de um motor daquela marca e com o mesmo defeito.

A **Revisão da Vida Operária**, o uso da ferramenta **p-T-P (Ver-Julgar-Agir)** é um momento privilegiado de formação na Pastoral Operária. É um momento em que a turma da Pastoral Operária faz uma pausa na ação (prática) para rever, pesquisar, confrontar sua ação com o seu compromisso com a classe operária e com Jesus Cristo. Dessa forma, acumula novos conhecimentos para voltar à Prática, agora uma Prática superior à anterior (por isso a escrevemos com "p" maiúsculo).

No futuro, esta nova prática será estudada novamente (revisão), resultando daí nova **Prática**. E assim o trabalhador vai se formando a partir de sua vida concreta e da visão de mundo que vai adquirindo...

Como vemos, a **RVO** é um momento privilegiado de **teorização** precedido e sucedido pela ação (prática) da turma da Pastoral Operária.

PARA REFLETIR EM GRUPO

- O que é Revisão da Vida Operária?
- Qual a ferramenta que a Pastoral Operária usa na Revisão da Vida Operária?
- Dizer, em poucas palavras, como funciona essa ferramenta.
- Em que casos podemos usar essa ferramenta?

RESUMINDO

Jorge queria estudar um motor. Tinha alguma experiência e conhecimentos de mecânica. Mas precisava de uma ferramenta para fazer este trabalho (estudo). Para isso usou chave de boca, chave de fenda etc.



O mesmo acontece com a **Revisão da Vida Operária**, com a formação na Pastoral Operária.

No seu dia-a-dia o grupo de Pastoral Operária vai estudando os casos que vão aparecendo:

- a nível da Pastoral Operária (formação dos membros da Pastoral Operária, criação de novos grupos, organização, Pastoral Operária e Igreja etc.)
- a nível do trabalho (casos no serviço, no sindicato etc.)
- a nível do movimento popular (creches, habitação, terra, luz etc.)
- a nível da política-partidária (eleições, Constituinte etc.)

Para estudar todos esses casos, para fazer a **Revisão da Vida Operária**, a Pastoral Operária tem uma chave importantíssima que é a ferramenta chamada **prática-Teoria-Prática (Ver-Julgar-Agir)**.

Esta ferramenta serve para estudar qualquer caso, qualquer prática da Pastoral Operária. Basta **fazer** algumas **adaptações**. No início teremos alguma dificuldade para usar essa ferramenta. Com o tempo e a experiência veremos que esta ferramenta é de fácil manejo, útil e necessária.

Por causa do cansaço, a falta de tempo, as preocupações de cada dia, é freqüente que numa reunião de Pastoral Operária os momentos da **prática-Teoria-Prática** sejam divididos em várias reuniões.

Além disso, certos aspectos da revisão da vida precisam, às vezes, de um conhecimento maior que só vem através de estudos mais amplos da realidade sindical, econômica, ideológica, política, social e eclesial. Vai ser necessário programar um encontro mais comprido. Vai ser preciso participar de cursos, encontros, seminários, debates que são programados aqui e ali para maior domínio das questões que enfrentamos.

A nível da política e da economia será preciso ter mais claro como funciona a sociedade.

A nível do movimento operário será preciso conhecer melhor a história da classe operária e a história do sindicalismo brasileiro, debater a estrutura sindical.

A nível da fé será bom saber como se faz uma re-leitura da Bíblia a partir da ótica do trabalhador para se ter uma melhor noção do projeto de Deus. Para isso, será importante saber como funcionava a sociedade no tempo de Jesus.

Será importante, também, motivarmos o grupo a promover celebrações próprias e ecumênicas, inclusive, com toda a comunidade (por exemplo no 1º de Maio, durante as greves, acidentes de trabalho etc.).

ALGUNS LIVROS QUE ESCLARECEM O ASSUNTO

PO-SP - Pastoral Operária: situação, método, proposta

Clodovis Boff - Como trabalhar com o povo - Editora Vozes/IBASE.

Jó Rezende - Como se faz a luta de bairros - Ed. Vozes/IBASE.

Herbert José Souza - Como se faz análise de conjuntura - Ed. Vozes/IBASE.

Oscar Jara - Concepção dialética da educação popular - Texto de apoio 2 - fone (011) 864-6162 (CEPIS).

Romualdo Dias - Construindo a organização popular - Texto de apoio 3 - fone (011) 864-6162 (CEPIS).

FSLN - Planejamento no trabalho de massas - Texto de apoio 4 - fone (011) 864-6162 (CEPIS).

CEPA-Nicarágua - Dinâmicas para análise de estrutura da sociedade - Texto de apoio 6 - fone (011) 864-6162 (CEPIS).

FASE - Análise de estrutura e conjuntura - fone (021) 286-6797.

10

COMEÇANDO UM GRUPO DE PASTORAL OPERÁRIA

Até agora vimos:

- O que é a Pastoral Operária
- seu papel
- a ferramenta de trabalho da Pastoral Operária (vimos como esta ferramenta funciona e para que serve)

Depois desse estudo, nossa vontade é sair criando grupos de Pastoral Operária por aí.

Para esta tarefa iremos usar a ferramenta **prática-Teoria-Prática**. Ela vai apontar caminhos de como iniciar nosso grupo de Pastoral Operária.

Esta será a primeira vez que usaremos esta ferramenta sozinhos. Será preciso ter paciência no começo. Teremos alguma dificuldade, mas isto é normal acontecer quando estamos aprendendo a manusear uma ferramenta que ainda não conhecemos. O importante é não desanimar, ir fazendo cada passo da **prática-Teoria-Prática** com paciência e atenção. No fim veremos o fruto.

Topamos a parada?

Então mãos à obra!

APLICANDO A prática-Teoria-Prática NA CRIAÇÃO DE UM GRUPO DE PASTORAL OPERÁRIA

1º momento: definindo nossos objetivos (teoria)

Temos bem claro que nosso objetivo é criar um grupo de Pastoral Operária. Certo? Então, indo em frente, respondamos:

- Para que criar um grupo de Pastoral Operária?
- Para chegar aonde?
- E daí, seguir para onde?

2º momento: descrevendo o local onde queremos a Pastoral Operária (prática)

Neste momento devemos observar, coletar dados, pesquisar, ouvir as pessoas que poderão formar o nosso grupo de Pastoral Operária:

- Aonde queremos formar o grupo de Pastoral Operária?
- Como vive o trabalhador aí?
- Quais pessoas estão dispostas a participar desse grupo?
- Suas profissões?
- Onde moram?
- Alguma delas já tem alguma experiência com movimento popular, movimento sindical? Quais? Em quê?
- Que pessoas, grupos organizados, exercem influência sobre as pessoas que desejam iniciar a Pastoral Operária?
- Conhecemos algum grupo de Pastoral Operária?
- Que recursos temos para iniciar nosso grupo? (humanos, local de reunião, material para a organização e até financeiros).

3º momento: preparando o material recolhido para ser estudado (Teoria)

É hora de preparar o campo para estudar e conhecer o grupo, organizando e agrupando o material recolhido no 2º momento. É hora de ordenar esse material, definir o que é mais importante e menos importante focalizar. Definir a melhor forma de continuar o estudo e acrescentar informações.

Para isso, de acordo com as pessoas que desejam iniciar a Pastoral Operária, procure:

- Escolher o(s) **acontecimento(s)** mais marcante(s) na vida dos trabalhadores.
- Organizar hierarquicamente as **pessoas/grupos** de acordo com a sua importância na criação da Pastoral Operária? (eliminar as menos importantes para facilitar o estudo).
- Ver, com aqueles que desejam iniciar a Pastoral Operária, os próximos passos do estudo:
 - a) a melhor maneira de continuar o estudo (método);
 - b) as informações a acrescentar (outras experiências conhecidas de como iniciar um grupo de Pastoral Operária).

4º momento: estudando, conhecendo o grupo (Teoria)

Até agora vimos como o grupo de Pastoral Operária aparece aos nossos olhos. Mas isto é muito pouco ainda. Precisamos conhecer este grupo profundamente, **ir além das aparências**. Para isso, iremos estudar agora os dados que levantamos. Julgaremos o grupo em seus diversos componentes: os atores envolvidos, interesses, necessidades, desejos, comportamentos, os problemas e as suas contradições.

- Quais dessas pessoas que desejam formar o grupo de Pastoral Operária têm mais influência sobre a classe operária?
- Que grupos representam?
- Quais os seus interesses em criar um grupo de Pastoral Operária?
- Que tipo de influência exercem sobre o movimento popular, sindical, político e na comunidade de fé?
- Quais as grandes questões que a criação desse grupo nos levanta? Por quê?
- Quais as nossas contradições, quando pensamos em criar esse grupo?
- Em que as experiências dos grupos de Pastoral Operária que conhecemos nos ajudam a criar o nosso grupo? (Aprofundar a experiência mais significativa.)
- Quais os nossos pontos fracos e fortes?
- Qual é o nosso ponto mais fraco e o mais forte?
- Quais os pontos fracos e fortes das outras pessoas, grupos, que têm influência sobre aqueles que desejam iniciar a Pastoral Operária?
- Qual desses é o seu ponto mais fraco e o mais forte?

Neste momento, pode-se acrescentar informações que possam ajudar na criação de um grupo de Pastoral Operária (exemplo: características de um grupo de Pastoral Operária, papel do animador, papel do coordenador etc.).

5º momento: síntese do estudo feito (Teoria)

Nossa cabeça está cheia de informações. É preciso pôr a casa em ordem, organizar nossa cabeça, planejar o nascimento do nosso grupo de Pastoral Operária. Para isso respondamos às questões:

- Qual a nossa contradição mais importante quando pensamos em criar um grupo de Pastoral Operária?
- É possível influirmos na criação desse grupo?
- Se possível, como agir a fim de elevar ao máximo essa influência?
- Com que forças podemos contar nessa tarefa?
- Com que forças não contar?
- Quais as tarefas daqui para frente para iniciarmos um grupo de Pastoral Operária?
 - tarefas a curto prazo
 - tarefas a médio prazo
 - tarefas a longo prazo
- Como pôr em prática estas tarefas?
- Quando? (calendário de atividades: data e horário)
- Onde? (local das atividades)
- Quem faz o quê? (distribuição de serviços)
- Com que equipamentos, recursos financeiros e humanos?

Nascimento do grupo de Pastoral Operária (Prática)

Companheiros, estamos com tudo na mão para iniciar nosso grupo de Pastoral Operária. Trata-se de arregaçar as mangas e pôr a mão na massa.

Comparem o exemplo do grupo do João, lá no início deste livrinho, com sua realidade. Vejam os pontos comuns. Vejam o que ele está fazendo e o que vocês podem fazer para iniciar o seu grupo.

E mãos à obra!

RESUMINDO

Talvez os companheiros estejam pensando:

Afinal, como vamos iniciar um grupo de Pastoral Operária? Falamos, falamos e não vimos nenhuma fórmula para essa tarefa...

Pois é, na verdade não existe fórmula pronta para se iniciar um grupo de Pastoral Operária. Existe, sim, experiências de como reunir trabalhadores cristãos preocupados em discutir seus casos... Dessas discussões, aos poucos, vai se formando o grupo de Pastoral Operária.

ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

Passos para iniciar um grupo de Pastoral Operária:

1º passo: *depois deste estudo, feito em particular ou em grupo, esquecer temporariamente este livrinho. Falar com os trabalhadores interessados em discutir seus casos no trabalho, no bairro etc. Combinar a data, o local e o horário da primeira reunião (lembrar de combinar sempre a data, o horário e o local da próxima reunião).*

2º passo: *fazer como o João, no segundo exemplo (veja na página 14 e seguintes, como ele agiu e tentar fazer o mesmo, lembrando que um grupo de Pastoral Operária nasce e sobrevive em cima dos interesses do grupo).*

3º passo: *quando o grupo estiver formado (e isto demora um pouco) retome o livrinho a partir do capítulo 2 (página 29 e seguintes). Lembre-se de pular o capítulo 1 que seu grupo está estudando na prática e o capítulo 10 "Começando um grupo de Pastoral Operária" (página 70 e seguintes) estudado para dar início ao seu grupo.*

Vá estudando o livrinho a partir do capítulo 2, desse jeito:

- *Recupere o conhecimento e a experiência do pessoal com as perguntas para refletir em grupo, que estão no início de cada capítulo.*
- *Acrescente novas informações ao grupo (passe as informações que você adquiriu ao estudar em particular o texto avançando a reflexão).*
- *Após esta discussão inicial e o levantamento dessas novas informações, volte ao trabalho de grupo com as perguntas que estão no final de cada capítulo.*

Peça para o pessoal retomar o estudo em casa. Se houver, distribua tarefas.

11

REVISANDO NOSSO GRUPO DE PASTORAL OPERÁRIA

Até o momento, desde o capítulo 2, viemos aprofundando nosso conhecimento sobre a Pastoral Operária. Afinal, somos um grupo com uma certa experiência e conhecimentos e desejamos dar um salto de qualidade, crescer.

Até agora estudamos:

- A Pastoral Operária e a Igreja.
- A Pastoral Operária e o Movimento Sindical.
- A Pastoral Operária e o Movimento Popular.
- A Pastoral Operária, a política e a política-partidária.
- A espiritualidade, a oração na Pastoral Operária.
- A formação na Pastoral Operária.
- A ferramenta que a Pastoral Operária usa na formação de seus membros.
- A liderança na Pastoral Operária.

Todo esse estudo nos fez crescer, por isso queremos rever como está nosso grupo de Pastoral Operária. E é isto o que vamos fazer agora.

Obs.: Esta reunião não foi preparada para um grupo iniciante, mas para um grupo de Pastoral Operária já formado, coordenações diocesanas, estaduais etc., com certa caminhada, precisando duma revisão profunda.

INTRODUÇÃO

Revisar nosso grupo de Pastoral Operária é examinar as causas de nossas vitórias e fracassos até o momento. Fracassos e vitórias em relação às nossas metas e objetivos. Examinar criticamente nosso desempenho e as contradições de nossa ação.

APLICANDO A p-T-P NA REVISÃO DO GRUPO DE PASTORAL OPERÁRIA

1º momento: definindo nossos objetivos (teoria)

Temos bem claro que nosso objetivo é revisar nosso grupo de Pastoral Operária. Certo? Então, vamos em frente.

- Para que desejamos revisar nosso grupo de Pastoral Operária? (Aonde queremos chegar com esta revisão?)

2º momento: descrevendo o nosso grupo de Pastoral Operária (prática)

Este é o momento de **coletar dados** de nosso grupo. É provável que precisemos pesquisar estes dados para termos uma visão mais clara de nosso grupo. Responde às perguntas:

- Quantas pessoas participam de nosso grupo de Pastoral Operária? Quais?
- A que categorias profissionais pertencem?
- Quantas estão sindicalizadas?
- Para onde foram as pessoas que saíram de nosso grupo?
- Que outras pessoas e grupos têm influído em nosso grupo?
- Que recursos possui nosso grupo? (humanos, local de reunião, material de organização, financeiros etc.)?
- Qual é a situação sócio-econômico-política dos trabalhadores no local onde existe nosso grupo?
- Quando nosso grupo surgiu, o que ele pretendia:
 - a nível amplo (objetivo geral)?
 - a nível particular (objetivo específico)?
- Em que áreas de ação nosso grupo está investindo mais?
- Em que áreas está investindo menos?
- Cite os acontecimentos principais que até agora marcaram nosso grupo e aprofundaram nossa identidade?
- Conhecemos outros grupos de Pastoral Operária? Quais?

3º momento: preparando o material recolhido para ser estudado (Teoria)

É hora de organizar e agrupar o material recolhido no 2º momento. É hora de definir o que é mais importante e o que é menos importante focalizar na revisão, definir a forma de continuar o estudo e acrescentar informações.

Para conseguir isso, o grupo procure:

- Escolher o **acontecimento** que mais marcou o próprio grupo.
- Escolher o **acontecimento** que está marcando mais a classe operária no meio onde existimos e atuamos.
- Organizar hierarquicamente as pessoas/grupos que mais têm influenciado o nosso grupo de Pastoral Operária.
- Ver os próximos passos do estudo:
 - a) a ferramenta (método) para melhor rever o grupo;
 - b) as informações a acrescentar (outras experiências já estudadas).

4º momento: revendo nosso grupo (Teoria)

Até agora vimos como nosso grupo de Pastoral Operária aparece aos nossos olhos. Mas precisamos conhecer, rever nosso grupo a fundo, **ir além das aparências**.

Vamos rever nosso grupo nos seus diversos componentes: os atores envolvidos, seus interesses, necessidades, desejos, comportamentos, os problemas e as contradições entre eles:

Para isso, vamos estudar os dados levantados sobre o nosso grupo:

- Quais dessas pessoas (grupos) estão influenciando mais nosso grupo? Por quê?
- Que tipo de influência estão tendo sobre nós?
- Que grupos representam?
- Quais os seus interesses?
- Quais as grandes questões locais e nacionais do momento?
- Quais as nossas contradições diante destas questões?
- Em que os grupos de Pastoral Operária que conhecemos nos ajudam a revisar nosso grupo?
- Como estamos respondendo aos apelos do Evangelho?

- Que intensidade de luz, sal e fermento estamos sendo para a classe operária?
- Quais as forças e fraquezas das outras pessoas (grupos) que nos influenciam?
- Qual a sua maior força e maior fraqueza?
- Qual o seu poder de influência em nosso meio, no meio da classe trabalhadora, na Igreja e na sociedade?

Neste momento podemos acrescentar outras informações que nos ajudem a melhor rever nosso grupo (o que é Pastoral Operária, papel da Pastoral Operária, estudo do momento sócio-político-econômico-sindical-eclesial etc.).

5º momento: síntese da revisão do grupo

Estudamos profundamente nosso grupo. Nossa cabeça está cheia de informações, meia confusa. Precisamos pôr a casa em ordem, ter uma visão completa da nossa situação. Só assim teremos condições de confirmar ou redefinir os objetivos e as atividades de nosso grupo. Para isso, respondamos:

- Qual a força que movimenta nosso grupo de Pastoral Operária?
- Qual o papel específico de um grupo de Pastoral Operária?
- Qual a contradição que confunde nosso grupo?
- Como podemos superar esta contradição?
- Com que forças podemos contar nessa tarefa?
- Com que forças não podemos contar?
- Diante das grandes questões locais e nacionais levantadas, e da situação do grupo, que passos significativos podemos dar?
 - a longo prazo
 - a médio prazo
 - a curto prazo
- Como faremos isto? (Preparar o calendário de atividades, distribuir tarefas etc.)

Volta à ação (Prática)

Depois de um estudo tão profundo estamos em condições de caminhar com mais segurança. É hora de voltarmos ao nosso feijão com arroz.

Obs.: Recomendamos que, periodicamente, por ocasião do planejamento da Pastoral Operária (exemplo das Assembléias anuais) se faça este tipo de revisão. O esquema para este tipo de reunião é este mesmo com pouca mudança. O que variará é o conteúdo, fruto das experiências acumuladas pelo grupo que faz a revisão, e das informações acrescentadas durante o estudo.

LIVRO QUE ESCLARECE O ASSUNTO

ACO - Revisão de Vida: conhecer para transformar (Ver-Julgar-Agir pelos 4 lados).

ALGUNS LEMBRETES

Queremos, antes de concluir, fazer alguns lembretes a partir de nossa experiência, que pensamos poder ajudar na implantação e crescimento do seu grupo de Pastoral Operária.

— Até agora, iniciamos muitos grupos de Pastoral Operária, reunindo trabalhadores e explicando o que é Pastoral Operária. Evite isso. É uma grande violência que cometemos contra nós mesmos. Procure reunir trabalhadores interessados em discutir seus casos. A partir de suas discussões, aos poucos surgirá seu grupo de Pastoral Operária. Lembre-se da nossa ferramenta **prática-Teoria-Prática (Ver-Julgar-Agir)**.

— Não esqueça, a **Revisão da Vida Operária** é um dos segredos do bom funcionamento da Pastoral Operária. As reuniões do grupo são quase sempre Revisão da Vida Operária em cima de casos concretos vividos pelos participantes do grupo. No entanto, é necessário fazer periodicamente uma avaliação mais profunda do funcionamento do grupo.

— Se conseguirmos, é importante, termos o acompanhamento de padres, irmãos, etc. que nos respeitem como trabalhadores cristãos adultos e nos ajudem a pensar nossa fé a partir de nossa realidade de trabalhadores. Eles serão nossos animadores e não os condutores da Pastoral Operária. Quem conduz a Pastoral Operária são os próprios trabalhadores cristãos, adultos na fé.

— Marque sempre o local, a data e o horário da próxima reunião. Se possível, lembre sempre aos companheiros...

— Seria bom definir, no final da reunião, o assunto da próxima e pedir que os companheiros viessem preparados para o assunto.

— Apesar do assunto da reunião estar definido, ele não pode amarrar o grupo. Se aparecer um assunto mais urgente, este assunto precisa ser abordado.

— Evite reuniões muito longas e cansativas.

— Evite cancelar e atrasar as reuniões marcadas. Isto esvazia o grupo, desmotiva o trabalhador... Reunião convocada, mesmo com pouca presença, deve acontecer, pois cada trabalhador é importante...

— Procure tratar de assuntos concretos nas reuniões e no final fazer uma pequena avaliação do encontro e decidir em grupo o que fazer.

PARA REFLETIR EM GRUPO

- O que achamos desses lembretes para um grupo de Pastoral Operária?
- Discuta cada um desses lembretes e levante outros.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

CPO - INFORMA (Informativo quinzenal da Comissão de Pastoral Operária Nacional - acompanha o Boletim da CPO).

BOLETIM DA CPO (boletim mensal da Comissão de Pastoral Operária Nacional - assinatura paga).

ALGUNS ENDEREÇOS ÚTEIS

Secretariado Nacional de Pastoral Operária
Av. Pres. Kennedy, 1861 - sala 11
25.020 - Duque de Caxias - RJ
Fone (021) 771-3459

ACO - Secretariado Nacional
Rua do Chichorro, 62 (sobrado) - Catumbi
22.211 - Rio de Janeiro - RJ
Fone (021) 242-7722

ACR - Ação Católica Rural
Rua do Giriquiti, 48
50.000 - Recife - PE
Fone (081) 231-3177/221-5984

CIMI - Secretariado Nacional
Cx. Postal 11.1159
70.084 - Brasília - DF
Fone (061) 225-9457

CPP - Comissão Pastoral dos Pescadores
Rua Gervásio Pires, 829
50.000 - Recife - PE

CPT - Secretariado Nacional
Cx. Postal 749
74.000 - Goiânia - GO
Fone (062) 223-4039

JOC - Juventude Op. Católica
Rua Condessa de S. Joaquim, 215
Bela Vista - 01.230 - São Paulo - SP
Fone (011) 278-0099

Mov. Trabalhadores R. Sem Terra
Rua Ministro Godoy, 1484 - Perdizes
05015 - São Paulo - SP
Fone (011) 864-8977

SECRETARIADOS DA PO E CONTATOS

Pastoral Operária
Rua Francisco Fernandes, 205 - Pajussara
57.000 - Macaé - AL
Fone (082) 223-6789

Pastoral Operária
Rua Tapajós, 54.509
69.000 - Manaus - AM
Fone (092) 233-0322 (recado)

Pe. Ângelo Da Maren (contato)
Casa da Prelazia
Cx. Postal, 52
68.900 - Macapá - AP
Fone (096) 421-1240

Pastoral Operária
Pça da Sé, 1
40.000 - Salvador - BA
Fone (071) 243-5411

Pastoral Operária
Trav. Sobral s/n
60.000 - Fortaleza - CE
Fone (085) 231-8826

Pastoral Operária
Cx. Postal 107
29.000 - Vitória - ES
Fone (027) 223-6711/223-5952

Comissão Pastoral Operária
Cx. Postal, 174 / SPAR
74.000 - Goiânia - GO
Fone (062) 223-0758

Pastoral Operária
Cx. Postal 11
65.000 - São Luís - MA
Fone (098) 221-2676

Comissão de Pastoral Operária
Av. 3, nº 1.083 - Cidade Industrial
32.000 - Contagem - MG
Fone (031) 333-2672

Pastoral Operária
Rua Rui Barbosa, 3.300
79.015 - Campo Grande - MS
Fone (067) 624-8651

Pe. José Ten Cate (contato)
Par. N. Sra do Rosário
Cx. Postal 884
78.001 - Cuiabá - MT
Fone (085) 322-5473

Pastoral Operária
Mosteiro de S. Bento
Av. Gal. Osório, s/n
58.100 - João Pessoa - PB
Fone (083) 221-4705

Pastoral Operária
Rua do Giriquiti, 48
50.000 - Recife - PE
Fone (081) 231-3177/221-5984

Pastoral Operária
Rua Desembargador Freitas, 1.599
Edifício Paulo VI
64.000 - Teresina - PI

Comissão Pastoral Operária
Rua Paula Gomes, 703
80.510 - Curitiba - PR
Fone (041) 234-7833

Pastoral Operária Estadual
Av. Mal. Floriano Peixoto, 2260
26.000 - Nova Iguaçu - RJ
Fone (021) 767-8570 (provisório)

Pastoral Operária
Cx. Postal 84.540
27.180 - Volta Redonda - RJ
Fone (0243) 42-3648/43-0939

Pastoral Operária
Cx. Postal 227
Pça. Pio X, 335
59.000 - Natal - RN
Fone (084) 222-0586

Pastoral Operária
Cx. Postal 131
78.930 - Ji-Paraná - RO
Fone (069) 421-3600

Pastoral Operária
Rua Dr. Flores, 105 s/ 412
90.020 - Porto Alegre - RS
Fone (0512) 40-2234

Pastoral Operária
Cx. Postal D-55
89.500 - Caçador - SC
Fone (0496) 62-0045

Pastoral Operária Estadual e Diocesana
Rua Wenceslau Braz, 78 s/ 113
01.016 - São Paulo - SP
Fone (011) 36-5531

Pastoral Operária
Pça. do Carmo, 36
09.000 - Santo André - SP
Fone (011) 449-2077

Pastoral Operária
Rua Pe. Lustosa, 292
Cx. Postal 59
09.700 - S. Bernardo do Campo - SP

Pastoral Operária
Rua Irma Serafina, 88
13.100 - Campinas - SP
Fone (0192) 31-7122

INFORMAÇÕES ÚTEIS

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

OUTRAS SUGESTÕES DE LEITURA

- Vários Autores — *Bebê do sindicato* — Ed. Paulinas.
- Ricardo C. Antunes — *O que é sindicalismo* — Col. "Primeiros Passos" — Editora Brasiliense.
- CPO NACIONAL — *A classe operária e o Movimento Sindical do Brasil (roteiro para curso de formação sindical)*.
- ACO — *História da classe operária (5 cadernos)*.
- CEDEC — *Sindicatos: autonomia e unidade* — Editora Vozes.
- Ricardo Antunes e Carlos Nogueira — *O que são comissões de fábrica* — Ed. Brasiliense.
- CEDAC — *Perspectivas do novo sindicalismo* — Editora Loyola.
- IDAC — *A empregada doméstica* — Fone (021) 239-7146.
- Vários Autores — *10 coisas sobre os direitos dos trabalhadores* — Editora Vozes.
- Cláudio Nascimento — *As lutas operárias autônomas e autogestionárias* — Fone (021) 242-9693 (CEDAC).
- ACO — *Manual do O: 100 anos de suor e sangue (homens e jornadas de luta operária do Nordeste)* — Editora Vozes.
- 13 de Maio — *8 horas: 19 de Maio ou 19 de Abril? História da jornada de trabalho no Brasil* — Fone (011) 572-6759.
- 13 de Maio — *Trabalhadores, muitas lutas uma só classe* — Fone (011) 572-6759.
- 13 de Maio — *Movimentos de bairros X Estado na América Latina* — Fone: (011) 572-6759.
- 13 de Maio — *A ilha da fantasia: a situação econômica em 14 quadros*.
- Vários Autores — *Desemprego, causas e conseqüências* — Pastoral Operária de São Bernardo do Campo — Ed. Paulinas.
- José Eli Veiga — *O que é Reforma Agrária* — Editora Brasiliense.
- Leo Maar W. — *O que é política* — Coleção "Primeiros Passos" — Editora Brasiliense.
- ACO — *Conhecer as sociedades*.
- CELADEC — *Como funciona a sociedade* — Coleção "Cadernos Populares" — Edições Paulinas.
- Diocese Juazeiro — *O povo descobre a sociedade: Capitalismo X Socialismo* — Edições Paulinas.
- Cláudio Nascimento — *A questão do socialismo da comuna de Paris à comuna de Gdansk* — Fone (021) 242-9693 (CEDAC).

ÍNDICE

Pág.:

- 4 — Introdução
- 5 — Roteiro para bom proveito deste livrinho
- 8 — 1. Como começa um grupo de Pastoral Operária
- 29 — 2. Pastoral Operária e Igreja
- 34 — 3. Campos de atuação da Pastoral Operária
- 41 — 4. Fé e oração na Pastoral Operária
- 46 — 5. A formação na Pastoral Operária
- 50 — 6. A liderança na Pastoral Operária
- 54 — 7. Papel do animador de grupos
- 56 — 8. Papel do coordenador de reuniões
- 58 — 9. A ferramenta da Pastoral Operária
- 70 — 10. Começando um grupo de Pastoral Operária
- 75 — 11. Revisando nosso grupo de Pastoral Operária
- 80 — Alguns lembretes
- 82 — Informações úteis
- 84 — Outras sugestões de leitura